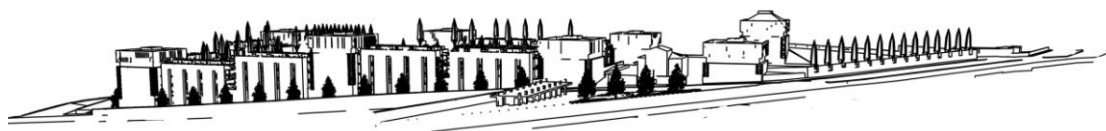




FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA

“A inclusão do cemitério no espaço da cidade”



Hugo Pereira de Carvalho

(Licenciado)

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientador Científico: Professor Doutor Luís Filipe Ferreira Afonso

Júri:

Presidente: Doutor José Jacob Cabido

Vogais:

Doutor Luís Afonso

Doutor João Figueira

Lisboa, FAUTL, Janeiro, 2012

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA

Título da dissertação: “A inclusão do cemitério no espaço da cidade”

Nome do Aluno: Hugo Pereira de Carvalho

Orientador: Doutor Arquitecto Luís Afonso

Mestrado Integrado em Arquitectura

Data: Janeiro, 2012.

Resumo

O presente Projecto Final de Mestrado pretende repensar o espaço cemiterial inserido num contexto urbano, encarando os desafios da integração e propondo soluções para um Lugar significativo a nível cultural e patrimonial como é o caso concreto da área envolvente ao Palácio da Ajuda.

Paralelamente, o Projecto tem também o objectivo de reinterpretar os modelos de concessão e morfogénese cemiterial, reorganizando-os de acordo com uma nova matriz que ordena e valoriza o lugar de preservação e evocação da memória dos Mortos.

No âmbito do desenvolvimento do projecto foi elaborado um estudo de duas obras que reconhecidamente se destacam de entre a produção de cemitérios no Século XX:

O cemitério de Modena concebido pelos Arquitectos *Aldo Rossi* (1931-1997) e *Braghieri* (1945-...), e o cemitério do Bosque em Estocolmo, dos Arquitectos Erik Gunnar Asplund (1885-1945) e Sigurd Lewerentz (1885-1975).

As razões da escolha destes dois cemitérios como casos de estudo resultam do antagonismo entre os conceitos que lhes correspondem:

No caso do primeiro, a construção da necrópole associada à cidade e, no caso do segundo, a menor densidade e o enquadramento na natureza e na continuidade do coberto vegetal.

No domínio da construção do processo criativo, o Projecto explora o Tema, a Ideia e a Imagem que sustentam a obra arquitectónica, bem como o papel dos elementos compositivos na construção de um sistema espacial que articula em si as diversas questões que contribuem para a sua identidade no plano das ordens Programática, Tipológica, Geométrica, Topológica, Tectónica e Poética.

Palavras chave: inclusão; cidade; limite; tipo; quarteirão; percurso.

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA

Título da Dissertação em Inglês: "Integrating the cemetery in the urban space "

Nome do Aluno: Hugo Pereira de Carvalho

Orientador: Doutor Arquitecto Luís Afonso

Mestrado Integrado em Arquitectura

Data: Janeiro, 2012.

Abstract

This Project for the Master's Degree in Architecture focuses on rethinking the organization of the space of the Cemetery in an urban setting, facing the challenges of its integration and proposing solutions for a Place of significance on the Cultural level and also within the framework of the National Heritage, which is the case of the area surrounding the Royal Palace of Ajuda.

At the same time, the Project also aims to achieve a reinterpretation of the models applying to cemeterial concession and morphogenesis, reorganizing them according to a new matrix that values and brings an order to the place for preserving and remembering the memory of the Dead.

The development of the Project led to a short study on two masterworks that stand out among Cemetery Projects of the 20th. Century:

The Modena Cemetery, by Aldo Rossi (1931-1997) and Braghieri (1945-...) and the Grove Cemetery in Stockholm, by Erik Gunnar Asplund (1885-1945) and Sigurd Lewerentz (...-...).

The reasons for selecting these two cemeteries as case studies can be found in their antagonistic concepts:

For the former, the construction of the necropolis associated to the city and, for the latter, its lesser density and its setting in nature and in the continuity of vegetation.

Putting together its creative process, the Project focuses on the Theme, the Idea and the Image that sustain the work of architecture, as well as the role of composition elements in the construction of a space system that joins within itself the various issues that contribute to its identity as Programmatic, Typological, Geometrical, Topological, Tectonic and Poetic orders.

Key-words: inclusion; city; limit; type; block; path.

AGRADECIMENTOS

Dedico este projecto aos meus pais.

Agradeço à minha mulher, sogra e prima Teresa pelo apoio e dedicação constantes.

Agradeço aos serviços de acção sociais pelos meios disponibilizados que me possibilitaram estudar.

À instituição Faculdade de Arquitectura e as pessoas que a constituem, funcionários, docentes, colegas de curso, a todos os quais devo uma palavra de agradecimento.

Ao meu orientador, o Professor Luís Afonso agradeço a dedicação, incentivo e acompanhamento ao longo das várias etapas deste Projecto.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
1. PERSPECTIVA HISTÓRICA: O CEMITÉRIO; O CEMITÉRIO EM PORTUGAL E O CEMITÉRIO DA AJUDA.....	3
1.1. O Cemitério.	3
1.2. O Cemitério ao longo dos tempos.....	5
1.3. O Cemitério em Portugal.....	7
1.4. O cemitério da Ajuda.....	9
2. LOCALIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO DO CEMITÉRIO DA AJUDA.....	13
2.1. Localização	13
2.2. Integração	16
2.3. Problemas não resolvidos	19
3. MODELOS DE CONCESSÃO (GESTÃO DO ESPAÇO CEMITERIAL)	21
3.1 Os modelos.....	21
3.2. Programa proposto para o cemitério da Ajuda.	23
4. CASOS DE ESTUDO / CEMITÉRIOS.....	27
4.1. Cemitério de San Cataldo, Modena, do Arqtº Aldo Rossi (1931-1997) (fig.10).....	27
4.2. Cemitério do Bosque, Estocolmo, ARQtº Erik Gunnar Asplund (1885-1940) (fig.13).....	31
5. CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA	37
5.1. Os tipos.....	37
5.2. Vantagens e desvantagens das tipologias.....	44
6. O DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL TURÍSTICO	47
6.1. O cemitério como espaço de passeio e representação social.	47
7. O PROJECTO.....	53
7.1. Análise e proposta.....	53
7.2. Composição e desenho	56

8. MEMÓRIA DESCRITIVA.....	63
9. CONCLUSÃO.....	75
BIBLIOGRAFIA.....	77
ANEXOS	79

Anexo 1

Fotos da envolvente ao cemitério da Ajuda:

Anexo 2

Esquissos de formação da proposta:

Anexo 3

Maqueta Digital:

Anexo 4

Desenhos Técnicos:

ÍNDICE DE IMAGENS

Fig. 1 "Régia Barraca", planta e legenda dos espaços.....	10
Fig. 2 Localização do Cemitério da Ajuda, mapa esquemático	13
Fig. 3 Enquadramento do Cemitério da Ajuda, ortofotomapa	13
Fig. 4 Confrontação Norte do Cemitério da Ajuda, fotografia aérea	14
Fig. 5 Confrontação Este do Cemitério da Ajuda, fotografia aérea.....	15
Fig. 6 Confrontação Sul do Cemitério da Ajuda, fotografia aérea	15
Fig. 7 Confrontação Oeste do Cemitério da Ajuda, fotografia aérea	15
Fig. 8 Cemitério de San Cataldo, Modena, do arqtº Aldo Rossi, imagens de satélite do conjunto do cemitério e área envolvente que foi parcialmente construída.....	18
Fig. 9 Enquadramento urbano do Cemitério da Ajuda, ortofotomapa	20
Fig. 10 Cemitério de San Cataldo, Modena, do arquitecto Aldo Rossi, planta de cobertura do conjunto do cemitério e área envolvente.....	29
Fig. 11 Cemitério de San Cataldo na cidade italiana de Modena, do arqtº Cesar Costa, fotografia.....	29
Fig. 12 Cemitério de San Cataldo, Modena, do arqtº Aldo Rossi, fotografia.....	30
Fig. 13 Cemitério do Bosque, Estocolmo do arqtº Erik Gunnar Asplund, fotografias.....	32
Fig. 14 Woodland Chapel, Estocolmo do arqtº Erik Gunnar Asplund, fotografias	33
Fig. 15 Crematório do cemitério de Skogskyrkogarden (1935 - 1940), do arqtº Erik Gunnar Asplund, desenhos técnicos e fotografias.....	34
Fig. 16 Cemitério-Museu, em cima foto de cemitério-Claustro, em baixo plantas de modelos de Campo Santo.....	38
Fig. 17 Cemitério-Jardim, várias gravuras de exemplos que explicitam o conceito.....	39
Fig. 18 Cemitério vertical Memorial, em 1991, bairro do Marapé - Santos, Brasil.....	43
Fig. 19 Cemitério vertical Memorial, futura ampliação - Santos, Brasil	43
Fig. 20 Cartazes promocionais dos cemitérios do Porto.....	49

Fig. 21 Projecto proposto, a Capela como referencial de memória e identidade do local, render de modelo 3d e fotomontagem com imagens de satélite do local de intervenção..... 59

ÍNDICE DE ANEXOS

Fotos da envolvente ao cemitério da Ajuda:

Esquissos de formação da proposta:

Maqueta Digital:

Desenhos Técnicos:

Anexo 01: Localização do Cemitério da Ajuda, na cidade de Lisboa, Envolvente urbana próxima, Escalas 1/20000 e 1/5000

Anexo 02: Painel síntese

Anexo 03: Morfologia de Conjunto, escala 1/2000

Anexo 04: Plantas Gerais - 03 (cota 99.50) e - 02 (cota 101.50), escala 1/500

Anexo 05: Planta Geral - 01 (cota 105.00), escala 1/500

Anexo 06: Planta Geral 00 (cota 107.50), escala 1/500

Anexo 07: Planta Geral 01 (cota 114.00), escala 1/500

Anexo 08: Planta de Cobertura, escala 1/500

Anexo 09: Cortes; Alçados, escala 1/500

Anexo 10: Cortes; Alçados, escala 1/500

Anexo 11: Cortes; Alçados, escala 1/500

Anexo 12: Cortes; Alçados, escala 1/500

Anexo 13: Planta parcial da área de entrada (cota 107.50), escala 1/200

Anexo 14: Planta parcial da área de entrada (cota 111.60), escala 1/200

Anexo 15: Planta parcial da área de entrada (cota 114.65), escala 1/200

Anexo 16: Cortes; Alçados, escala 1/200

Anexo 17: Planta parcial da área envolvente ao crematório (cota 107.50), escala 1/200

Anexo 18: Planta parcial da área envolvente ao crematório (cota 113.00), escala 1/200

Anexo 19: Planta parcial da área envolvente ao crematório (cota 117.00), escala 1/200

Anexo 20: Cortes; Alçados, escala 1/200

Anexo 21: Plantas pisos principais do crematório, escala 1/100

Anexo 22: Cortes; Alçados, escala 1/100

Anexo 23: Projecto de execução Crematório piso -01 (cota 105.00), escala 1/50

Anexo 24: Projecto de execução Crematório piso 00 (cota 107.60), escala 1/50

Anexo 25: Projecto de execução Crematório piso técnico (cota 110.38), escala 1/50

Anexo 26: Projecto de execução Crematório piso 01 (cota 113.00), escala 1/50

Anexo 27: Projecto de execução Crematório piso 02 (cota 114.70), escala 1/50

Anexo 28: Projecto de execução Crematório planta de cobertura (cota 130.00), escala 1/50

Anexo 29: Projecto de execução Crematório planta de tectos do piso 00, escala 1/50

Anexo 30: Projecto de execução Crematório planta de tectos do piso 01, escala 1/50

Anexo 31: Projecto de execução Crematório, corte AA, escala 1/50

Anexo 32: Projecto de execução Crematório, corte BB, escala 1/50

Anexo 33: Projecto de execução Crematório, corte CC, escala 1/50

Anexo 34: Projecto de execução Crematório, corte DD, escala 1/50

Anexo 35: Projecto de execução Crematório, Alçado Poente, escala 1/50

Anexo 36: Projecto de execução Crematório, Alçado Norte, escala 1/50

Anexo 37: Projecto de execução Crematório, Alçado Nascente, escala 1/50

Anexo 38: Projecto de execução Crematório, Alçado Sul, escala 1/50

Anexo 39: Projecto de execução Crematório, Pormenorização 1/20

Anexo 40: Projecto de execução Crematório, Pormenorização 1/20

Anexo 41: Projecto de execução Crematório, Pormenorização 1/20 e 1/5

Anexo 42: Modelo 3d

INTRODUÇÃO

Este estudo, desenvolvido no âmbito da disciplina de Projecto Final de Mestrado, ganhou os seus contornos com base no tema proposto pelo Professor Catedrático Rui Barreiros Duarte, que correspondia ao desenho e inserção de um edifício num troço significativo da área envolvente ao Palácio da Ajuda, pretendendo-se assim desenvolver e integrar a reflexão sobre a relação da arquitectura contemporânea com o património existente no local. Nesse sentido, foi definido um polígono de intervenção onde foi incluída parte da área adjacente ao antigo cemitério da Ajuda. Esta área, devido à multiplicidade de factos urbanos de origens temporais díspares, suscitou um interesse particular no estudo do tema e na redefinição da zona envolvente ao cemitério (Largo do cemitério e Calçada do Galvão). Para além deste, a outra grande área de interesse prendeu-se com o repensar e reinterpretar o espaço cemiterial, um factor em que se impunha o conhecimento da vasta tradição cultural no campo da expressão física da morte no espaço do cemitério.

Tornou-se também, indispensável compreender as implicações da integração do cemitério na malha urbana da cidade, e a inserção de um equipamento como um crematório no espaço cemiterial urbano.

O projecto pretende explorar uma solução específica para o cemitério da Ajuda, que passou por uma reinterpretação e refundação de conceitos de 'Cemitério - Museu' e de 'Cemitério Arquitectural' no contexto urbano da Ajuda.

No desenvolvimento e gestão do presente projecto, foram abordados dois casos incontornáveis na produção de cemitérios no século XX: Em primeiro lugar, o cemitério de Modena do Arquitecto Aldo Rossi e, em segundo lugar, o cemitério do Bosque em Estocolmo, de Erik Gunnar Asplund.

Estes dois exemplos foram o ponto de partida para o desenvolvimento de um estudo que serviu de suporte à resolução do Projecto, incidindo nos espaços de entrada e nos seus limites – que garantem a inserção na malha urbana da cidade - com o objectivo de preservar a memória num Espaço / Lugar de reflexão e despedida, recolhimento e contemplação, numa atmosfera tranquila e qualificada.

Numa última fase propõe-se o desenvolvimento de um equipamento específico do cemitério, um crematório o qual será desenvolvido até ao projecto de execução, com foco na pormenorização de algumas áreas de maior interesse na compreensão dos processos construtivos.

1. PERSPECTIVA HISTÓRICA: O CEMITÉRIO; O CEMITÉRIO EM PORTUGAL E O CEMITÉRIO DA AJUDA.

1.1. O Cemitério.

A palavra cemitério vem do grego *koimetérion*, “dormitório” e do latim *coemeteriu*, que inicialmente designava, o lugar onde se dorme, quarto, dormitório. Sob a influência do cristianismo, o termo adquiriu o sentido de campo de descanso após a morte. O cemitério também é conhecido como necrópole, sepulcrário e “última morada”.

A palavra cemitério teve uma evolução semântica ao longo do tempo, impondo-se definitivamente na língua francesa, desde o século XVI. Na língua inglesa, o emprego da palavra *cemetery* na linguagem corrente surgiu mais tarde. *Churchyard* e *graveyard* só foram substituídas por *cemetery* no século XIX e para designar, por oposição, uma outra forma de cemitério, o *rural cemetery* (MATOS, 2001¹). Na terminologia hebraica, o cemitério é designado por termos bastante surpreendentes: *Berth Olam* (casa da eternidade) e *Beth ha' hayim* (casa da vida).

Os cemitérios, são locais de vida, embora ocupados pelos mortos são também, museus que guardam parte da história humana. Ao longo dos tempos as cerimónias e os rituais de sepultamento, mesmo tendo em conta as diferenças de cultura, religião ou costumes familiares, são uma forma de assinalar a passagem da vida para a morte, de socializar a dor e iniciar um processo, por vezes, longo e doloroso de desvinculação para os familiares - o luto.

Vários estudos na vertente psicológica do luto, afirmam que mesmo aquelas pessoas que não vão ao cemitério frequentemente, pensam em como estará seu ente perdido naquele lugar, por exemplo quando chove ou faz frio é comum, principalmente em perdas recentes, que os enlutados se preocupem com o facto do ente perdido poder estar com frio ou ficar molhado pela chuva.

¹ MATOS, B.A. (2001) Avaliação da Ocorrência e do Transporte de Microrganismos no Aquífero Freático do Cemitério de Vila Nova Cachoeirinha, Município de São Paulo. São Paulo, 172 p. Tese (Doutorado). Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo.

Estes rituais fúnebres, por um lado aproximam a família da dor da perda, e por outro, proporcionam uma segurança psicológica, na medida em que direccionam o processo de luto, identificando locais e momentos para expressar a dor e o pesar, nesse sentido importa, então, olhar para o cemitério como "o lugar que guarda quem amámos".

Assim sendo, ao olharmos o cemitério como o local que guarda corpos que se decompõem com o tempo, não nos podemos esquecer que ele é o local onde vínculos familiares se perpetuam, vínculos que nunca se vão decompor ou desaparecer.

Por tudo isto, é preciso promover, aquilo a que se chama de socialização do processo de luto, através da criação de um espaço cemiterial com um ambiente acolhedor para receber amigos e familiares daqueles que partem, um local onde se mostre respeito e zelo com a sepultura, pois esta é vista pela família como o local de repouso final daquele que se ama, e por fim, um local onde se preza pelo silêncio, que simboliza a reflexão e homenagem àquele que não pode mais falar.

O cemitério, assume grande importância no fortalecimento das relações interpessoais e nos dinamismos sociais porque é um local de encontro e de partilha, de socialização, mas também de reflexão e retiro. É preciso ver o cemitério como um espaço que faz parte da vida quotidiana e que reflecte a nossa cultura.

Maria Noronha, no âmbito de um mestrado na *Central Saint Martins School of Art & Design*, afirma que o cemitério é uma cidade dentro da cidade, funcionando como o seu espelho onde se representa e reproduz numa escala diferente.

Na pesquisa efectuada para o seu trabalho, verificou que os cemitérios têm vindo a acompanhar a evolução dos tempos e apontam para a economia de espaço. "Os novos cemitérios respondem à procura de espaços que possam dar resposta às diferentes necessidades culturais, crenças e hábitos", o que vem alterar toda a sua concepção.

Actualmente, os cemitérios são desenhados com um toque de contemporaneidade com presença do verde e destacam-se na paisagem pela sua serenidade e beleza, remetendo de uma forma muito subtil a paisagens celestiais. Existe a preocupação de oferecer conforto aos seus visitantes.

1.2. O Cemitério ao longo dos tempos.

Os primeiros locais ou recintos organizados surgiram a partir de 10.000 anos a.C., entre o período paleolítico e o neolítico, com sepulturas agrupadas, túmulos individuais e colectivos.

Na Europa, há cerca de 5.000 anos a.C., a inumação e a cremação tornaram-se práticas comuns, os mortos foram os primeiros a ter uma morada assinalada por uma pedra tumular ou monumento megalítico, estas arquitecturas monumentais eram formadas por grandes blocos de pedra, um dos exemplos mais conhecidos é Stonehenge em Inglaterra, que se crê estar associado à prática funerária para além de outras de cariz religioso e cósmico.

No Egipto, há cerca de 5.000 a 4.000 anos a.C., as primeiras necrópoles eram compostas por sepulturas singelas sem grandes distinções nem monumentalidade, só com a constituição do império e com as dinastias se verificou uma mudança de atitude, a morte foi associada a um mundo social e cósmico que originou a criação de grandiosas necrópoles, mastabas, pirâmides e esfinges além de complexos destinados ao tratamentos dos corpos com o intuito de assegurar a imortalidade.

Os romanos praticavam o embalsamento dos corpos ou a incineração com a recolha das cinzas em urnas que eram colocadas em sepulcros. A inumação só surge com a difusão do Cristianismo. Com o sepultamento dos mortos em catacumbas, grandes galerias ou grutas, constituídas de tumbas ou câmaras sepulcrais ao longo das paredes das galerias com capacidade para um, dois ou três corpos envoltos em mantas.

No século I, surgem os primeiros cemitérios cristãos e a Igreja estabelece como norma a prática da inumação. Nessa época os corpos eram sepultados longe das cidades, por razões higiénicas, baseando-se na **Lei das Doze Tábuas** (*Lex Duodecim Tabularum* ou simplesmente *Duodecim Tabulae*, em latim), que corresponde a uma antiga legislação que está na origem do direito romano. Formava o cerne da constituição da República Romana e do *mos maiorum* (antigas leis não escritas e regras de conduta).²

² Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.
Site: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_das_Doze_T%C3%A1buas (em 28-07-2011)

No período entre a Idade Média e o século XVIII, os mortos voltaram a ser sepultados em cemitérios nas cidades, nas imediações ou no interior das igrejas, mosteiros e conventos, no solo, ou em túmulos de pedra, dependendo da sua situação social (Rezende, 2004³).

É ainda no século XVIII que surge a proibição dos sepultamentos em templos com base em preocupações com a saúde pública, os médicos defendiam que a localização ideal dos cemitérios era fora das cidades, em terrenos arejados, longe de fontes de água e onde os ventos não soprassem em direcção às cidades.

O estudo centrasse nos recintos cemiteriais criados com o surgimento do cristianismo. Sendo importante compreender as suas origens e o surgimento e enquadramento cultural destes recintos, sobre os quais se desenvolveu modelos operativos de base que influenciam os actuais cemitérios.

Actualmente, os cemitérios são construídos próximos às comunidades, não só por circunstâncias culturais e religiosas, mas também, por questões socioeconómicas de valorização das áreas onde se inserem, de pressões demográficas e de capitalização da urbanização (Rezende, 2004).

Os cemitérios, são de facto pequenas cidades, objectos de representações individuais dos vivos, são regidos por lógicas de organização e de planeamento que mostram estratificações sociais identificadas seja pelos funerais, pela riqueza, ou pobreza dos jazigos. Os cemitérios são também espaços de arte com a sua exposição de anjos, santos e esfinges guardiãs do sono eterno. Os cemitérios são ecos da eternidade. Os cemitérios são, no fim de contas, a expressão do relacionamento do Homem com a morte.

As práticas funerárias evoluíram desde a época das cavernas até aos dias de hoje e desde sempre que houve uma preocupação por parte do Homem quanto ao destino a dar aos mortos, de acordo com as suas crenças e circunstâncias sociais e económicas.

O sepultamento de corpos, iniciou-se aproximadamente 100.000 anos a.C., com sepulturas construídas no solo, no interior de grutas, sendo que os cemitérios com sepulturas agrupadas surgiram a partir de 10.000 anos a.C..

³ REZENDE, E.C.M. (2000) *Metrópole da Morte: Necrópole da Vida*. São Paulo, Carthago. 108 p.

A partir da idade média, registos históricos, revelam que os mortos de classes sociais, económicas e políticas mais privilegiadas eram sepultados em igrejas ou nas suas imediações, no solo ou em túmulos de pedra, ao contrário dos oriundos das classes menos privilegiadas, que eram sepultados em campos afastados das cidades, em valas comuns.⁴

A partir do século XVIII surgiu o problema da falta de espaço para os sepultamentos nos adros das igrejas ou mesmo nos limites das cidades, os caixões acumulavam-se, causando odores nauseabundos e doenças, o que tornava altamente insalubres as proximidades dos templos. Uma lei inglesa de 1855 veio regular os sepultamentos, passando estes a serem feitos fora do centro urbano. A prática da cremação, cada vez mais frequente, permitiu dar destino aos corpos de maneira mais compatível com as normas sanitárias. O termo só era utilizado para determinar os locais em que se sepultavam corpos por inumação, ou ainda, enterramento directo no solo.

Desde então os cemitérios têm sido, cada vez mais, pensados como espaços multiculturais, esteticamente mais aprazíveis e com uma consciência ambiental. Actualmente, a concepção ou reorganização de um cemitério requer todo um estudo do seu impacto ambiental.

1.3. O Cemitério em Portugal.

No sentido da melhor compreensão do Tema desenvolve-se em seguida a síntese do seu enquadramento no contexto histórico que conduziu à criação e desenvolvimento dos espaços cemiteriais em Portugal.

Em Portugal houve resistência à construção de cemitérios públicos até ao ano de 1835, ano em que a 21 de Setembro foi publicado no Diário do Governo e por iniciativa de Rodrigo da Fonseca Magalhães, o Decreto-Lei nº 44220⁵, que proibia os enterramentos dentro dos edifícios religiosos e sua envolvente próxima e obrigando à existência de Cemitérios públicos em todas as povoações do País em defesa da salubridade pública e necessidade de observação de normas sanitárias.

⁴ PACHECO A. Cemitério e meio ambiente. São Paulo: Instituto de Geociências da USP; 2000, n.33, p.13-15

⁵ Decreto-lei 44220 veio regular a implantação, gestão e policiamento cemiterial.

Inicialmente, esta lei foi largamente ignorada, eram poucos os Cemitérios existentes uma vez que, apesar da existência da lei e das taxas correspondentes, a construção de Cemitérios nunca foi cumprida, dada a difícil situação económica que se vivia na época.

A aplicação das novas normas não foi fácil, principalmente no Norte e no interior do país onde o enterramento dentro das igrejas e nos terrenos à sua volta estava profundamente enraizado no Clero e nos populares, o que viria a dar origem a revoltas locais como a célebre “Revolta da Maria da Fonte”.

Porém, na capital do País e nas suas principais cidades, os Cemitérios foram aceites sem reservas de maior. Passando, o Cemitério, a ser encarado pelas classes dominantes como um espaço privilegiado para a sua representação, para a ostentação de um estatuto social e como incentivo de uma nova disciplina: a heráldica tumular, composta por epitáfios fúnebres, estatuária alegórica e ornamentos de motivos variados, tendo como finalidade o tradicional culto da Família e o desejo de perpetuação do seu nome, se possível, adornado de epítetos e brasões.

Os Cemitérios construídos na época revelam, na origem do seu desenho, um processo de miniaturização da cidade oitocentista.

Assim, ao nível do traçado, o Cemitério português organiza-se, à imagem da cidade oitocentista, por ruas e quarteirões, sendo que os espaços de rua com maior exposição pública ficam reservados à implantação dos jazigos de família e, os interiores dos quarteirões resultantes de traçado ortogonal são reservados para as sepulturas individuais de classes sociais mais baixas.⁶

⁶ J. M. SIMÕES FERREIRA (2009) *Arquitectura Para a Morte: Questão Cemeterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura* Fundação Caloust Gulbenkian, pag. 819, 1160

1.4. O cemitério da Ajuda

Falar da Ajuda é contar a história de uma das mais antigas Freguesias da cidade de Lisboa, constituída no 1º quartel do século XVI e integrando várias povoações como as de Alcântara e de Belém.

A Ajuda foi considerada freguesia da cidade em 1742, tendo sido incluída, em 1836, na antiga freguesia de Belém. Hoje, é uma das 53 freguesias do concelho de Lisboa.

Ao longo dos séculos, foi sofrendo várias transformações, actualmente, com 3,15 km² de área e 15.961 habitantes (2009), tem uma densidade populacional de 5.707,3 hab/km².⁷

Os primórdios históricos desta Freguesia remontam à época em que a Ajuda não passava de um local despovoado e inculto, que ocupava um território de dimensão significativa que se estendia desde a Praia de Belém à Serra de Monsanto.

Em 1852 a Freguesia da Ajuda ficou separada do Concelho de Lisboa passando a fazer parte do Concelho de Belém onde se manteve até uma reforma posterior que voltou a incluí-la em Lisboa.

O nome "Ajuda" advém da pequena ermida construída, no século XV, num alto, frente à gruta onde ocorriam as aparições da "Virgem Senhora da Ajuda". Segundo diz a lenda, um pastor de cabras ao passar por aqueles lados, terá encontrado uma imagem de Nossa Senhora numa fenda numa rocha no sítio do penedo.

A notícia espalhou-se rapidamente, proliferaram manifestações de fé, de todo o lado vinham devotos para adorar a imagem e diziam receber muitas graças, consigo traziam oferendas em dinheiro e jóias. Essas oferendas possibilitaram a construção da Ermida que inicialmente se chamou Nossa Senhora da Aparecida e mais tarde, foi mudada a designação para "Nossa Senhora da Ajuda".

⁷ Fonte: <http://www.cm-lisboa.pt/?idc=640>, (14-07-2011)

Com o início das romarias e com o número crescente de peregrinos que aí acabam por se instalar para viverem sob a protecção do santuário, levando à construção de tendas de venda, barracas e casas, surge, assim, um humilde povoado.

Ao povo, sucederam-se os fidalgos que tentavam fixar-se, para melhor prestar culto, fazendo surgir uma zona de habitação de gente fina e abastada, com casas de alvenaria e solares de campo. Altos membros da sociedade prestavam homenagem à Senhora da Ajuda, tornando-se assim numa zona de eleição.

Mais tarde foi construído um templo de devoção de maior dimensão do que a primitiva Ermida, facto para o qual muito contribuiu D. Catarina, mulher de D. João III, muito devota a Nossa Senhora da Ajuda.

O pequeno santuário, deu lugar a uma igreja maior, feita em madeira - a Capela Real da Nossa Senhora da Ajuda. Actualmente, a capela não existe, mas a localização continua a ser perfeitamente visível no Largo da Ajuda.

Após o terramoto de 1755, instalaram-se na Ajuda o Rei D. José e a sua Corte, ocupando a Quinta de Cima onde foi construído um Paço de madeira denominado na época de "Real Barraca da Ajuda". (fig. 07)

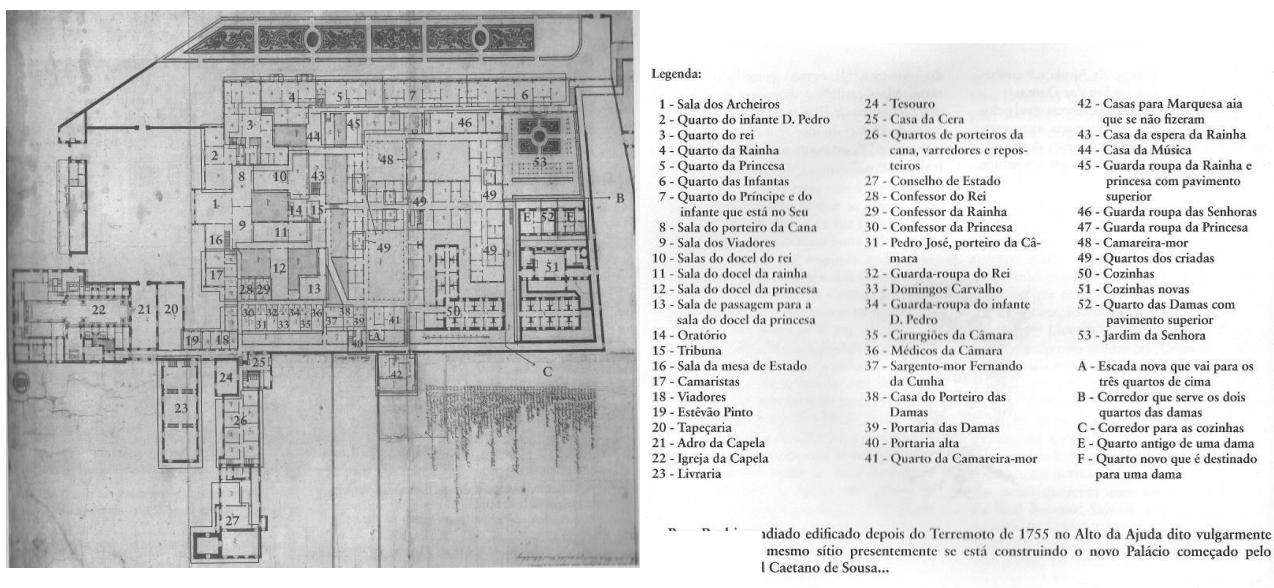


Fig. 1 "Régia Barraca", planta e legenda dos espaços.

Em 1756, devido à destruição do Convento da Boa-Hora pelo terramoto, também os frades Agostinhos se transferiram para a Ajuda, sendo edificado um novo Convento que manteria a denominação de Convento da Boa-Hora.

Nessa época, e por questões de segurança, muitos dos lisboetas terão escolhido a área da Ajuda como local de residência. Em consequência, em 1758 a população da zona tinha já passado de 1.059 para 4.748 habitantes e, por volta de 1762-1763, a Freguesia da Ajuda deixou de ser considerada suburbana, passando a estar incluída nos limites da cidade.

No que diz respeito à estrutura da rede viária da época, os arruamentos eram apenas cinco: a Calçada da Ajuda que ligava Alcântara à Ajuda, a Travessa da Estopa, A Calçada de Nossa Senhora da Ajuda, a Rua das Mercês e a Rua da Paz.

Os restantes acessos resumiam-se a caminhos ou estradas como, por exemplo, a Estrada do Penedo, actual Calçada do Galvão, ou a Estrada da Ajuda para Carnaxide, passando pelo Caramão e por Caselas. Existiam, por essa altura, muitos terrenos agrícolas, pedreiras, fornos de cal e moinhos.

Em 1768, na Horta da Quinta de Cima, o Marquês de Pombal mandou plantar o Jardim Botânico.

Entre 1766 e 1787, o Intendente Pina Manique mandou construir o cemitério da Ajuda junto ao sítio da "Cruz das Sardinheiras", por iniciativa da Rainha D. Maria I, sendo inicialmente destinado aos criados da Casa Real e aos pobres da Ajuda e de Belém.

Passa para a administração municipal com a publicação do Decreto-Lei de 1835 de Rodrigo da Fonseca Magalhães, instituindo a obrigatoriedade da existência de cemitérios públicos.

Neste cemitério podem-se observar jazigos de grande valor arquitectónico e histórico.

Actualmente, o cemitério da Ajuda desenvolve-se, no seu interior, em duas áreas, uma resultante do início da sua construção e outra construída posteriormente, já no Século XX.

No caso da primeira, o desenho reflecte o traçado da cidade oitocentista, enquanto que o processo de desenvolvimento da segunda resulta de um somatório de necessidades de crescimento, onde falta claramente um planeamento à imagem da cidade actual, resultando

num conjunto de espaços pouco convidativos, esgotados nos seus recursos e sem uma ordem aparente que os tornem num sistema operativo em termos urbanos.⁸

⁸ Fonte: site da Junta de Freguesia da Ajuda e pesquisa de cartas e P.D.M. de Lisboa

2. LOCALIZAÇÃO E INTEGRAÇÃO DO CEMITÉRIO DA AJUDA.

2.1. Localização

O cemitério da Ajuda situa-se no sector ocidental do concelho de Lisboa compreendido entre a Praia de Belém e a Serra de Monsanto. A freguesia da Ajuda é influenciada por três sistemas estruturantes da cidade de Lisboa, os sistemas marítimo, rodoviário e ferroviário.

O sistema rodoviário é o mais importante, sendo constituído pelas seguintes vias estruturantes principais: a Norte a A5, a Nascente a Avenida da Ponte, a Sul a Avenida da Índia e a Este a CRIL/IC17, (fig.01e 02).

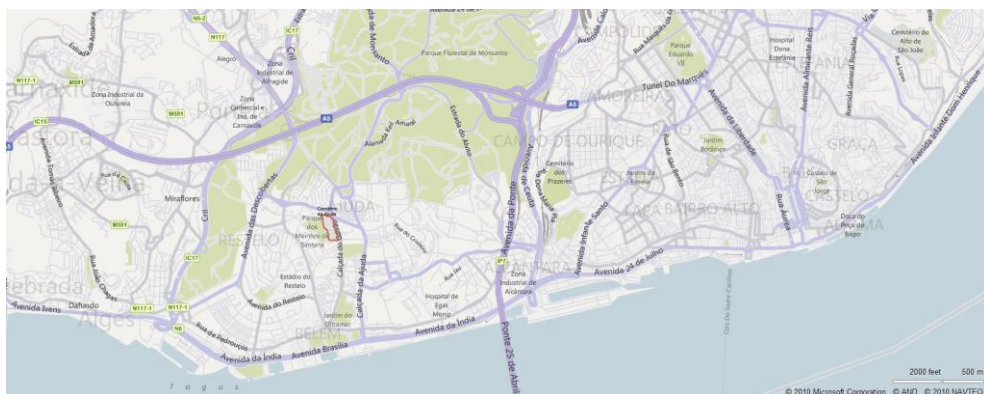


Fig. 2 Localização do Cemitério da Ajuda, mapa esquemático



Fig. 3 Enquadramento do Cemitério da Ajuda, ortofotomapa

Os transportes públicos que servem directamente a área e têm paragem no Largo do cemitério da Ajuda, são rodoviários e de ferrovia ligeira, eléctrico urbano.

Um factor relevante que importa salientar, é o facto de o largo do cemitério ser o local de término da carreira do eléctrico, assinalando o local onde a cidade antigamente terminava.

Na envolvente do cemitério da Ajuda, as grandes referências urbanas próximas são a estrada de Caselas, a Norte, (fig. 03) na qual confinam o Bairro da Ajuda e o Bairro do Caramão, o Largo do cemitério e Calçada do Galvão, a Nascente, (fig. 04) demarcados pela Rua das Açucenas, pelo Quartel da G.N.R.⁹ e pelo Jardim Botânico, a Rua Conselheiro Martins de Carvalho, a Sul, (fig. 05) área residencial desvinculada da área verde pelo PDM de 1994 e, a Poente, o Parque Moinhos de Santana, (fig. 06) incluído na área verde urbana definida no PDM de 1994.



Fig. 4 Confrontação Norte do Cemitério da Ajuda, fotografia aérea

⁹ No tema proposto pelo Professor Rui Barreiros Duarte, correspondente ao desenvolvimento de uma área envolvente ao Palácio da Ajuda, era sugerida a deslocação do Quartel da G.N.R. sendo este substituído por outro equipamento urbano.



Fig. 5 Confrontação Este do Cemitério da Ajuda, fotografia aérea



Fig. 6 Confrontação Sul do Cemitério da Ajuda, fotografia aérea



Fig. 7 Confrontação Oeste do Cemitério da Ajuda, fotografia aérea

2.2. Integração

Do ponto de vista urbano e arquitectónico os novos cemitérios construídos por força da lei vigente são normalmente implantados em terrenos murados localizados em sítios mais ou menos isolados e elevados, orientados a Norte ou a Nascente, e ocupando terrenos com solos que possuem características adequadas à prática da inumação. Os muros altos que os envolvem têm três fundamentos previstos na Lei, designadamente, a protecção contra a intrusão de homens, a protecção contra a intrusão de animais e, por fim, a prevenção relativamente à saída de miasmas (cheiros)¹⁰.

Tendo em conta a continuidade dos muros e a sua altura, a tradição instituída valoriza principalmente a entrada no Cemitério através da construção de pórticos e portões de acesso ornamentados.

Os muros, normalmente, brancos apenas deixam antever, acima do plano do seu coroamento, uma vegetação densa e ritmada composta, sobretudo, por ciprestes que, devido ao seu grande desenvolvimento em altura, constituem a imagem urbana do Cemitério que é visível do espaço público exterior.

Em Portugal, os cemitérios são na sua maioria, cemitérios de campas e estes muros têm também a vantagem de dissimular, no seu interior, alguma poluição visual que faz com que a imagem que todos temos de um cemitério é a de um local desagradável e que as pessoas só lá vão para acompanhar um funeral ou para fazer a manutenção de uma campa em memória de um ente querido. Noutros países europeus, como a Alemanha, Inglaterra, Holanda e Itália, os cemitérios são o prolongamento de jardins e de espaços de estar, integram zonas urbanas de lazer e mesmo em áreas mais rurais funcionam como prolongamentos de bosques, contribuindo assim, para um menor afastamento psicológico das pessoas em relação aos cemitérios.

O crescimento progressivo da cidade conduziu, em muitos casos, à inclusão dos Cemitérios no seu interior, o que deu origem a novos problemas ontológicos e sociológicos nos espaços

¹⁰ Segundo a legislação portuguesa de 1962, que retoma a legislação francesa na obrigação da construção de um muro limite a altura deste deverá ser superior a 2.20m.

Relativamente aos miasmas existem estudos que contradizem a sua existência.

da sua envolvente sendo, no caso de Lisboa, nas suas traseiras que se implantaram alguns dos mais degradantes bairros clandestinos da cidade, tais como, a Curraleira, junto ao Cemitério do Alto de S. João e o Casal Ventoso, junto ao Cemitério dos Prazeres.

Na realidade, o Cemitério urbano tradicional gere mal os seus limites, não estando preparado para o confronto com a Cidade, conduzindo com frequência à criação de vazios urbanos, lugares desqualificados e marcados pela descontinuidade.

Os Cemitérios em Portugal, em geral, são espaços com pouca qualidade e que gradualmente se degradam, tanto por falta de manutenção continuada como em resultado de intervenções descontextualizadas e de fraca qualidade que conduzem à sua marginalização pela população.

De facto, o século XX está associado a um fenómeno novo que consiste na rejeição pela sociedade da Morte e dos Rituais Funerários, levando a que a manifestação da dor do luto e o culto da saudade da memória dos Mortos deva realizar-se com grande reserva.

Porque a própria ideia de Necrópole implica a negação da Vida, a sua rejeição pela sociedade é sintomática do entendimento da Cidade como garante de um ambiente propício à Vida, devendo ser entendida deste modo, sob pena, de grande contradição no plano ideológico.

"De resto, que pode haver de mais sintomático da rejeição dos cemitérios do que o facto de em nenhuma das propostas ideais e modélicas de Cidade e Arquitectura, desse tempo, se prever lugar para os cemitérios? - E isto é verdade para a mencionada 'Cidade Contemporânea', de Le Corbusier; para a 'Garden City of Tomorrow' de Howard; a 'Die Stadt-krone', de Bruno Taut; a 'Grozstadt Architektur', de Hilberseimer; a linear 'Sosgorod' do soviético Miljutin; assim como para 'Une Cité Industrielle', de Tony Garnier; como para muitas outras propostas de Cidades e Arquitecturas Ideais, em que essa época foi fértil, 'Broadacre City', de F. L. Wright, é a excepção a esta norma, com a previsão de um cemitério, junto à Igreja, no limite Sul da Cidade, cujo centro era ordenado por Escolas. (...) para mais, a omissão dos cemitérios é uma constante do contemporâneo Planeamento Urbanístico, pois que mesmo naqueles planos oficiais, de tipo burocrático, que nada de utópico parecem almejar, em nenhum deles foi considerado espaço para os cemitérios; como se a utopia de parar o tempo e não morrer, conquistando a imortalidade...(...) é tudo isto, que ao fim e ao cabo, preenche 'a ideia de cemitério de cada qual', ideia formada pela tradição, uma longa tradição, sedimentada no transcurso do tempo, formada por várias camadas que se foram sobrepondo e argamassando umas com as outras, para a qual contribuíam etruscos, latinos, sabinos, depois romanos, costumes gregos e bárbaros que foram adoptados, egípcios, judeus, e sírios, finalmente cristãos; e a Idade Média, o Humanismo e o

*Renascimento, o Iluminismo, com o seu preconceito contra os preconceitos, o Romantismo, com a sua esteticização da morte, e o Século XIX, com o culto cívico dos mortos, e os campos santos tornados cemitérios-museus assumidos como base de referimento para os cemitérios da Itália da época,"*¹¹

Segundo *Aldo Rossi* (1931-1997) e *Gianni Braghieri* (1945-...), (fig. 08) na memória descritiva do cemitério de Modena, explicam o cemitério como edifício público, através da analogia com a casa e a cidade, mais adiante diferencia a influência que a vida e o tempo têm na construção da forma da arquitectura.



Fig. 8 Cemitério de San Cataldo, Modena, do arqtº Aldo Rossi, imagens de satélite do conjunto do cemitério e área envolvente que foi parcialmente construída.

"[...] Para a ligação urbanística com a cidade, em particular para os aspectos viários, retém-se como válida a indicação oferecida pelo Plano Regulador Geral, relevando que tal problema, assim estreitamente ligado à questão da propriedade, às opções urbanísticas em conjunto, não pode ser resolvido com soluções formais externas, mas deve nascer de atentas considerações baseadas em propostas técnicas, opções políticas administrativas e o conhecimento específico da situação. O projecto põe a exigência de uma zona verde, discretamente profunda, em frente à fachada da entrada do edifício cemiterial. Este verde deve ser constituído por árvores de tronco alto, assim para criar um jardim compacto, e ser delimitado por uma fila de ciprestes que se desenvolvem ao longo

¹¹ J. M. SIMÕES FERREIRA (2009) «ob. cit.» 4, pag. 826, 827.

duma linha paralela ao muro de cinta do edifício. A esquerda do cemitério, e tangencial à estrada que vem de Modena, encontra-se um vasto parque; nesta área de estacionamento poderão achar lugar outros equipamentos.

Rossi por força de directrizes políticas administrativas foi condicionado a uma integração urbana do Cemitério que resulta na ampliação do recinto na continuidade dos muros de Costa, sendo este o padrão regulador da forma e da proporcionalidade da edificação original que determina a dimensão que o novo complexo exhibe dentro do seu conjunto.

"[...] As interrelações principais com a cidade, para o projecto, devem consistir principalmente na sua precisa definição arquitectónica, de modo a constituir um "lugar arquitectónico" onde a forma e a racionalidade das construções, intérpretes da piedade e do significado do cemitério, sejam uma alternativa ao crescimento bruto e desordenado da cidade moderna. Um lugar arquitectónico, o cemitério como outros edifícios públicos, capazes de construir a memória e vontade colectiva da cidade. Assim o cemitério, articulado em torno do campo central de inumação, do edifício dos ossários, dos columbários perimetrais, oferece os seus elementos dominantes nas construções do cubo sacrário e da torre cónica da fossa comum. Estes, superando a linha do muro de confinamento, são referências à paisagem urbana exterior e indicam o cemitério." ¹²

A teorização do papel da edificação na construção do Lugar Arquitectónico defende a relação das preexistências na caracterização do produto edificado inserido na relação urbanística com a cidade. E o sistema que constrói a Cidade não se move de forma passiva nem por mimetismo mas, pelo contrário, sempre na perspectiva da reinvenção da própria Cidade.

2.3. Problemas não resolvidos

Em suma, o principal problema associado ao Cemitério urbano resulta de, na ideia original que o sustenta, não ter sido concebido para procurar a proximidade em relação ao sistema urbano mas, pelo contrário, pretender o seu distanciamento.

¹² ROSSI, Aldo, BRAGHIERI, Gianni, «*Memória Descritiva do Projecto para o cemitério de San Cataldo a Modena*» (1971) in Ferenga, Alberto, Aldo Rossi, Opera completa 1959-1987, Milano, 1996, p. 55

E este factor está na origem de que, quando o crescimento urbano ultrapassa os limites do Cemitério, normalmente resulta no aparecimento de espaços que tendem a permanecer à margem do controle da lógica funcional da Cidade.

Na ausência desse controle, devido à distinta natureza antagónica da génese das suas realidades morfológicas, a fluidez da Cidade tende a entrar em conflito com o recinto murado que constitui a barreira física e visual do Cemitério.

No caso particular do cemitério da Ajuda, o recinto confina com a estrutura verde de um Parque Urbano.

Assim, não se manifesta um problema de ordem social, estando apenas em causa a resolução da descontinuidade e da indefinição de limites entre o Cemitério, o Parque Urbano e a Cidade, o que poderá ser conseguido pela intervenção na Entrada e no Largo adjacente, actualmente muito desqualificado, e pelo desenho do Espaço Público circundante, procurando encontrar um modo de articulação formal com a envolvente. (fig.09)



Fig. 9 Enquadramento urbano do Cemitério da Ajuda, ortofotomapa

3. MODELOS DE CONCESSÃO (GESTÃO DO ESPAÇO CEMITERIAL)

3.1 Os modelos

Em Portugal a **gestão do espaço cemiterial** é assenta num conjunto de modelos de concessão e uso do solo, que são os seguintes:

- **Concessão de Terrenos;** procede-se ao enterramento (inumação a colocação de cadáver em sepultura, local de consumpção aeróbia) e a exumação ao fim de 3 a 5 anos, este método implica a reclamação das ossadas pelos familiares e a concessão de um gavetão, caso a família o deseje e tenha meios financeiros para a sua manutenção. Não existindo estes meios, ou na ausência da sua reclamação, o destino das ossadas será a vala ou o ossário comum.

- **Concessão de terrenos para Sepulturas Perpétuas;** trata-se da colocação de cadáver em sepultura, em caixão chumbado com a finalidade de consumpção aeróbia.

- **Concessão de terrenos para Jazigos Particulares;** é concedido um espaço destinado a construção (composta por unidades de compartimentos) municipal ou particular, destinada ao depósito de urnas contendo restos mortais;

Os jazigos podem ser de três espécies:

- Subterrâneos - devidamente impermeabilizados e utilizando apenas o subsolo;
- Capelas - constituídos somente por edificações acima do solo; (no Cemitério da Ajuda é a opção corrente)
- Mistos - dos dois tipos anteriores, conjuntamente.

Nos espaços cemiteriais em Portugal estão disponíveis outras estruturas e equipamentos:

- **Concessão de gavetões para ossário;** a construção (composta por unidades de compartimentos) municipal, destinada ao depósito de urnas contendo restos mortais - ossadas;

- **A concessão em nichos de parede;** trata-se da prática de consumpção aeróbia em nichos de parede sobre o terreno.

Estes nichos podem ser designados de ecológicos, correspondendo-lhes taxas iguais à inumação em terra.

A inumação em jazigos desta natureza fica sujeita às regras das sepulturas temporárias,

- **A cremação;** a redução de cadáver ou ossadas a cinzas; Equipamento funerário que através de um forno crematório reduz os corpos, partes anatómicas e ossos a cinzas.

- **Concessão de columbários para a guardar vasos cinerários;** similar aos gavetões para ossário, embora de menor dimensão.

Nos últimos tempos, tem sido feito algum esforço nesta área, não só na intenção de alguns Projectos de Lei e de outra legislação produzida, mas sobretudo em resultado da iniciativa de alguns dos gestores municipais portugueses, no sentido de pretenderem ver alterado o ambiente dos cemitérios.

"No nosso entender, verdadeira e medíocre é a campa, a campa do lobby do canteiro da zona. O gosto dos familiares não se discute, respeita-se, mas há que dar alternativas às pessoas. Se houver evolução do desenho, da estética das peças fúnebres acompanhado de regulamentos de cemitérios que imponham a qualidade espacial, teremos espaços mais agradáveis e mais humanizados"¹³

¹³ FAZENDA, CARLOS, em co-autoria com João Almeida e José Martins Pereira, « Arquitectura - Cemitérios Contemporâneos e Cremação », <http://arquitecturadecemiterios.blogspot>.

3.2. Programa proposto para o cemitério da Ajuda.

O presente Projecto pretende desenvolver, respeitando todos os modelos funerários existentes e procedendo apenas à sua reorganização segundo uma nova matriz que ordena e valoriza o lugar de preservação e evocação da memória dos Mortos.

No entanto, pretendo que a par da cremação a inumação em nichos ecológicos seja uma prática preferencial face à opção de inumação directa na terra.

A aposta deste programa centra-se mais na inumação em nichos, pois oferece algumas vantagens em relação ao método tradicional de inumação na terra:

- Este é um método ecológico por não contaminar os lençóis freáticos. Em comparação com a cremação não existe queima nem libertação de gases nocivos para a atmosfera.
- Outra vantagem é a poupança de espaço pelo facto de os nichos poderem ser sobrepostos, o que em cemitérios localizados em área urbana é um enorme benefício devido ao custo e escassez de áreas destinadas a este fim.
- O facto de serem espaços cobertos resulta num benefício em gastos com a manutenção e limpeza.

O facto de as estruturas em causa não serem habituais nesta zona do país, poderá ser factor de alguma resistência na convivência com este modelo e com os espaços que lhe estão associados.

Em consequência da pesquisa efectuada, tomei conhecimento da existência de um outro modelo utilizado nos países Nórdicos que consiste no alargamento temporal do prazo de concessão de 3 a 5 anos para 30 a 50 anos. Este modelo seria aquele que, implementaria associado aos nichos ecológicos, pois apresenta aspectos que considero importantes:

- Possibilita aos familiares e amigos que assim o desejem não terem de recorrer ao processo de exumação num curto período de tempo (3 a 5 anos).
- A procura de outras soluções que não passam pela tradicional inumação cuja tendência crescente poderá resultar no despovoamento dos nossos cemitérios a médio e longo prazo.

O Projecto pretende, assim, propor a criação de uma estrutura que organiza em altura novos ossários e columbários, para guardar vasos cinerários (gavetas de pequena dimensão).

Propõe-se, também, a construção de um Crematório, devido ao crescente número de cremações no nosso país, que já igualou o número de sepultamentos segundo a seguinte citação:

"Associação Nacional de Empresas Lutuosas (ANEL) mostram que, desde Janeiro [de 2010], 53% dos funerais resultaram em cremações.

Este ano, em Lisboa, realizaram-se, segundo a ANEL, 2490 funerais, que resultaram em 1310 cremações e em 1180 inumações. Março foi o mês com mais cremações, um total de 459.

O número, refere Nuno Monteiro, da associação, está a aumentar desde 1997. E se há 13 anos apenas 9% dos corpos eram cremados, no ano passado a percentagem de cremações já atingia os 49,9%. Em 2009, adianta o responsável, foram realizados em Lisboa 9113 funerais, dos quais 4551 resultaram em cremações.

O aumento, acredita Nuno Monteiro, pode estar relacionado com questões económicas, já que a cremação "é mais barata a longo prazo do que um funeral tradicional", justifica."¹⁴

O crescente número de cremações, prende-se também com o facto de todas as denominações cristãs, incluindo a Igreja Católica Romana, permitirem a cremação, tendo sido levantada a sua proibição em 1963 pelo Papa João XXIII.

No actual Catecismo da Igreja Católica podemos ler:

*"C.85 CREMAÇÃO
§2301 (...)*

A Igreja permite a cremação, se esta não manifestar uma posição contrária à fé na ressurreição dos corpos."

A pedido da Câmara Municipal de Lisboa em 1992, foi elaborado o seguinte texto, incluído num folheto sobre a cremação.

¹⁴ RAMOS, Rosa, «Mais de metade dos funerais realizados em Lisboa são cremações»
Publicado no jornal i em 28 de Outubro de 2010.

“A Igreja Católica aceita hoje a cremação dos corpos, inclusivamente dos cristãos, como claramente se diz no Código de Direito Canónico: ” A Igreja recomenda vivamente que se conserve o piedoso costume de sepultar os corpos dos defuntos; mas não proíbe a cremação, a não ser que tenha sido preferida por razões contrárias à doutrina cristã.” (Cân. 1176, § 3).

A explicação para a posição contrária anos atrás encontra-se ainda expressa no cânone transcrito: a intenção manifesta, por vezes deixada em testamento, de se opor à prática da Igreja e à fé na ressurreição; caso isso se verifique ainda hoje, a Igreja não fará exéquias cristãs a quem assim proceder (Cân. 1184, § 1, 2.º).

A verdade, porém, é que são já diferentes os motivos que, também no Ocidente, levam bastantes católicos a desejar a cremação do seu corpo. Em diversos países do Oriente essa é a tradição cultural; a Igreja aceita-a, lá e cá, desde que tudo se faça num grande respeito pelo corpo humano.

Quanto à fé na ressurreição, seria ridículo pensar que a cremação lhe levanta dificuldades: para nos dar um corpo ressuscitado, Deus não está dependente nem do pó nem das cinzas.”¹⁵

O processo de cremação apresenta aspectos positivos e negativos, destacando-se como aspecto mais positivo, a dinâmica que se cria no muito esgotado espaço cemiterial, permitindo o descondicionamento dos campos de inumação e a não contaminação dos lençóis freáticos.

Entre os pontos negativos, destacam-se a libertação de dióxido de carbono devido à elevada temperatura de combustão, a libertação de mercúrio na atmosfera e o facto de que, do ponto vista arquitectónico, a cremação em massa deixa uma profunda ferida na arte cemiterial, originando um vazio associado à falta da expressão física da morte.

¹⁵ ALBINO, CLETO (Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa), "C.85 CREMAÇÃO §2301 (...)" in <http://lisboaverde.cm-lisboa.pt/index.php?id=3954> (16-07-2011)

4. CASOS DE ESTUDO / CEMITÉRIOS

4.1. Cemitério de San Cataldo, Modena, do Arqtº Aldo Rossi (1931-1997) (fig.10)

O cemitério de San Cataldo é constituído por três áreas: A mais antiga (fig.11) teve a sua origem entre os anos de 1858 e 1876, tendo sido projectada pelo arquitecto Cesare Costa (...-...) ¹⁶, e contém um elevado valor artístico e artesanal.

A área mais recente, a que corresponde o Projecto para o cemitério de San Cataldo a Modena (1971) desenvolvido por Aldo Rossi (1931-1997) ¹⁷ e Gianni Braghieri (1945-...) (fig. 12) no âmbito de um concurso público, foi apenas parcialmente construída. Embora em recentes notícias revelem haver interesse por parte do município na conclusão da obra.

Rossi, entende a cidade vista por partes (fragmentos), procedendo ao diagnóstico da importância dos "elementos primários e dos monumentos" que, segundo a sua concepção, revalorizam a cidade estruturada pela tipologia. Rossi constrói a cidade através do instrumento tipológico, associando-lhe forma e conteúdo e um "*percurso porticado*" através da analogia entre "*vida e morte*" que desenvolve a estrutura funcional do Cemitério. No fim deste processo Rossi esvazia o conteúdo formalizador da Cidade tradicional transformando-o numa "*casa vazia*". "*A cidade dos mortos*" é uma casa abandonada com seus olhos vazios (o grande cubo que hospeda o ossário) que é vista como um sinal de Morte mas ao mesmo tempo como uma estrutura, pois o abandono liberta-a de todos os acessórios relacionados com a Vida e a casa torna-se uma caixa, ou uma espécie de esqueleto, que é novamente associado à Morte; forma pura que o tempo reduziu ao essencial.

A história da cidade é composta pelos projectos que persistem no tempo e se tornam Tipos. Seguindo as ideias expostas na obra *Arquitectura da Cidade*, publicada em 1966 e traduzida

¹⁶ Arquitecto Neoclássico que se fez notar pelo projecto do Teatro Ópera Reggio Emilia (1852-1857)

¹⁷ Aldo Rossi foi um dos arquitectos que mais influenciou a sua geração foi através da sua obra "*L'Architettura della città*" que surge em meados da década de 60 num período em o resultado dos valores de cariz racionalista e funcionalista do movimento moderno estavam a ser postos em causa, Rossi perante o vazio regressa à história da arquitectura transformando os elemento que a constituem na matéria da invenção da arquitectura.

em várias línguas, podemos ver como a Arquitectura de Aldo Rossi se transforma na representação de um designo tipológico que busca permanência.

Ele escreve:

“Tudo isso permite a representação do passado com um desejo pelo presente. [Porque] o passado de um homem cujo desejo está morto...o passado paradoxalmente brilha com as cores do futuro, com as da esperança.”

Rossi, busca uma recuperação do passado que estabeleça continuidade com a história da cidade.

Na época do concurso ele escrevia:

“O conjunto dos edifícios descritos configura-se como uma cidade; na cidade a relação privada com a morte volta a ser relação civil com a instituição. Assim o cemitério ainda é um edifício público com a clareza necessária e a racionalidade dos percursos, com o uso adequando do solo. [...] A referência do cemitério se põe na arquitectura do cemitério, da casa, da cidade.

Os Monumentos aqui são análogos à relação entre a vida e a fábrica na cidade moderna. O cubo é uma casa abandonada ou incompleta, o cone a chaminé de uma fábrica deserta.”¹⁸

Ao invés de se referir ao seu trabalho como transformação, seria mais correcto referir-se ao seu processo como uma tradução do passado para um ambiente moderno.

Ele afirmava que a Cidade lembra o seu passado e usa essa memória através de monumentos.

“O grande desígnio de Rossi é o de devolver ao monumento aquilo que o funcionalismo havia ou teria tirado dele: a forma significativa, a mensagem decisiva, a exigência artística e a força da imaginação.”¹⁹

O projecto é a expressão maior da poética de Aldo Rossi, um percurso através de imagens colectivas da “casa dos mortos” filtradas pela memória pessoal do Arquitecto demonstrando o uso de estilos arquitectónicos estabelecidos em combinações inusitadas. O Cemitério exemplifica a ideia de Rossi de que a Arquitectura tem uma importância crucial porque permanece, através do tempo, como uma testemunha para a Humanidade.

¹⁸ *Arquitectura da cidade*, p.72

¹⁹ BIERMANN, V. et al, *Teoria dell'architettura*, Taschen, Colônia, (2003)

Modena Cemetery, Italy, 1971 and 1977

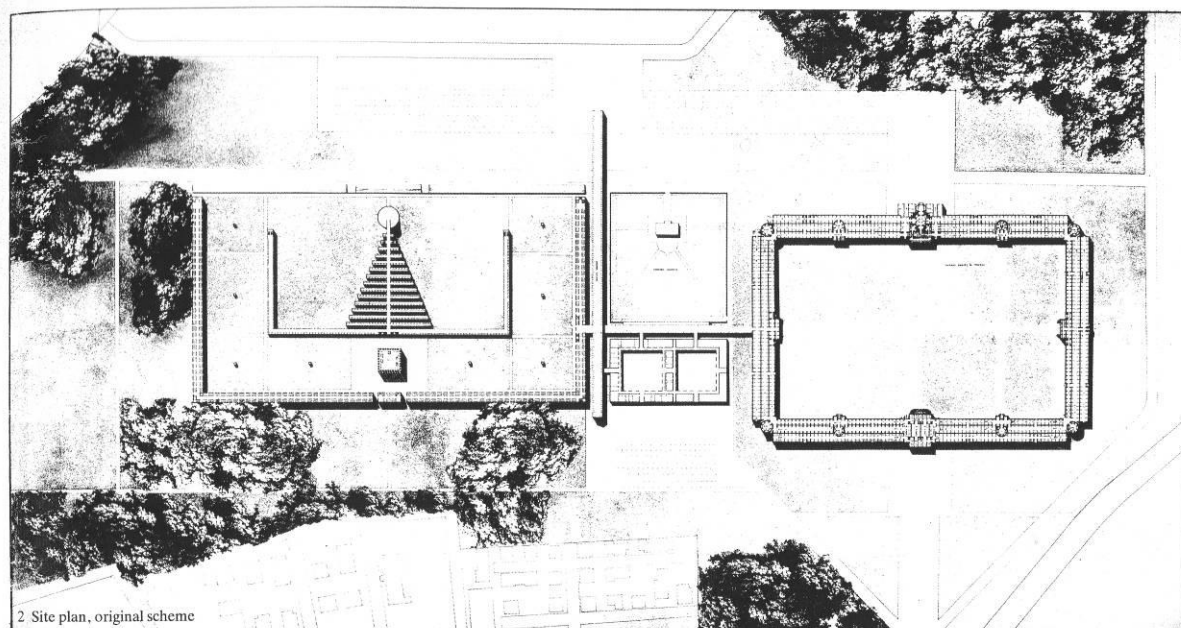
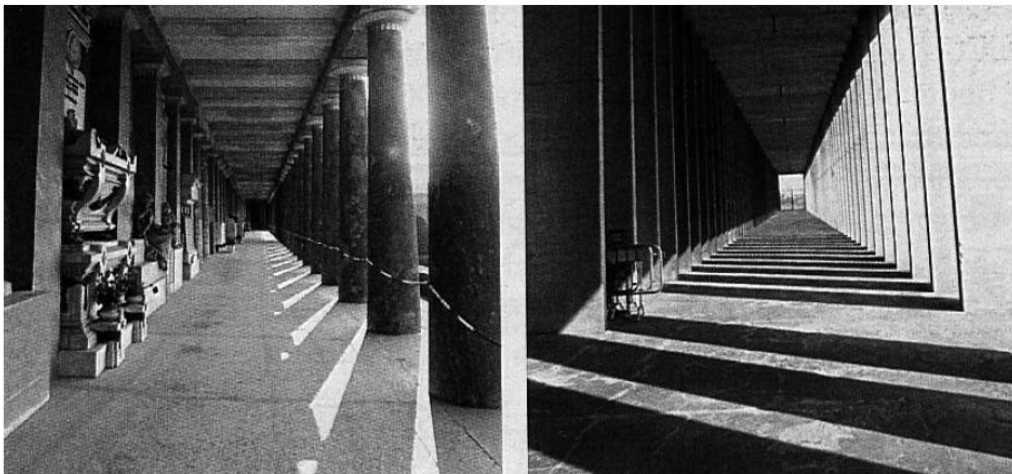


Fig. 10 Cemitério de San Cataldo, Modena, do arquitecto Aldo Rossi, planta de cobertura do conjunto do cemitério e área envolvente.



Fig. 11 Cemitério de San Cataldo na cidade italiana de Modena, do arqtº Cesar Costa, fotografia



Colunata do cemitério oitocentista Cesare Costa XIX

Pórtico Aldo Rossi (in Avramidou, 2006:11)

Fig. 12 Cemitério de San Cataldo, Modena, do arq^o Aldo Rossi, fotografia

4.2. Cemitério do Bosque, Estocolmo, Arqtº Erik Gunnar Asplund (1885-1940) (fig.13)

A solução inicial, em 1915, por Asplund (1885-1945) e Sigurd Lewerentz (1885-1975) para o concurso do Cemitério do Bosque, ao sul de Estocolmo, evoluiu progressivamente ao longo do tempo.

Asplund, decidiu, na concepção deste projecto manter parte significativa do coberto vegetal e dos caminhos rurais existentes no local, dando a origem a uma aparência de obra da natureza. Dessa forma, foi conseguida uma atmosfera de conjunto única, acolhedora mas ao mesmo tempo intimidante, reflectindo uma atitude de respeito e bem-estar com o espaço envolvente.

No conjunto do Cemitério do Bosque, destaca-se a Capela, uma construção de madeira com paredes caiadas de branco e telhado preto de telhas de madeira que é considerada a obra-prima do Arquitecto.

Inicialmente, Asplund projectara uma Igreja de pedra que, tendo sido considerada demasiado dispendiosa, o obrigaria a repensar a materialidade do projecto. Anos antes, Asplund assistira a um casamento na Dinamarca, na cidade de Liselund, onde visitara uma casa na quinta na ilha de Seg. A quinta e a envolvente eram fascinantes e viriam a constituir a inspiração para a concepção de uma simples Capela de madeira cercada por árvores.

“A senda do bosque conduz directamente ao pórtico, levantado sobre doze colunas, debaixo do qual o cortejo se reúne e espera. Os portais, com as suas ferragens, abrem-se, e através deles se intui o espaço luminoso da capela.”²⁰

O santuário em si é quadrado e no interior há uma cúpula através da qual a luz entra indirectamente. O alpendre é formado com doze colunas e na entrada, com pavimento de madeira, está localizado um pequeno Anjo da Morte da autoria de Carl Milles (1875-1955). Naquela época, a pequena escultura foi um desafio que motivou acesas discussões por ser uma figura feminina, abrindo os braços para receber os visitantes.

²⁰ Asplund, Gunnar, «Memória Descritiva da Capela do Bosque» (1918-20), in Calbendy y Hultin, (1985), p.66.

A Capela do Bosque foi cuidadosamente pensada, até ao mais ínfimo pormenor, incluindo muitos elementos simbólicos. Por exemplo, o buraco da fechadura da porta é o olho de um crânio, a abertura da Morte, e o portão de ferro forjado também contém vários símbolos cristãos.

Um muro baixo de betão, cerca a Capela. No interior da cerca a floresta é densa e envolvente, abrindo-se depois gradualmente para aliviar aqueles que assistem à partida no retorno às suas próprias vidas. (fig. 14).



Skogskyrkogården (2001)

Fig. 13 Cemitério do Bosque, Estocolmo do arqtº Erik Gunnar Asplund, fotografias

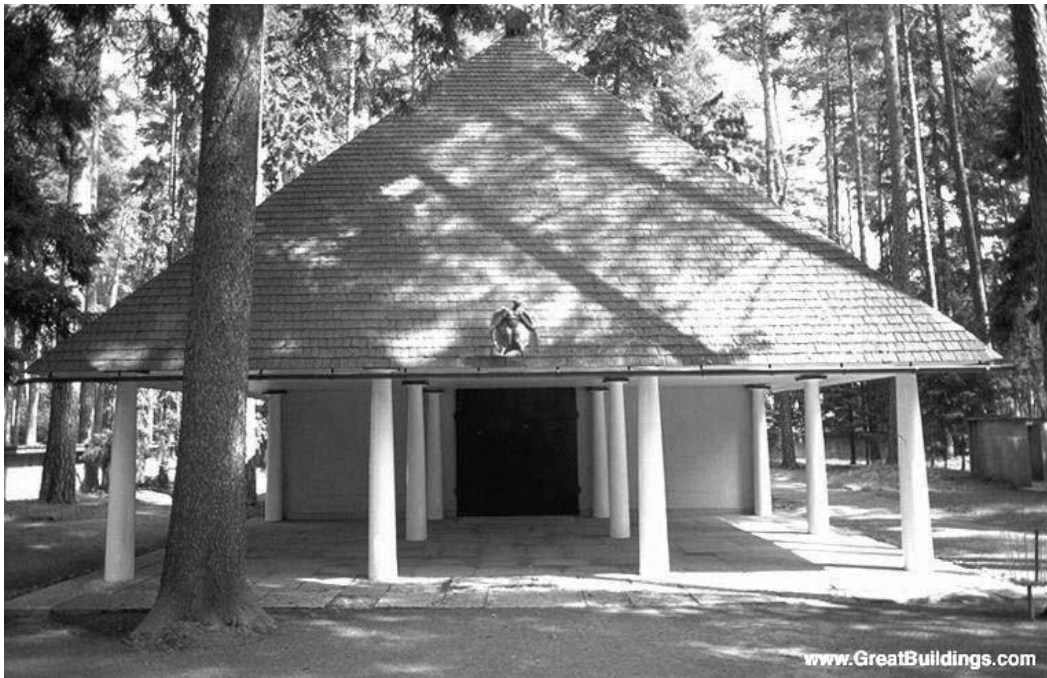
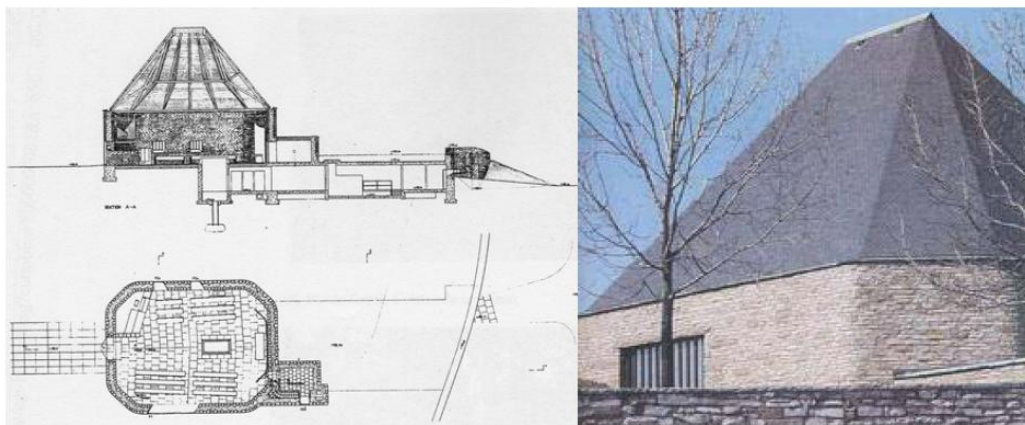
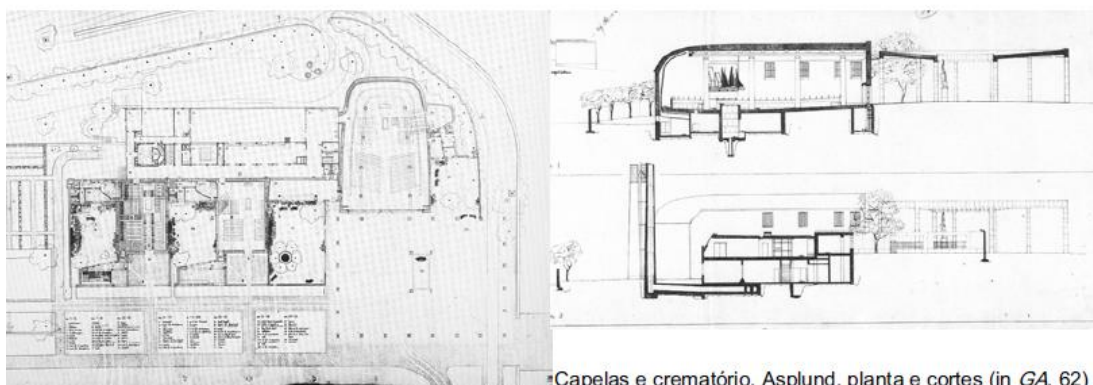


Fig. 14 Woodland Chapel, Estocolmo do arqtº Erik Gunnar Asplund, fotografias

Outro projecto de enorme relevância na obra Asplund é o conjunto das capelas e crematório do cemitério de Skogskyrkogarden (1935 - 1940), (Fig. 15), apesar do desinteresse do Movimento Moderno, viria a constituir-se um ícone da arquitectura contemporânea.



Crematório de Skövde, Gunnar Asplund, 1937; planta, corte (in Ferreira, vol.III) e imagem exterior



Capelas e crematório, Asplund, planta e cortes (in GA, 62)



Átrio dos fornos de cremação (in L-Pelaez, 2002:162)

Átrio principal, acesso de serviço, pátio e lápide de Asplund (2001)

Fig. 15 Crematório do cemitério de Skogskyrkogarden (1935 - 1940), do arqtº Erik Gunnar Asplund, desenhos técnicos e fotografias.

Neste estudo importa referenciar o profundo tratamento simbólico do tema, cujo desígnio foi a criação de um percurso simbólico ascendente entre a entrada do cemitério e o crematório, repleto de dramaticidade imbuída num espírito cerimonial.

O local onde está inserido o crematório funciona como contra ponto com a Colina da Meditação, o caminho adossa-se entre a colina e o crematório sem o fechar, ganhando um sentimento de infinitude até rematar com o espelho de água que anuncia a chegada do céu à terra e a entrada para o átrio do crematório.

O átrio coberto através da sua escala e coluna, com enorme abstracção tenta retomar o tema do bosque sagrado que esteve presente na concepção da Capela do Bosque, foi através da liberdade com que Asplund associou os elementos da forma com o simbolismo do tema, sem amarras de linguagem arquitectónica que serviu de influência ao desenvolvimento do cemitério que o presente projecto propõe para a Ajuda.

5. CARACTERIZAÇÃO TIPOLOGICA

5.1. Os tipos

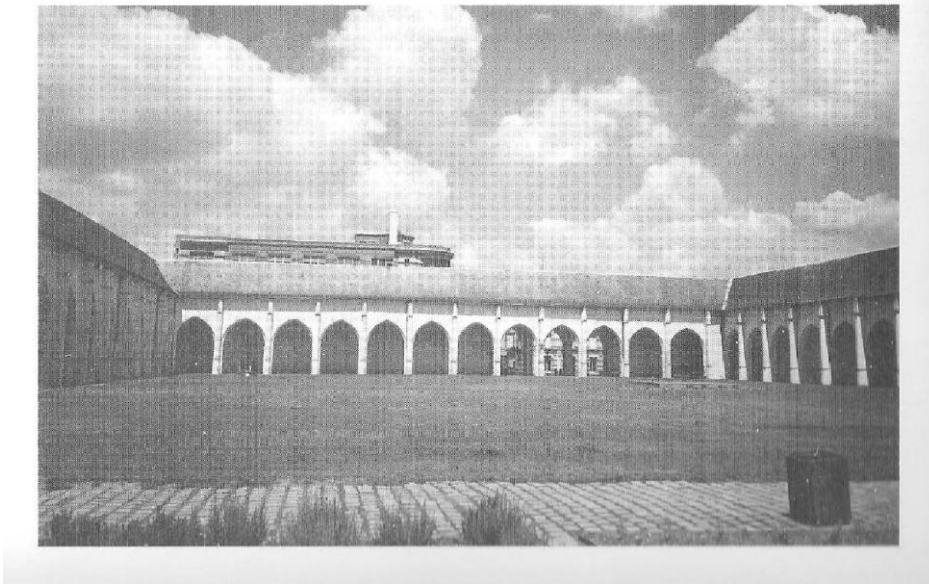
A Tipologia do Cemitério no Ocidente manifesta-se, a partir dos Séculos XVIII e XIX, com as soluções correspondentes a dois tipos principais de cemitério: os de desenvolvimento **horizontal**, parques ou jardins e os de desenvolvimento **vertical**. Sendo os mais comuns os de desenvolvimento horizontal.

O cemitério de desenvolvimento horizontal por norma, tem a sua localização numa área descoberta compreendendo as tradicionais campas e construções tumulares ou jazigos, e corresponde ao que designamos por cemitérios tradicionais.

Dentro dos cemitérios de desenvolvimento horizontal, podemos incluir os cemitérios do tipo **Parque** ou **Jardim** (fig. 18), originários dos Estados Unidos da América, fundados segundo a filosofia das Igrejas Protestantes, com inspiração na teoria e na prática da Arte dos Jardins, são aqueles predominantemente cobertos por relvados, isentos de construções tumulares, e nos quais as sepulturas são identificadas por uma lápide de mármore ou granito ao nível do chão e de pequenas dimensões, estes cemitérios, aparentemente, promovem a igualdade entre os homens sem discriminação económica, e os cemitérios do tipo **Museu** (fig. 17), inspirados na tradição medieval dos Campos Santos italianos e dos Cemitérios de Claustro franceses.

Aos cemitérios Museu e Jardim, viriam posteriormente juntar-se outras três soluções: o **Lawn Green Cemetery** (prado relvado), o **Waldfriedhof**, ou Cemitério - Floresta, e o **Parkfriedhof**, ou Cemitério - Parque.

10 – Cemitério-claustro de Perpignan.



6 – Modelo espanhol (fins do Séc. XVIII) de cemitério extra muros.

7 – O Campo Santo de Modena, um dos hipotéticos modelos dos projectos de cemitérios espanhóis de fins do Séc. XVIII, princípios do Séc. XIX.

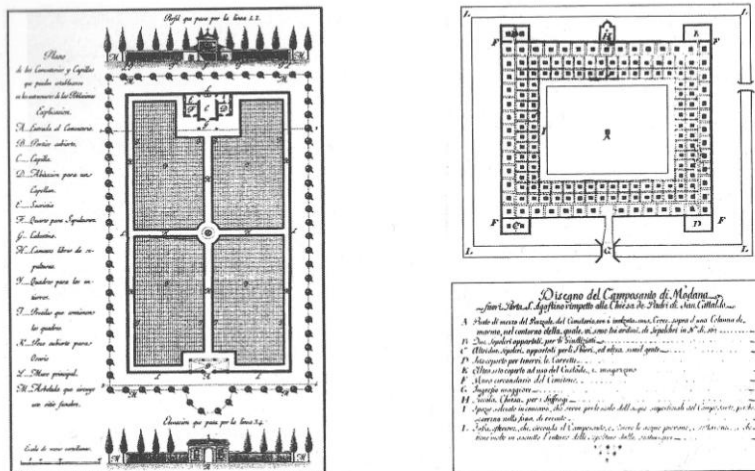


Fig. 16 Cemitério-Museu, em cima foto de cemitério-Claustro, em baixo plantas de modelos de Campo Santo

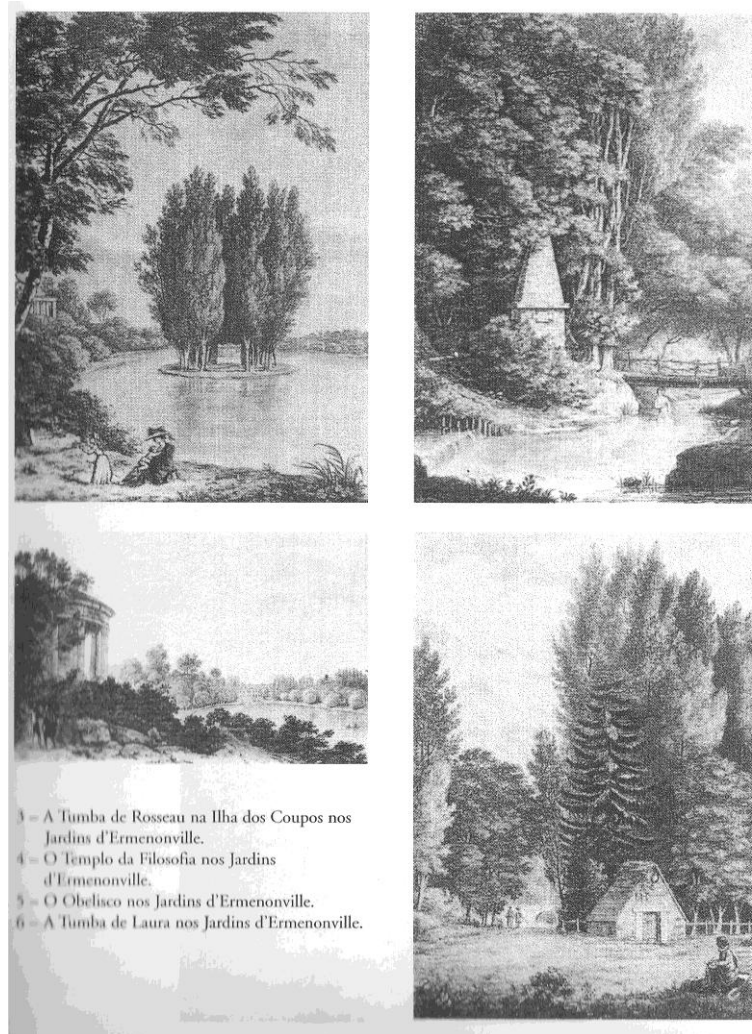


Fig. 17 Cemitério-Jardim, várias gravuras de exemplos que explicitam o conceito.

Assim, encontramos cinco tipos pré-definidos de Cemitérios de desenvolvimento horizontal que se distinguem pela predominância de características arquitectónicas específicas.

Na sua tese de doutoramento "Arquitectura para a Morte: Questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura", J. M. SIMÕES FERREIRA define o **Cemitério - Museu** do seguinte modo:

"O Cemitério - Museu: de traçado geométrico regular, é organizado por estruturas edificadas monumentais, formando grandes pátios rectangulares, por vezes, semi-circulares. São cerrados para o exterior, e abertos para o interior através de pórticos de colunas ou de arcada, formando claustros, onde se expõem os monumentos funerários, e por baixo dos quais existem caves,

onde se localizam as sepulturas, de tipo familiar, na sua maioria. As estruturas edificadas contêm os Edifícios de Culto (Capelas), e os dos Serviços, evitando-se a dispersão de construções. A grande referência histórica é o Campo Santo, de Pisa, e os Cemitérios de Claustro, de França, como o de Perpignan, de Orleans, ou o de Saint-Severin, em Paris (...), e pode-se considerar como um enobrecimento ou formalização arquitectónica da antiga prática crista da sepultura no Adro das Igrejas. E o tipo de Cemitério que predomina em Itália, mas reflectindo-se também, senão como modelo global, em certos pormenores que foram adoptados, na organização de cemitérios em Espanha, Portugal, França, Inglaterra, Áustria e Alemanha, nomeadamente Hannover, e nos cemitérios mais antigos de Munique, como o Südfriedhof.²¹

Seguidamente, debruça-se sobre o tema do **Cemitério - Jardim**, colocando-lhe as seguintes características:

“Cemitério - jardim: organizado como um jardim, de traçado orgânico, com áleas, bosques, clareiras, veredas, os elementos predominantes são o coberto arbóreo e arbustivo, o arranjo ajardinado do terreno e os monumentos funerários, que sob a copa das árvores se dispõem, em filas não muito ordenadas, ao longo das áleas, arruamentos ou veredas e nas clareiras ou rotundas. É normalmente delimitado por muros altos, por gradeamentos, ou por fossos de água rampeados, formando como que *remparts*, como se observa na Holanda e na Bélgica. Os Edifícios de Culto, situam-se em pontos nodais, normalmente no centro, e os dos Serviços, junto às Entradas, contíguos aos muros periféricos. (...) Assim, pode-se considerar, essencialmente, uma criação teórica dos Sécs. XVII-XIX, derivada da Arte dos Jardins, do Culto das Ruínas e da Antigüidade, e da *Weltanschauung* do Romantismo, com a sua primazia da Natureza. É o tipo de cemitério que predomina em França, Holanda, Bélgica, Espanha, Portugal, e, enfim, um pouco por todo o mundo ocidental..., embora raramente se encontre um em estado puro, estando na sua maioria cruzados ou contaminados pelo tipo do Cemitério - Museu, de que foram adoptadas algumas partes, como os Pórticos de Arcada.”²²

Simões Ferreira, debruça-se também sobre as restantes tipologias, referenciando-as na sua obra *Arquitectura Para a Morte: Questão Cemiterial e seus Reflexos na Teoria da Arquitectura*” como se segue:

““Lawn Green Cemetery: organizado como um prado relvado (um green) sobre o qual se dispõem alinhadamente, em filas paralelas, mas adaptadas às sinuosidades e aos declives do terreno, os monumentos funerários, como pedras erectas — predominando a verticalidade - dum jogo de xadrez. Os Edifícios dos Serviços de Apoio são mínimos, quase não se dando por eles, tal como os de Culto, resultando um conjunto muito homogéneo e despojado, quase minimalista. A referência arquetípica

²¹ J. M. SIMÕES FERREIRA (2009), «ob. cit.» 4, pag. 787, 796.

²² J. M. SIMÕES FERREIRA (2009), «ob. cit.» 4, pag. 787, 796.

parece ser os "alignements" de megalitos pré-históricos que abundam na Escócia, e um pouco por todo o Norte da Europa, principalmente na chamada zona céltica. Em Glasgow e Edimburgo, há cemitérios, como a Necropolis Glasguensis, ou o Rosebank Cemetery, que representam esta tipologia no seu estado puro, o mesmo acontecendo em New York com o Calvary Cemetery, em Queens. Mas na maioria dos casos, aconteceu a esta tipologia o mesmo que às descritas acima: foi contaminada pelas outras, principalmente as mais próximas em características, como o cemitério - jardim e o cemitério - parque."

[...]

Parkfriedliof, ou cemitério - parque: é organizado como um parque, ou seja, um grande espaço arborizado e ajardinado, num misto de traçado geométrico e orgânico, embora tratado de uma maneira que se pretende naturalista e pitoresca; de grandes dimensões — o Ohlsdorf chegou aos 400 hectares —, é dividido em partes diferenciadas, e organizadas de acordo com determinados aspectos temáticos, de que "o caminho dos poetas", ou os talhões e monumentos de homenagem às vítimas das guerras, no Ohlsdorfer Friedhof, são exemplo. Cada uma das partes constitutivas é tratada minuciosamente, procurando-se conjugar, com harmonia, os elementos básicos da paisagem natural: a terra, a água, a vegetação, o ar e os ventos, e os artificiais dos Edifícios de Culto, ou de Serviços (o Ohlsdorf tem 14 Capelas, e quase não se dá por elas). A referência modélica histórica, poderá ter sido o cemitério da comunidade pietista de Herrnhut, criado em 1730, mas, em geral, a referência de base, ou arquétipo, parece ser o modelo da paisagem rural da Alemanha - uma paisagem toda ela artificializada ou humanizada — com os diversos lotes de terreno separados por sebes ou renques de árvores. Esse mesmo modelo ressoa na divisão ou separação entre sepulturas, que costumam ser envolvidas por uma sebe que as delimita e cria um delicado simulacro de privacidade entre cada uma. Os monumentos funerários são relativamente modestos, quase limitados à pedra de cabeceira, muitas vezes, uma pedra tosca, simulando um menhir, onde se inscreve o nome do(s) sepultado(s), e pouco ou nada mais. (...)uma cultura da família, da comunidade, tio trabalho, de apego à realidade e de abnegada e esforçada aposta na sua metamorfose, intentando sobretudo a criação de um espaço ou lugar, que, como o próprio nome indica, seja um "campo de paz" {Friedhof}, ou seja, de repouso das fadigas desta vida de labuta e sofrimento, e onde se sabe estar predestinado a morrer. Talvez, afinal, a única maneira de alcançar a paz e a liberdade...

[...]

Waldfriedhof, ou cemitério - floresta: organizado como uma floresta ou bosque, em que o elemento dominante são árvores de grande porte, de folha caduca na sua maioria, por entre as quais, e por baixo das suas copas, se dispõem as sepulturas e os monumentos, singelos, que as assinalam e individualizam. O acesso às sepulturas é feito através de caminhos tratados como veredas (Wege) sinuosas, de traçado topológico, seguindo a disposição natural do terreno; as sepulturas, por vezes, agrupam-se de maneira mais concentrada em clareiras. Tal como no Parkfriedhof procurando-se manter os elementos básicos da paisagem natural: a terra, a água, o ar, os ventos, o arvoredo, as

*folhas secas em putrefacção, mas sem grandes esforços de os conjugar, antes privilegiando um certo despojamento e aspecto agreste ou bravo do conjunto. Resulta ser mais "naturalista" e "botânico" do que o Parkfriedhof, de que se pode considerar uma intensificação, e o mais mimético, em relação à Natureza, de todos os tipos de cemitério. Os Edifícios de Culto, os Crematórios, os de Serviços de Apoio, dispõem-se em clareiras não muito abertas, por entre o arvoredo. (...) A referência básica parece ser a floresta ou bosque primitivo e mágico dos povos germânicos, e uma certa ideia de retorno à Natureza virginal, e fusão com a Matéria primordial. É um modelo que se cruza facilmente com o do Parkfriedhof, e o Lawn Green, também admitindo fragmentos do cemitério - jardim, e até do cemitério - museu, como se faz observar no Skosgkyrkogården, em Estocolmo, no dispositivo de septos de parede formando pequenos palcos, que antecede o Crematório e as Salas de Culto, e onde se dispõem l. ipiilrs c outras pedras sepulcrais adossadas a esses septos, ou dispostas no chão por eles envolvido.*²³

Posteriormente, a estas cinco tipologias surge uma sexta que, segundo *Robert Auzelle* (1913 -1983) corresponde ao cruzamento entre o **Cemitério - Parque** e o **Cemitério - Floresta**, embora a associação possa, por vezes, não ser clara:

*"Uma outra fórmula, não sistemática ou mista, poderá ser chamada o cemitério paisagístico, a fim de significar com isso, que se trata de dar graça com um acompanhamento vegetal a um conjunto de paisagens respirando uma atmosfera de recolhimento e de paz. Aliás, à escala das realizações intercomunais, trata-se antes de mais, de uma federação de cemitérios, e é esta solução um pouco híbrida a que melhor respeita ainda a memória e o charme dos antigos recintos murados mortuários envolvendo as igrejas provinciais e que pode trazer à inspiração, o quadro de verdura e eventualmente alguns elementos arquitectónicos.*²⁴

Os cemitérios de desenvolvimento vertical (fig.19), são construídos de forma vertical acima do nível do solo, sem contacto com a terra; os corpos são sepultados separadamente em gavetas, uns do lado dos outros, formando andares, a circulação de visitantes é feita por meio de escadas ou elevadores, em corredores.

²³ J. M. SIMÕES FERREIRA (2009), «ob. cit.» 4, pag. 787, 796.

²⁴ J. M. SIMÕES FERREIRA (2009), «ob. cit.» 4, pag. 787, 796



Fig. 18 Cemitério vertical Memorial, em 1991, bairro do Marapé - Santos, Brasil.



Fig. 19 Cemitério vertical Memorial, futura ampliação - Santos, Brasil

5.2. Vantagens e desvantagens das tipologias.

Debrucemo-nos então sobre os tipos de cemitérios e as suas vantagens e desvantagens.

O Cemitério Horizontal Tradicional, composto por alamedas pavimentadas, com túmulos semienterrados, campas, jazigos, crucifixos, imagens, monumentos funerários, revestidos a mármore ou granito. Neste tipo de cemitério os corpos são enterrados directamente no solo.

Como vantagem, podemos destacar a facilidade de decomposição que resulta do contacto do corpo inumado com o solo.

As desvantagens, prendem-se com a possibilidade de contaminação de águas, ocupação de grandes áreas, alto custo, necessidade de solo adequado à prática da inumação e impacto na estética urbana. (PACHECO, et al., 1993)

Os cemitérios Parque ou Jardins, construídos com gavetas ao nível do solo, cobertas por relvados e árvores são isentos de construções tumulares. O sepultamento é feito por tumulação e as sepulturas são identificadas por uma lápide de pequenas dimensões ao nível do chão.

Independente da classe social, a apresentação das sepulturas é uniforme, com aspecto menos austero que os cemitérios tradicionais. É um dos tipos de cemitérios mais utilizados nas cidades actualmente, como forma de integração destes espaços no ambiente urbano. Estes aspectos podem ser vistos como vantagens deste tipo de cemitério de desenvolvimento horizontal.

Como desvantagens, são apontadas a falta de tratamentos do necrochorume e dos gases, o possível impacto ao nível das águas subterrâneas e a utilização de várias gavetas a baixas profundidades (PACHECO 1993).

Os cemitérios – Museu, são constituídos por estruturas monumentais edificadas, que formam grandes pátios. São fechados para o exterior e abertos para o interior através de pórticos de colunas ou de arcadas que formam claustros, onde se expõem os monumentos funerários, e por baixo dos quais existem caves, onde se localizam as sepulturas, de tipo familiar. As vantagens deste tipo de cemitério têm a ver com a conservação da arte tumular e a possibilidade de desenvolvimento do turismo cemiterial. Relativamente às desvantagens, são as mesmas que se associam aos outros cemitérios de desenvolvimento horizontal.

Os cemitérios de desenvolvimento vertical são compostos por um ou mais edifícios dotados de compartimentos destinados a sepultamentos. As vantagens destes cemitérios sobre os cemitérios de desenvolvimento horizontal são diversas.

A falta de espaço nas grandes cidades obrigou à instalação dos cemitérios em locais cada vez mais distantes. Os cemitérios de desenvolvimento vertical surgem como uma solução para este problema e são actualmente uma tendência em várias partes do mundo. Este tipo de cemitérios permite a manutenção dos costumes tradicionais, o sepultamento é feito em jazigos horizontais, estanques de betão armado.

Como maiores vantagens destes cemitérios podemos apontar o conforto, o acesso rápido, a segurança e a limpeza. Por exemplo, no que diz respeito ao conforto, inconvenientes como o vento, a chuva e suas consequências (lama, poças d'água e outras) são praticamente inexistentes nestes cemitérios. Tendo uma estrutura coberta facilita a que os espaços estejam sempre limpos, o que do ponto de vista psicológico é um factor importante.

Os cemitérios tradicionais têm a sua história intimamente ligada à Igreja. Geralmente situados ao redor de templos, têm como característica construções em forma de mausoléus ou capelinhas, as quais se deterioram pela acção do tempo, transformadas em "monumentos fúnebres" e com aspecto de abandono. Já os Cemitérios Parque, revolucionaram todo o conceito de preservação da memória dos que partiram, apresentam um conjunto paisagístico harmonioso, onde predomina a natureza, a beleza, a serenidade e o respeito, tornando-se propício para momentos de evocação e reflexão. Quanto aos cemitérios de desenvolvimento vertical, vêm apresentar-se juntamente com os crematórios, como uma das soluções para a falta de espaço nos grandes centros urbanos, despertam a curiosidade de muitos, mas também a resistência de outros.

No enquadramento das tipologias supra expostas, podemos concluir que, por norma, o cemitério Português corresponde a um cruzamento entre o **Cemitério - Museu** e o **Cemitério - Jardim**, herdando do primeiro os monumentos tumulares e os modos da sua agregação e retendo do segundo os muros altos, o ajardinamento e o traçado organizativo de conjunto.

A composição desenvolve-se a partir de uma pré-existência nuclear - Ermida, Capela ou elemento de consagração religiosa – e outras construções de maior evidência de entre as quais se destacam as Capelas, os Edifícios de Serviço cemiterial e as Entradas.

As Capelas são assumidas como ponto central ou núcleo articulador da Composição do Cemitério e a sua Tipologia e Escala modesta têm como origem as Ermidas tradicionais de “Estilo Chão”.

Nos Edifícios de Serviço cemiterial manifesta-se uma organização do tipo “Caserna”, com um sentido mais funcional e despojado.

Por fim, a Entrada, como único grande elemento que normalmente estabelece um eixo de ligação entre a Capela e o Espaço Público exterior - o Largo de acesso, onde floresce o pequeno comércio ligado aos rituais fúnebres próprios do interior do Cemitério - e cuja função é garantir a transição, de preferência, directamente do domínio público para o espaço central – o Talhão Nobre - onde se destacam os jazigos de família de maior importância social.

A proposta desenvolvida neste trabalho procura integrar de uma forma harmoniosa, no domínio da caracterização tipológica, características das diferentes Tipologias anteriormente focadas, com predominância de características do Cemitério - Museu.

Em termos gerais, o pensamento organizativo do Cemitério Português manifesta a necessidade de uma peça central consagrada à agregação espacial dos elementos que compõem o sistema do Cemitério. A regra de agregação do edificado, com origem na herança tipológica do Cemitério - Museu de um recinto cerrado de traça regular com arcadas, formando um claustro que interpreta o conceito enquadrando o conjunto num "quarteirão funerário", tem por finalidade obter um equipamento integrado no sistema urbano.

Relativamente ao edificado, o projecto procura reinterpretar a tipologia habitacional urbana:

A casa, vista como conjunto de edifícios multifamiliares na qual se explora a abstracção do tipo edificatório na racionalização dos processos da vida, mais concretamente no que refere aos elementos operativos como sistemas construtivos, estruturais, distributivos e de transição presentes na Cidade do passado e na Cidade contemporânea.

A principal diferença proposta em relação à concepção do espaço cemiterial português, consiste num maior controlo dos espaços associados ao limite do Cemitério e no tratamento da envolvente urbana, pois os Muros são construídos e vivenciados, na tentativa de racionalizar e domesticar os processos da Morte.

6. O DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL TURÍSTICO

6.1. O cemitério como espaço de passeio e representação social.

Foi no século XVIII e XIX, que os principais cemitérios europeus foram concebidos para os mortos mas, sobretudo, para os vivos. Foi nesta época que se fizeram grandes investimentos em peças de arquitectura, de escultura e de outras formas de arte tumular. Isto deveu-se ao facto de naquela altura os grandes cemitérios urbanos serem locais privilegiados de visita e de passeio. Os cemitérios criados no período Romântico foram concebidos com o objectivo de serem visitados e admirados pelas obras de arte neles existentes, obras essas que eram muitas vezes representativas do que de melhor se fazia na época. Fenómenos de emulação e de metaforização da morte deram origem aos mais interessantes, experimentais, pungentes, grandiosos e pomposos túmulos alguma vez feitos ao ar livre no mundo ocidental.

Por altura do declínio do Romantismo, a visão do cemitério urbano como um espaço de passeio alterou-se. Os investimentos a nível artístico reduzem substancialmente e, em alguns casos, monumentos e cemitérios inteiros foram destruídos.

Só nas décadas de 1960 e 1970 renasce o interesse pelos cemitérios, agora imbuído de noções como a de herança cultural e a de património.

É também por esta altura que surge o turismo relacionado com cemitérios, nomeadamente com aqueles mais monumentais do ponto de vista artístico. Este tipo de turismo teve um grande crescimento na década de 1990. Actualmente, a tendência é ainda de maior aumento do turismo cemiterial, tendência essa que se prevê com grande margem de crescimento a médio prazo.

Em 1993, foi também realizado o primeiro simpósio internacional de arte cemiterial em Wroclaw (Polónia), cujas actas foram publicadas pelo ICOMOS. Mais recentemente (2001), e também com o objectivo de promover o turismo em rede, foi criada a A.S.C.E. (Association of Significant Cemeteries in Europe - <http://www.significantcemeteries.net>), com representações em diversos países europeus.

Actualmente, existem já bastantes cemitérios classificados a nível mundial, destacando-se Mont Auburn (E.U.A.), Highgate (Londres), Père Lachaise (Paris) e Woodland (Estocolmo). Contudo, vários outros cemitérios oitocentistas são assinalados em guias turísticos, dado o seu valor artístico e histórico. É o caso do Cemitério Monumental de Milão, do Cemitério de Staglieno, em Génova, do Cemitério de Nápoles ou do Campo Verano, em Roma, que são muito visitados.

Alguns países como a Itália, o Reino Unido, os Estados Unidos da América e a Austrália, fazem actualmente o registo dos monumentos tumulares em abandono, levantamentos fotográficos e de epígrafes nos monumentos, de modo a que sejam editados catálogos de promoção turística desses espaços.

Actualmente, as principais vertentes de interesse pelos cemitérios antigos prendem-se com a escultura e – especialmente no mundo anglo-saxónico – com a antropologia e a genealogia. No caso dos países latinos, a arquitectura funerária tem sido também bastante valorizada. No Rio de Janeiro e, sobretudo, em São Paulo, as respectivas Prefeituras iniciaram um processo de valorização patrimonial dos seus principais cemitérios.

No que respeita a Portugal, o interesse pelo turismo cemiterial ainda é algo muito incipiente, isto porque o seu estudo sistemático é recente e existe uma reduzida consciencialização da sociedade para o tema.

Em Portugal existem cemitérios oitocentistas do ponto de vista artístico tão relevantes como alguns dos cemitérios estrangeiros já mencionados neste trabalho, não tendo, no entanto, a mesma dimensão.

Existem alguns cemitérios em Portugal que facilmente se podem colocar ao nível dos mais importantes no mundo, aliando a dimensão à qualidade artística e servindo de repositórios historicamente organizados de algumas peças de arquitectura e escultura, do melhor que em Portugal se fez durante o Romantismo.

Em 2002 e 2003 foram propostos para classificação como monumento nacional, vários cemitérios portugueses, com base em critérios rigorosos de valor histórico-artístico, são os casos do Cemitério da Lapa, no Porto (tramitando no IPPARDRP o respectivo processo de instrução, com o n.º 13/12/04 (001) CLS/2002); o Cemitério dos Prazeres, em Lisboa e o Cemitério Britânico de Lisboa.

O potencial turístico dos mais emblemáticos cemitérios portugueses encontra-se quase por explorar. Apenas os cemitérios da Lapa (no Porto)(fig. 20), dos Prazeres (em Lisboa), de Agramonte e do Prado do Repouso (ambos no Porto), foram objecto de acções claramente destinadas a uma valorização turística, através da publicação de roteiros e promoção de visitas guiadas.



Fig. 20 Cartazes promocionais dos cemitérios do Porto.

Em Novembro de 2001, enquadrado no Projecto de Valorização Cultural dos Cemitérios de Lisboa, foi instalado no edifício da Capela dos Prazeres o Centro de Interpretação dos Cemitérios Municipais de Lisboa.

O objectivo desta iniciativa é a sensibilização das pessoas para o valor museológico dos cemitérios, divulgando o trabalho efectuado pela CML no sentido de preservar e estudar um património ligado ao imaginário da Morte.

A escolha do Cemitério dos Prazeres para a instalação do Centro de interpretação, deveu-se ao facto deste constituir o mais monumental dos cemitérios da cidade, aquele cujas histórias e construções lhe conferem um lugar especial no imaginário lisboeta

O turismo cemiterial, apresenta inúmeras vantagens, sendo uma delas o facto do turista-tipo ter, na sua maioria, formação académica média ou elevada, o mesmo se aplicando ao seu poder económico. Outra grande vantagem é o facto do turismo “obrigar” a que as entidades responsáveis pela tutela dos cemitérios e dos jazigos, tenham um maior cuidado no que diz respeito à sua conservação, restauro e descaracterização.

Em Março de 2011 uma iniciativa do Conselho Europeu constituiu A Rota dos Cemitérios – Programa de Circuitos Culturais, que engloba 54 cemitérios, espalhados por 18 países, incluindo Portugal, na cidade do Porto.

Esta iniciativa foi promovida por Maria Luisa de Yzaguirre, presidente da Associação de Cemitérios Significativos da Europa (ASCE).

Tendo em conta a inserção do Cemitério da Ajuda numa área rica em património de interesse público como o palácio da Ajuda, o Jardim das Damas, o Salão da Física, a Torre Sineira, o Paço Velho e o Jardim Botânico da Ajuda, seria um erro não tirar partido do recente interesse pelo Cemitério português e pelos seus jazigos.

"São várias as vantagens do turismo baseado nos cemitérios. Em primeiro lugar, o facto do turista-tipo ser sobretudo de média ou elevada formação académica e de médio ou elevado poder económico. Ainda assim, são diversificadas as motivações para o turista dos cemitérios históricos e monumentais europeus, destacando-se sobretudo duas:

-A visita a locais de elevado significado histórico, literário ou patriótico, como é o caso de túmulos de grandes escritores, músicos, líderes políticos e ideológicos, ainda que estes túmulos não tenham qualquer interesse artístico. Esta motivação nota-se em Portugal sobretudo em grupos restritos. O potencial turístico dos cemitérios monumentais portugueses é maior sobretudo junto do mercado estrangeiro e especialmente junto de turistas não mediterrânicos. De facto, os turistas do norte da Europa, do mundo anglo-saxónico e nipónicos encaram os principais cemitérios portugueses (e latinos em geral) como exóticos e, dada a escala da arquitectura, até mesmo espectaculares. Contudo, só os descobrem por acaso, pois os pacotes turísticos ainda não os publicitam e os poucos roteiros já publicados dificilmente são distribuídos de forma eficiente nos postos de turismo. Existe um claro potencial por aproveitar e valorizar."²⁵

Neste sentido importa valorizar, inovar e cuidar do espaço cemiterial português e, para tal, o Projecto propõe Espaços de Exposição dedicados à arte funerária portuguesa – situando-se um deles no último piso do Bloco Administrativo - e a criação de um espaço central no Bloco Ossário onde seja possível expor exemplos contemporâneos da estatuária fúnebre.

"Uma outra vantagem do turismo cemiterial é o facto das visitas se tornarem geralmente muito demoradas, sobretudo nos cemitérios maiores e mais recheados de arte. Sendo demoradas, muitas vezes implicam a estadia por mais um dia, quando a mesma não depende de pacotes turísticos rígidos. E lembremo-nos que mais um dia, por parte de turistas com certo poder de compra, acaba por ter forte impacto económico se conseguirmos aproveitar o potencial turístico dos nossos principais cemitérios."²⁶

No plano económico, importa ainda referir que a concretização do potencial que esta mais valia encerra requer a conjugação de esforços nos domínios da Manutenção, da Promoção e da Inovação nos espaços cemiteriais em Portugal.

²⁵ QUEIROZ, FRANCISCO « Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal » in <http://franciscoeamargarida.planetaclix.pt/perfis.htm>

²⁶ QUEIROZ, FRANCISCO « ob. cit. » 50

7. O PROJECTO

7.1. Análise e proposta.

No início deste capítulo pretendo relembrar algumas das questões levantadas nos capítulos anteriores, esclarecendo algumas das opções tomadas, na elaboração do processo que conduziu à realização da proposta de intervenção.

A fase de desenho urbano teve como objectivo a reformulação da zona do actual cemitério da Ajuda e algumas áreas que lhe são adjacentes, considerando a sua importância e valor patrimonial, e as suas potencialidades de desenvolvimento e valorização como espaço social de preservação da memória.

No capítulo que trata a problemática da integração dos espaços cemiteriais, aponto como um dos principais problemas, a difícil coexistência entre alguns cemitérios com o meio urbano, estando estes associados à generalidade dos cemitérios urbanos Portugueses, e que, é válido para o caso em estudo, explicando o motivo da ruptura e descaracterização do modelo em uso no Cemitério da Ajuda.

O surgimento deste modelo deve-se, à urgência da separação dos vivos dos mortos, resultando no afastamento do lugar de sepultamento do centro das localidades. As razões são várias, mas destacam-se as seguintes: A Saúde - por motivos de salubridade pública e O decoro - receio que as classes dominantes teriam que a pureza e o decoro no interior dos templos religiosos fossem postos em causa por monumentos fúnebres de enorme fausto e carácter lúgubre que eram expressão de uma classe burguesa emergente e sedenta de reconhecimento.

Agora, os novos cemitérios criados, tornar-se-iam no palco desse reconhecimento. No entanto careciam de consagração religiosa, e assim transferiu-se subtilmente a sacralidade que estava associada aos templos e mosteiros na figura de um campo- santo ,um espaço que se caracteriza pela transformação de uma porção de território, num espaço destinado ao sepultamento.

Este processo operou-se pela associação a estes espaços de elementos simbólicos de forte cariz religioso e que possuíssem o reconhecimento por parte do clero e do povo, sendo

inúmeros os exemplos: antigos templos, ermidas, relíquias de valor religioso no fundo tudo que pudesse transferir a um local referências identitárias de espaço religioso.

Assim se definiu como tipologia de referência um recinto cercado por muros altos e cuja organização advém da arte dos jardins e da inclusão de monumentos fúnebres.

O Cemitério bosque e Cemitério Parque, surgem numa lógica de continuidade de espaços verdes como bosques e florestas.

Torna-se assim evidente, o contexto em que se insere no território e paisagem o que explica, que quando a cidade cresce sobre os seus domínios ou este tenha de se expandir para os domínios da cidade, surge um conflito que resulta na criação de espaços indefinidos e descontinuados.

A solução é então evitar a edificação de habitação multifamiliar demasiado próximo dos recintos cemiteriais, por estes revelarem a sua constituição interior.

No âmbito da arquitectura portuguesa, os cemitérios demonstram uma falta de coesão espacial devido à disparidade de linguagens de expressão pessoal que resultam na maioria das vezes numa poluição visual.

Os cemitérios Portugueses contêm características que se adaptam melhor a meios de baixa densidade, isto explica que, quando no contacto com o sistema urbano exista necessidade de espaço adjacente, este funciona como faixa de transição de escalas, que no meio urbano poderá transformar-se em espaço disfuncional e descaracterizado ou com tendências a sê-lo.

Portanto haverá este risco, quando me reporto ao cemitério da Ajuda e constato a impossibilidade da existência desta faixa envolvente.

Outra possibilidade seria recuar os limites do cemitério, o que teria por consequência a diminuição da capacidade de resposta às necessidades programáticas.

No entanto, há necessidade de recuar o limite, criando um desafogo na Calçada da Ajuda que se encontra confinada entre o cemitério e à G.N.R.

Desta forma, tornou-se evidente a conveniência de estudar uma solução que resulte numa economia de espaço, recorrendo à sobreposição de nichos de inumação.

Estes nichos representam um método ecológico que não contamina os lençóis freáticos, e ao qual pretendo ver associado um modelo utilizado nos países Nórdicos que consiste no

alargamento temporal do prazo de concessão dos 3 a 5 anos para 30 a 50 anos. O motivo é a procura de outras soluções que não passam pela tradicional inumação cuja tendência crescente poderá resultar no despovoamento dos nossos cemitérios a médio e longo prazo.

No estudo desenvolvido foi importante constatar a existência de alternativas usadas no passado que, do meu ponto de vista, se adequam melhor ao meio urbano. Este é o caso do cemitério-Claustro: de cariz mais arquitectónico - isto é, na lógica de edifícios que se associam às catedrais, mosteiros e palácios - a maioria destas tipologias localiza-se no interior de povoações, resultando numa escala que melhor se agrega ao meio urbano.

Podemos tecer algumas considerações sobre as influências que ajudaram a definir esta tipologia. É evidente a herança Clássica onde se observa alguma similitude com o *Ágora*²⁷, lugar de desenvolvimento de comércio coberto.

No Românico, Gótico e Barroco o claustro define uma estrutura cerrada para um pátio interior. No panorama Português encontramos exemplos de Cemitérios-Claustro, tipologia utilizada originalmente na inumação de frades e cavaleiros da ordem de Cristo, sepultados sob o pavimento dos claustros.

Numa fase de aprofundamento do tema, constatei que o modelo tipológico mais utilizado em Portugal corresponde a um cruzamento entre duas tipologias distintas: o Cemitério-Jardim, e o cemitério-Museu, sendo no entanto o primeiro o de maior proeminência.

O Projecto pretende, assim, propor a criação de uma estrutura que organiza em altura novos Ossários e columbários para a guardar vasos cinerários (gavetas de pequena dimensão).

Outra das questões prende-se com o afastamento das populações dos espaços cemiteriais, as razões são variadas e profundamente enraizadas na cultura ocidental e remontam ao séc. XVIII, e ao surgimento do racionalismo que ditou a rejeição dos mortos pelos vivos, pré-configurando uma sociedade pós-industrial onde os cemitérios são vistos como espaço de confinamento ou até de rejeição tal como os hospitais, asilos e prisões.

²⁷ *Ágora*: dispositivo público formado pelo *Stoa* (o que é o *Agora*)

No entanto é necessário manter o convívio, e tem surgido em Portugal novos equipamentos como são exemplo os tanatórios²⁸ equipamentos de apoio as práticas funerárias que possibilitam a oferta de novos serviços que visão minorar a dor dos familiares.

Propõe-se, também, a construção de um Crematório, devido ao crescente número de cremações no nosso país, que já igualou o número de sepultamentos e a carência de equipamentos desta natureza.

7.2. Composição e desenho

O processo criativo teve, na sua génese o desejo de transformar um conceito numa imagem, baseando-a em experiencias pessoais e num processo de aprendizagem contínuo. Este método resultou numa formalização capaz de transformar o território, gerindo as áreas, usando como referencia a envolvente próxima e relacionando estes espaços entre si. O resultado deste método é uma imagem onde se encontra uma relação directa entre a Cidade, o Rio e o Património.

Através da trilogia conceptual “olhar, desenhar, reflectir”, o Projecto pretende desenvolver e gerir o espaço cemiterial à luz das premissas urbanas que constituem os limites do Cemitério. Para esse efeito, foi usada como bitola a Cidade Tradicional: O Quarteirão na sua mais pura racionalidade como massa construída, fortificada e dialogante com a envolvente, não de forma impositiva mas numa lógica de integração.

"A construção do desenho do projecto possui sempre uma dependência, um espectro prático (que está no mundo): a solução para que se dirige, essa solução porvir, sustentada geralmente pelo contrato do programa que o originou. A panóplia instrumental informática em uso no Design (tanto no que refere ao hardware como ao software) confirma esta geometria, este movimento dirigido do projecto."²⁹

²⁸ Tanatório : estabelecimento funerário, à semelhança da morgue, onde são efectuados os preparativos pós-mortem do corpo. O nome tem como origem a palavra grega *Thanatos*, o deus grego da morte passiva.

²⁹ Cabau, Philip, «Esse desejo de ver claro ...», p. 30

Desta forma, a abordagem projectual pretendeu conservar a Capela existente, não apenas como elemento de memória, mas como gerador cartesiano. É através deste elemento que se desenvolve o posicionamento e dimensionamento das restantes peças do projecto, usando-o como métrica caracterizadora do local.

A Capela (fig.21) reúne em si a identidade de uma época, assumindo relevância num contexto contemporâneo em que se manifesta como elemento primordial na relação com os restantes elementos da composição.

" Porque só o que é essencial à caracterização dessa Ideia pode suportar a transferência entre níveis de complexidade distintos sem que se perca o essencial da sua Identidade, porque nesse caso se subverteria a Ideia de Arquitectura inicial.

E definir uma Ideia de Arquitectura apenas no suporte do que é essencial para a caracterização da sua Identidade Espacial corresponde a fazê-lo no nível de máxima abstracção que seja compatível com a Escala a considerar;

O que constitui um exercício disciplinar que justifica o recurso à caracterização da Identidade Espacial no plano da Tipologia, sobretudo no caso de soluções de grande Escala – como são todas as que envolvem o Desenho da Cidade.³⁰

No Espaço da Memória – o Cemitério - tornou-se necessário incluir uma proposta que se materializasse pela ocupação em altura, permitindo assim libertar área para campos de inumação ou espaços verdes de protecção ou enquadramento visual. Foi igualmente pretendida a ocupação do piso de cobertura por jazigos de família, promovendo a relação dos visitantes com a paisagem urbana da cidade e o rio Tejo.

"Entendida deste modo, a Prática do Projecto constitui um exercício de Geometria Aplicada que desenvolve a tradição disciplinar própria da Composição segundo a qual, por ter a sua origem no contexto do Pensamento Clássico, a configuração do Espaço Arquitectónico assenta em Princípios Fundadores, Traçados Reguladores e Proporções que se articulam no suporte operativo fornecido pela disciplina da Geometria;(..)... a Ideia de Arquitectura que o estrutura, que se institui no âmbito de um processo compositivo que é um acto mental suportado por uma Prática Geométrica.(...)

³⁰ AFONSO, LUÍS FILIPE FERREIRA (2009), "Artitextos: 07 : Urbanismo. Arquitectura. Design. Moda"» A disciplina da composição e a prática do projecto, CEFA (Editorial da Faculdade de Arquitectura) + CIAUD (Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design)- p.11-34

A Geometria associada à Tectónica, por seu lado, lida com entidades cuja materialidade é uma evidência incontornável e que, certamente não por acaso, são justamente designadas por Materiais. (...)terá então de ser organizado um acto de Composição Edificatória que é também um exercício de Geometria Aplicada, ainda que num outro nível de complexidade.³¹

³¹ AFONSO, LUÍS FILIPE FERREIRA (2009), «ob. cit. 14»

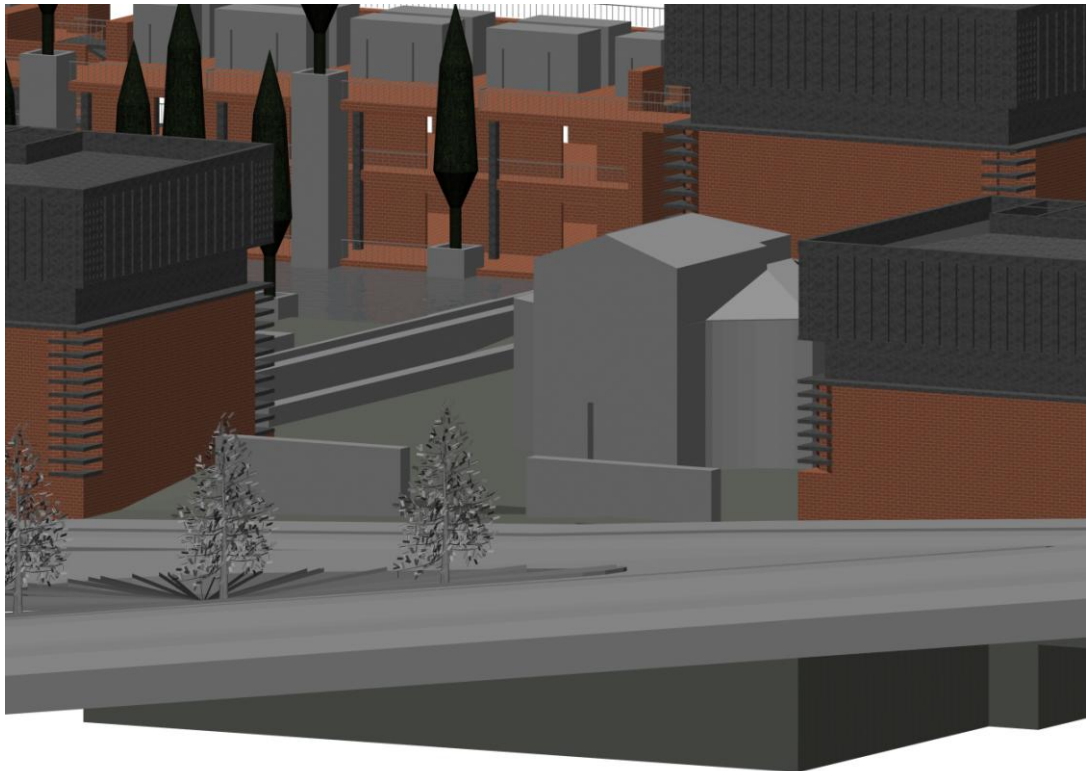


Fig. 21 Projecto proposto, a Capela como referencial de memória e identidade do local, render de modelo 3d e fotomontagem com imagens de satélite do local de intervenção.

O cemitério que outrora ocupava um lugar privilegiado na vida social como local de passeio, tornou-se um espaço pouco convidativo, fora da vivência diária das populações, que passam a frequentá-lo apenas em ocasiões especiais como o acompanhamento de um funeral ou para fazer a manutenção de uma campa. Esta mudança deve-se a uma quebra dos elos que ligavam os espaços à sociedade actual, e aos inúmeros factores que conduzem à diluição da identidade, dos valores e do espaço do homem na sociedade.

Como anteriormente foi referido o Cemitério da Ajuda é constituído por duas áreas, que resultam de influências distintas, em redor da capela: uma resultante da sua construção inicial e outra construída posteriormente, já no Século XX.

No caso da primeira, o desenho reflecte o traçado da cidade oitocentista, enquanto que o processo de desenvolvimento da segunda resulta de um somatório de necessidades de crescimento onde falta claramente um planeamento à imagem da cidade actual, resultando num conjunto de espaços pouco convidativos, esgotados nos seus recursos e sem uma ordem aparente que os tornem num sistema operativo em termos urbanos.³²

A ideia de criar um percurso ritmado de luz/sombra que estabelece contacto entre o espaço interior do cemitério e o exterior constituiu um aspecto sedutor. Esta ideia levou-me a pensar na criação de um edifício cemitério. Numa fase posterior constatei, no entanto, que a melhor forma de dar resposta aos problemas do relacionamento entre interior/externo, partiria da solução única apresentada, dividindo-a por várias plataformas e edificado que se adossassem ao território. Esta agregação de conjunto iria formar um dispositivo espacial – chamando-o assim, com certa ousadia, de quarteirão.

A proposta constrói um discurso compositivo que pretende definir os limites do cemitério através da vivência dos muros existentes, assim como na criação de um percurso interior que fomente a introspecção e um estado de quietude, possuindo no entanto alternativas que se adequem à possibilidade de vislumbrar a vivência exterior da cidade.

Este ponto pode ser compreendido como uma contradição. Na minha opinião seria um erro não promover o renascer da revivência do cemitério como espaço de passeio, aproveitando o potencial da paisagem urbana que tem por fundo a cidade, o rio e outra margem, e ainda tirar partido da proximidade com o palácio real da Ajuda, jardim botânico e a área de forte atracção turística de Belém.

³² Fonte: site da Junta de Freguesia da Ajuda e pesquisa de cartas e P.D.M. de Lisboa

Na definição do papel dos elementos compositivos e sua articulação no conjunto, são de destacar dois elementos compositivos com funções estruturantes específicas³³ e distintas:

- O primeiro elemento corresponde à construção de um percurso cuja característica essencial seja uma grande fluidez, tornando-o no principal elemento dialogante entre o interior do Cemitério e a Cidade no seu exterior. A morfogénese deste percurso reinterpreta referências utilizadas em edifícios de habitação colectiva de vários pisos, conduzindo à materialização de um limite construído profundo e utilizável no seu espaço interior;

O segundo elemento consiste na utilização do piso de cobertura deste limite construído - tanto na relação com a envolvente próxima (Palácio da Ajuda, Jardim Botânico e Arruamentos adjacentes) como com a mais distante (rio Tejo) – transferindo para este piso os jazigos de família, com o objectivo de reorganizar o espaço do Cemitério e de resolver o remate do edifício com o céu.

Este componente do Cemitério foi pensado, na sua configuração, com um carácter introspectivo, pois a sua intenção poética é reforçar a centralidade e a gradual subida aos céus, simbolizando o fim do processo assinalado pelo guardar dos ossos e das cinzas.

No seu conjunto, estes dois elementos articulam o Território, o Programa e a Poética associados ao desenvolvimento do Projecto.

" Os instrumentos operativos associados ao exercício de Geometria Aplicada que sustenta o processo compositivo são, basicamente, os que referem à Tipologia Edificatória e aos Sistemas de Proporção, entendidos latamente; Correspondendo o primeiro ao processo através do qual pode ser definido o Tema de Composição cuja resolução permite caracterizar a Identidade Espacial da solução e consistindo o segundo no conjunto dos procedimentos que conduzem à configuração detalhada do seu Sistema Espacial."³⁴

³³ O conceito de função estruturante foi introduzido por *Francesco Milizia* no âmbito da reflexão teórica que sustenta o discurso do tratado de Arquitectura de que é autor, publicado em 1785, sendo entendido como o enquadramento em que deve resolver-se a articulação conjunta das questões relativas ao estatuto da Obra e da Escala a ela associada, encarados enquanto Princípios Projectuais que sustentam os mecanismos operativos aplicáveis à caracterização Tipológica Edificatória.

³⁴ **AFONSO, LUÍS FILIPE FERREIRA** (2009), "Artitextos: 07 : Urbanismo. Arquitectura. Design. Moda"» **A disciplina da composição e a prática do projecto, CEFA (Editorial da Faculdade de Arquitectura) + CIAUD (Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design)-** p.11-34

Os instrumentos utilizados na composição deste sistema espacial, articulam em si as diversas questões que contribuem para a sua identidade no plano das ordens Programática, Tipológica, Geométrica, Topológica, Tectónica e Poética.

A capela assume-se como eixo de simetria e referência indissociável da composição, apesar de ser um elemento equacionado para um dispositivo funcional de baixa densidade com o recuo dos limites do actual cemitério reforçando a sua presença e relação com a entrada e o largo exterior.

Na proposta que apresento, equacionei a possibilidade de uma segunda entrada, o que faria todo sentido no seguimento do eixo formado pelo largo, entrada principal, capela espaço cerimonial exterior e Jardim Moinhos de Santana. No entanto ao analisar uma série de cemitérios, conclui que na sua maioria são essencialmente compostos por uma estrutura organizativa que privilegia uma só entrada.

8. MEMÓRIA DESCRITIVA

A evolução do estudo desenvolvido, ao longo do semestre, no âmbito da elaboração do Projecto, conheceu várias definições até encontrar a sua forma final, articulando-se em três níveis de complexidade:

- Numa primeira fase, foi desenvolvida uma **Proposta Urbana**, incluindo a Análise da Área de Estudo, a elaboração de um Programa e a elaboração de um Plano Morfológico de Conjunto (anexo 02).

O Lugar do Projecto situa-se na área envolvente do Palácio da Ajuda, correspondendo ao actual Cemitério da Ajuda. (anexo 01)

A Ideia de Arquitectura que sustenta o presente Projecto consiste na reinterpretação do espaço do Cemitério com o objectivo de repensar a sua organização e de o relacionar formalmente com a Cidade, procurando a sua integração com a malha urbana existente.

O instrumento utilizado para a formalização desta Ideia consiste na reconstrução dos Limites do Cemitério, propondo para o espaço interior deste Limite novos modelos de gestão das concessões e introduzindo novas valências no Cemitério existente, dotando-o com um Crematório.

A resolução do Projecto do ponto de vista urbano teve como principal preocupação, além do propósito óbvio de conceber um novo Limite e de qualificar os actuais, concertar uma nova estratégia que possibilitasse o prolongamento da largura da Rua das Açucenas até à Rotunda Antão Gonçalves, alargando e redesenhando a Estrada de Caselas.

Nas áreas que confinam com o Cemitério pelo lado Norte considerou-se que faria sentido deslocar o posto de gasolina existente e criar uma área verde que ajude a minorar o impacto visual do embasamento dos grandes edifícios de habitação que, pelas características da sua implantação, vencem uma diferença de cotas de cerca de 10 metros entre a Av. Helen Keller e a Rua de Caselas.

Foi no seguimento deste raciocínio que se concluiu que seria indispensável a criação de um Acesso de Serviço Único que servisse tanto o parque de Moinhos de Fontelas como uma entrada de serviço para apoio ao Cemitério.

Esta entrada poderá servir como caminho pedonal de ligação à frente Sul do Cemitério e, devido à sua cota elevada em relação ao Parque, possibilita o seu usufruto visual, sem que para tal o Parque perca o carácter de Recinto Fechado associado à sua natureza de Parque Urbano vedado com horários pré-estabelecidos.

Embora se reconheça que, caso fosse um espaço aberto, poderia servir melhor os moradores das áreas urbanas vizinhas, mas traria também problemas de segurança e maiores custos de manutenção devido aos actos de vandalismo previsíveis.

- Numa segunda fase, foi desenvolvido o **Projecto do Cemitério** (anexo 00).

O tratamento do Largo do Cemitério da Ajuda assenta numa solução de grande simplicidade que integra os Postos de Venda de flores existentes Largo criando um lugar central de forte referência visual e axial com a Entrada no Cemitério e com a Capela respectiva.

Assim, o Largo funciona como uma Antecâmara que constitui o espaço da presença transitória das pessoas que visitam o Cemitério ou participam num ritual fúnebre, garantindo a transição entre o interior do recinto e a Cidade no seu exterior.

A resolução da Entrada baseia-se na Simetria, tanto no desenho dos Portões como na separação entre a entrada pedonal e a de veículos automóveis, permitindo soltar o Ossário e o Edifício Administrativo e tornando mais intenso o diálogo com a Capela que se associa à Identidade do local.

Na adequação do Projecto ao terreno e às cotas da Rua, optou-se pela criação de quatro plataformas de permanência e distribuição:

A primeira Plataforma inclui o eixo principal de entrada onde se situa a Entrada no Cemitério, a Capela, o Edifício Administrativo e o Crematório.

O espaço por detrás desta Plataforma foi dimensionado para a realização da última missa segundo modo de Missa Campal e, a partir desta plataforma, existe a possibilidade de aceder a uma rampa que percorre o Limite Norte do Cemitério num percurso ritmado por uma linha de ciprestes e um muro branco. Em dado momento a rampa solta-se do chão

(matéria), tornando-se numa lâmina de betão que se transforma em cobertura (céu), simbolizando a desmaterialização do corpo e criando um espaço coberto exterior que antecede a antecâmara de cremação.

A segunda Plataforma inclui um Campo de Inumação, 2 blocos de Jazigos e 4 blocos de Ossários e uma área de descanso e contemplação composta por duas linhas ritmadas de ciprestes, bancos e um espelho de água, através do qual se pode transportar simbolicamente o Céu para a Terra.

No âmbito da solução proposta no Projecto, e caso a utilização do Campo de Inumação não seja necessária no futuro, poderá ser transformado em relvado ou área arborizada.

A terceira Plataforma inclui 2 blocos de Jazigos e 4 de Ossários, um Campo de Inumação, uma área destinada à celebração de Missa Campal e apoio à Área Técnica.

A quarta Plataforma, acessível por uma rampa a partir da anterior, inclui um Campo de Inumação e uma área verde arborizada.

Do conjunto desta Plataforma poderá destacar-se o acesso ao Ossário que constitui também um Miradouro de onde se pode contemplar grande parte da Cidade de Lisboa, incluindo o rio Tejo, além do vizinho Parque Urbano de Moinhos de Fontelas.

A composição do Edificado e do sistema das Plataformas tem como objectivo a construção de um percurso sem barreiras que não impeça a fluência normal dos espaços e a vivência das transições entre eles.

O Programa proposto articula os seguintes componentes:

- **4 Blocos - Rótula** destinados a **Ossários e Cinzeiros** com 3 a 4 pisos, possuindo capacidade para 250 células individuais para Ossários em cada um.

O último piso destina-se a células para depositar urnas cinerárias provenientes da cremação.

Os diversos níveis são ligados entre si através de distribuição vertical por escada sendo a acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida assegurada pelo Bloco adjacente.

- **4 Blocos Lineares** destinados a **Jazigos Individuais e Familiares** com 2 a 3 pisos, sendo o último piso destinado exclusivamente a Jazigos de Família.

A sua capacidade é de 302 Jazigos Individuais e 32 Jazigos de Família por piso. Estes Blocos dispõem de distribuição vertical por escada, de meios mecânicos destinados a pessoas com mobilidade reduzida e de Monta-Cargas para veículos de serviço.

- **5 Campos de Inumação**, três dos quais destinados a inumação e exumação ao fim de 3 a 5 anos, com capacidade para 1900 sepulturas e os restantes dois destinados a Concessões Perpétuas.

Um destes dois Campos de Inumação destina-se à reorganização das Concessões Perpétuas já existentes, destinando-se o segundo às novas Concessões.

Os Campos organizam-se em três plataformas niveladas, acessíveis entre si por escadas e rampas, estando estas organizadas de modo a garantir a separação entre o movimento de veículos de serviço a passagem de pessoas com mobilidade reduzida.

- **Crematório** com 4 pisos, incluindo os seguintes serviços:

Piso - 01 (acesso de serviço)

- Área reservada 16 lugares de estacionamento
- Sala da caldeira do sistema central de ar condicionado.

Piso 00 (acesso público)

- Recepção, segurança e serviços administrativos.
- Sala de espera pelas cinzas resultantes da cremação
- Instalações sanitárias gerais destinadas a utentes de ambos os sexos e pessoas com mobilidade reduzida
- Instalações sanitárias destinadas a funcionários
- Antecâmara de acesso ao piso superior e a sala de cremação
- Sala de cremação
- Sala do forno (forno com capacidade para realizar 16 cremações diárias)

- Sala de tratamento das cinzas (Possui sistema integrado de moagem das cinzas provenientes do forno crematório)
- Sala de frio (possui capacidade para manter 6 corpos)
- Sala de arrumos gerais
- Espaço de arrecadação de equipamentos e materiais destinados a limpeza.
- Instalação sanitária com duche uso individual e colectivo
- Área de carga e descarga e manutenção do crematório.

Piso técnico

- Área reservada à torre de ventilação do sistema central de ar condicionado

Piso 01 (acesso público)

- Espaço exterior que antecede a entrada principal do crematório.
- Área de transição entre o espaço exterior e o salão cerimonial.
- Salão cerimonial.
- Plataforma elevatória que acede a sala de cremação
- Escada de acesso ao meio-piso do salão cerimonial e piso inferior

Meio-piso 02 (acesso público)

- Columbário destinado a guardar vaso de cinzas.

- **Bloco Administrativo** com 3 pisos, incluindo os seguintes serviços:

No Primeiro piso

- Recepção para segurança com área para vídeo vigilância
- Instalações sanitárias gerais destinadas a utentes de ambos os sexos e pessoas com mobilidade reduzida.
- Área de serviço para funcionários dispondendo de pequena copa e instalação sanitária para funcionários.

No Segundo piso

- Área de atendimento

- Secretaria
- Arquivo
- Gabinete administrativo
- Instalação sanitária de funcionários
- Espaço expositivo destinado à divulgação da arte e história cemiterial

No Terceiro piso

- Espaço expositivo destinado à divulgação da arte e história cemiterial

A Materialidade proposta inclui as seguintes situações: (anexo 00)

No domínio da Materialidade, houve no início o desejo de que fosse utilizado um sistema construtivo de Adobe, pela dimensão simbólica da matéria usada neste método construtivo.

Todavia devido às dificuldades que caracterizam o comportamento deste material quando utilizado em conjunto com outros materiais e métodos construtivos mais correntes, optou-se, mais tarde, pela execução da estrutura em betão armado sendo o seu revestimento exterior substituído por tijolos de barro vermelho. Penso ser esta opção que melhor reforça o carácter simbólico que procuro transmitir, utilizando no interior cores claras no pavimento e paredes para explorar a luz, sombra e reflexos.

Nos muros optou-se pelo betão armado branco com cofragem metálica.

Os pavimentos exteriores serão executado numa superfície contínua de aglomerado asfáltico de 8 cm de espessura formado por mistura betuminosa descontínua a quente, tipo M10, com inerte granítico e betume asfáltico de penetração sendo intervalada por junta em lajetas de pedra moleanos serrada.

A aplicação dos materiais propostos no conjunto dos edifícios será a seguinte:

- Blocos - Rótula:

A construção destes edifícios será executada segundo um processo misto utilizando estrutura metálica e betão armado através de cofragem metálica.

Os revestimentos serão compostos por três paramentos de alvenaria, o exterior de revestimento, o interno de suporte ao revestimento e o última de remate interior, sendo a fiada exterior de tijolo de barro vermelho maciço (0.23 x 0.07 x 0.11) e as restantes em blocos em betão normal (0.20 x 0.50 x 0.20), o seu interior possui caixa de ar revestida a placas de cortiça de 8cm de espessura (no Crematório e bloco administrativo), o revestimento interno é composto por camada de regularização e estuque pintado de branco com cerca de 2 cm.

A cobertura e o coroamento destes blocos serão revestidos a chapa de zinco sobre suporte executado em perfis tubulares metálicos, sendo o lanternim em chapa acrílica transparente.

No seu interior, os pisos serão construídos em lajes de betão armado suportadas por pilares metálicos constituídos por perfis HEB, sendo as escadas e as respectivas guardas executadas em perfis metálicos.

Todos os elementos de construídos em ferro serão objecto de tratamento anti-ferrugem e pintados na cor cinza escuro.

As lajes de pavimento serão revestidas com mono-massa de aglomerado calcário que será substituído, nas escadas, pela aplicação de chapas de revestimento anti-derrapante metalizado.

Os nichos - gavetas ou gavetões - serão construídos em betão armado, estando previstos pequenos orifícios destinados à ventilação na sua parte posterior.

- Blocos Lineares:

A construção destes edifícios será executada em betão armado através de cofragem metálica.

Os revestimentos serão compostos por três paramentos de alvenaria, o exterior de revestimento, o interno de suporte ao revestimento e o última de remate interior, sendo a fiada exterior de tijolo de barro vermelho maciço (0.23 x 0.07 x 0.11) e as restantes em blocos em betão normal (0.20 x 0.50 x 0.20), o seu interior possui caixa de ar, o revestimento interno é composto por camada de regularização e estuque pintado de branco com cerca de 2 cm.

A espessura proposta das paredes exteriores não decorre de exigências de dimensionamento estrutural, mas antes do espaço necessário para garantir a ventilação adequada dos Jazigos Individuais.

Estes Jazigos serão construídos em betão armado, estando previstos pequenos orifícios destinados à ventilação na sua parte posterior.

As lajes de pavimento serão revestidas com mono-massa de aglomerado calcário como solução corrente.

No entanto, os pavimentos de algumas áreas serão revestidos em tijolo maciço de barro vermelho (0.23 x 0.07 x 0.06).

As guardas serão executadas em perfis metálicos que serão objecto de tratamento anti-ferrugem e pintados na cor cinza escuro.

- Bloco Administrativo:

A construção destes edifícios será executada segundo um processo misto utilizando estrutura metálica, betão armado através de cofragem metálica e alvenarias de blocos de betão revestidos e pintados na cor branca.

Os revestimentos da parede exterior serão compostos por três paramentos de alvenaria, o exterior de revestimento, o interno de suporte ao revestimento e o última de remate interior, sendo a fiada exterior de tijolo de barro vermelho maciço (0.23 x 0.07 x 0.11) e as restantes em blocos em betão normal (0.20 x 0.50 x 0.20), o seu interior possui caixa de ar revestida a placas de cortiça de 8cm de espessura o revestimento interno é composto por camada de regularização e estuque pintado de branco com cerca de 2 cm.

A cobertura e o coroamento destes blocos serão revestidos a chapa de zinco sobre suporte executado em perfis tubulares metálicos, sendo o lanternim em painel de vidro laminado transparente com película de auto-limpeza.

No seu interior, os pisos serão construídos em lajes de betão armado suportadas por pilares metálicos constituídos por perfis HEB, sendo as escadas e as respectivas guardas executadas em perfis metálicos.

Todos os elementos de construídos em ferro serão objecto de tratamento anti-ferrugem e pintados na cor cinza escuro.

As lajes de pavimento serão revestidas com mono-massa de aglomerado calcário que será substituído, nas escadas, pela aplicação de chapas de revestimento anti-derrapante metalizado.

- Crematório:

A construção deste edifício será executada segundo um processo misto utilizando estrutura metálica, betão armado através de cofragem metálica e alvenarias de blocos de betão revestidos e pintados na cor branca.

Os revestimentos da parede exterior serão compostos por três paramentos de alvenaria, o exterior de revestimento, o interno de suporte ao revestimento e o último de remate interior, sendo a fiada exterior de tijolo de barro vermelho maciço (0.23 x 0.07 x 0.11) e as restantes em blocos em betão normal (0.20 x 0.50 x 0.20), o seu interior possui caixa de ar revestida a placas de cortiça de 8cm de espessura o revestimento interno é composto por camada de regularização e estuque pintado de branco com cerca de 2 cm.

A cobertura e o coroamento destes blocos serão revestidos a chapa de zinco sobre suporte executado em perfis tubulares metálicos, sendo o lanternim em chapa de vidro laminado transparente com película de auto-limpeza.

No seu interior, os pisos serão construídos em lajes de betão armado suportadas por pilares metálicos constituídos por perfis HEB, sendo as escadas e as respectivas guardas executadas em perfis metálicos.

Todos os elementos de construídos em ferro serão objecto de tratamento anti-ferrugem e pintados na cor cinza escuro.

Nos pavimentos das áreas de serviço mais concretamente nas destinadas a uso intenso, a opção foi pelo granito preto Angola polido e por superfície em massa epoxy auto-nivelante na cor cinza médio, por garantirem elevada durabilidade, nos espaços mais pequenos a preferência foi pela utilização de mármore branco Estremoz com o intuito de explorar as propriedades do material na intensificação da luz natural.

Nas áreas destinadas a utentes a preferência foi por matérias naturais como pavimentos em pedra ornamental e soalhos de madeira que reforçassem um clima de conforto e uma aproximação a elementos naturais.

O crematório é constituído por duas grandes áreas destinadas a utentes, o salão cerimonial e a sala de espera para a recolha das cinzas.

No salão cerimonial as áreas de passagem serão executadas em lajetas de ardósia clivada e encerada, com 0.60 x 0.60 x 0.02 , o quadrado interior desta área cerimonial será executado em soalho à portuguesa em madeira de casquinha , 0.19 x 2.60 x 0.02 cujo acabamento será afagado, polido e encerado. No remate entre os dois materiais existirá um friso em aço inoxidável.

Os bancos corridos do salão cerimonial serão revestidos a mármore branco Estremoz polido.

A sala de espera das cinzas será executada com recurso a dois materiais, lajetas de granito preto Angola polido e soalho à portuguesa em madeira de casquinha, 0.19 x 2.60 x 0.02 cujo acabamento será afagado, polido e encerado, existirão dois remates, um em lajetas de pedra de moleano granulado médio e friso em aço inoxidável. (anexos 24, 26 e 27)

Na materialidade dos tectos nas áreas de serviço optou-se por várias soluções de laje descobrada em espaços de carácter industrial e tectos falsos em painéis de gesso cartonado pintados com tinta plástica na cor branca. Nas áreas mais nobres como o salão cerimonial o forro será executado em tabuado de madeira de casquinha envernizada (anexos 29 e 30).

- Campos de Inumação:

Os muros associados a estes Campos serão construídos em betão armado branco através de cofragem metálica.

Estão previstos nos muros pontos de água para rega e lavagem.

9. CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste Projecto, que tem na sua origem o interesse no trabalho sobre o 'Espaço da Memória' na área envolvente ao Palácio Nacional da Ajuda -onde se insere o Cemitério da Ajuda e que contém um conjunto de factos urbanos de grande importância cultural e patrimonial - conduziu à realização de uma viagem pelos primórdios da Arquitectura, na tentativa de compreender a vontade de perpetuação que nos levou a erigir os primeiros túmulos individuais e colectivos e de procurar associar esse interesse à História da Arquitectura.

As grandes questões suscitadas pelo desenvolvimento do Projecto passam pelas premissas base da Arquitectura, nos seus diferentes contextos e solicitações, e recaem sempre no domínio da ordem que sustenta a organização dos edifícios no território:

A articulação, num sistema espacial que lhes confira significado, da organização de um percurso poético, icónico, e ritual, e da geração do espaço cemiterial, devendo a qualidade formativa desse percurso promover a complexa ligação entre a fluidez da Cidade e o diálogo dos Limites do Cemitério com a envolvente, promovendo o desenvolvimento do espaço cemiterial.

Destes objectivos surgiu a Ideia de um dispositivo funcional para a realização de rituais fúnebres e para a regularização do suporte físico da Morte, sem pretender restringir a expressão do gosto individual mas sugerindo novas opções organizativas de fundo.

Sendo provavelmente o Túmulo a primeira expressão de Arquitectura, embora parcial pelo facto de não ter uma Função entendida como Vida, constitui a primeira tentativa de caracterizar a Identidade, física e simbólica do Lugar.

Foi com pesar que verifiquei uma perda crescente da inscrição da memória no Cemitério contemporâneo, sendo recorrente nos dias de hoje a deficiente manutenção física dos monumentos fúnebres e o enorme desinteresse cultural dos cemitérios urbanos, deixando por explorar o seu inegável potencial no plano do Turismo Cultural.

Nos últimos anos, a cremação tem ganho importância significativa como resposta ao problema do tratamento da Morte.

No entanto, esta prática contém a negação da contribuição da Arquitectura para o mistério e solenidade da Morte em resultado da eliminação do sepultamento.

A cremação em massa deixa uma profunda ferida na arte cemiterial, porque a ausência de um corpo humano, um referencial estruturante e dimensional, conduz à ausência de solução para este problema e os motivos são vários, desde os socioeconómicos, culturais, de negação da Morte e de Deus até a falta interesse político.

Parece-me, todavia, que a História da Humanidade nos tem ensinado que a falência das respostas para os diversos problemas que a Vida proporciona, sendo a Morte inseparável da Vida, abre espaço para novas respostas, para novos conceitos ou para a reinterpretação de modelos anteriores, tendo sido este o objectivo último deste Projecto.

Lisboa, Janeiro de 2012

BIBLIOGRAFIA

ALBINO CLETO (*Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa*), fonte: <http://lisboaverde.cm-lisboa.pt/index.php?id=3954> (16-07-2011)

AFONSO, LUÍS FILIPE FERREIRA, *Arquitectura da cidade, limite e forma urbana* [texto policopiado] / Lisboa : FAUTL, 1996

AFONSO, LUÍS FILIPE FERREIRA (2009), "Artitextos: 07 : Urbanismo. Arquitectura. Design. Moda" » A disciplina da composição e a prática do projecto, CEFA (Editorial da Faculdade de Arquitectura) + CIAUD (Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design)- p.11-34

ASPLUND, GUNNAR, «Memória Descritiva da Capela do Bosque» (1918-20), in Calbendy y Hultin, *ab. cit.* (1985), p.66..

BIERMANN, V. et al (2003) *Teoria dell'architettura* Taschen Koln

FAZENDA, CARLOS, em co-autoria com João Almeida e José Martins Pereira <http://arquitecturadecemiterios.blogspot.com> arq.carlosfazenda@gmail.com

FERLENGA, A. (2002) *Aldo Rossi: The Life and Works of an Architect* Konemann

FERREIRA, J. M. SIMÕES (2009) *Arquitectura Para a Morte: Questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura*, Fundação Caloust Gulbenkian, pag. 819, 1160

GUADAGNINI, W. *Il Cimitero di Modena* Oltre Magazine, URL: <http://www.oltre magazine.com/index/>

JOHNSON, E. *What Remains of Man-Aldo Rossi's Modena Cemetery* The Journal of the Society of Architectural Historians, Vol. 41, No. 1 (March, 1982), pp. 38-54

MATOS, B.A. (2001) *Avaliação da Ocorrência e do Transporte de Microrganismos no Aquífero Freático do Cemitério de Vila Nova Cachoeirinha, Município de São Paulo*. São Paulo, 172 p. Tese (Doutorado). Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo.

MONEO, R. (1976) *Aldo Rossi: The Idea of Architecture*{He, 2010 #1058} and the Modena Cemetery,
in *Oppositions* 5

PACHECO A. Cemitério e meio ambiente. São Paulo: Instituto de Geociências da USP; 2000, n.33, p.13-15

POWERS, A. *Obituary: Aldo Rossi* The Independent Sep 16, 1997
URL http://findarticles.com/p/articles/mi_qn4158/is_19970916/ai_n14133213

POSOTTO, P. et al *Care Architetture: scritti su Aldo Rossi*

QUEIROZ, FRANCISCO « Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal»
Fonte: <http://franciscoeanamargarida.planetaclix.pt/perfis.htm>

RAMOS, Rosa, «Mais de metade dos funerais realizados em Lisboa são cremações»
Publicado no jornal i em 28 de Outubro de 2010.

REZENDE, E.C.M. (2000) *Metrópole da Morte: Necrópole da Vida*. São Paulo, Carthago. 108 p.

ROSSI, A. (2001) *A Arquitetura da Cidade* Editora Martin Fontes, São Paulo

ROSSI, ALDO, BRAGHIERI, GIANNI, «*Memória Descritiva do Projecto para o cemitério de San Cataldo a Modena*» (1971) in Ferenga, Alberto, Aldo Rossi, *Opera completa 1959-1987*, Milano, 1996, p. 55

ROSSI, A. (1984) *A Scientific Autobiography* The MIT Press

SOLÀ-MORALES, I. (2005) *Archeologia del moderno. Da Durand a Le Corbusier* (a cura di) Michele Bonino e Daniele Vitale Umberto Allemandi & C.

TAFURI, M. (1990) *The Sphere and the Labyrinth: Avant-Gardes and Architecture from Piranesi to the 1970's*, Cambridge: The MIT Press.

Indicação do número de palavras:
15.614

ANEXOS

Anexo 1

Fotos da envolvente ao cemitério da Ajuda:





Anexo 1 - 2



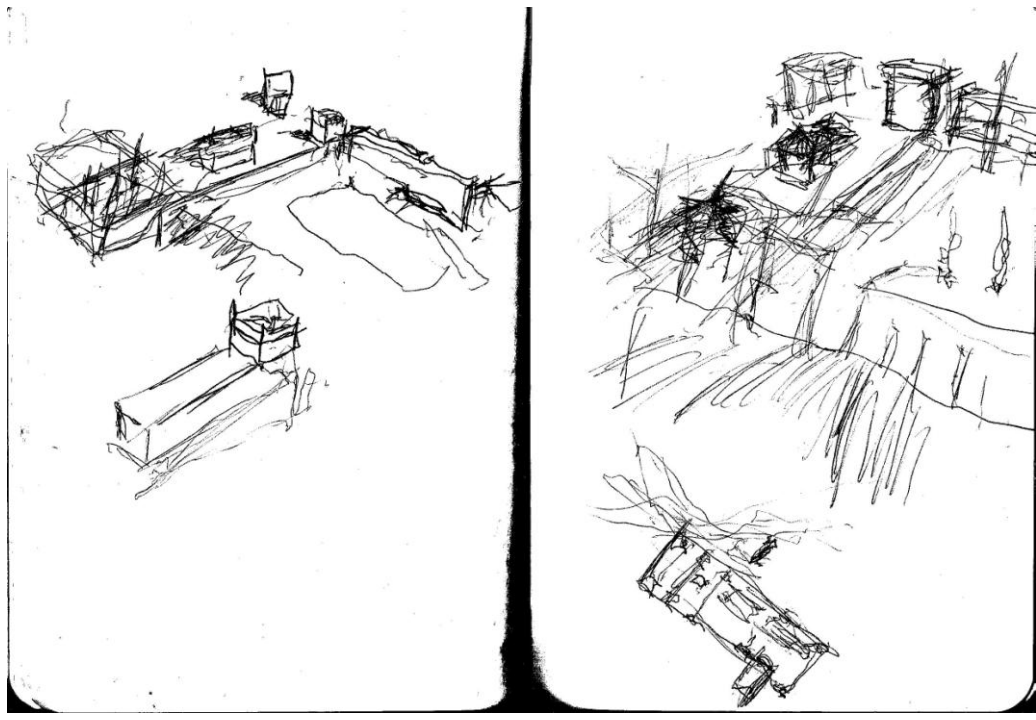


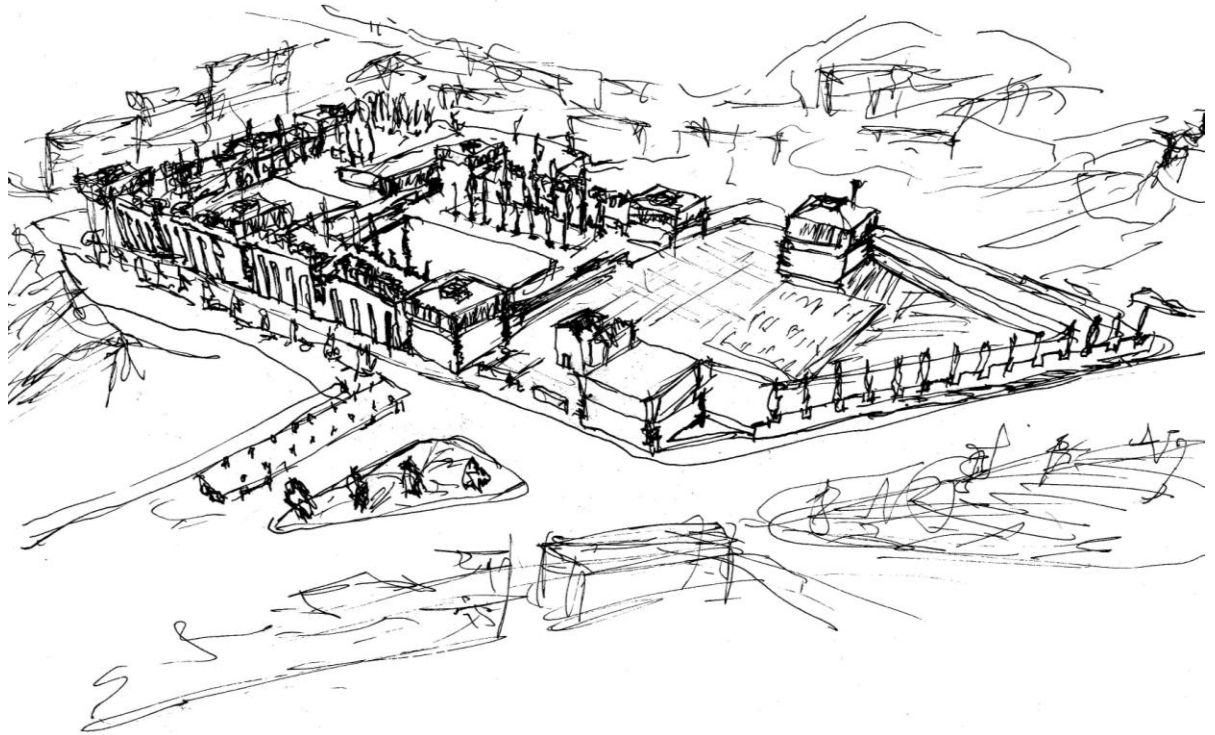
Anexo 1 - 4



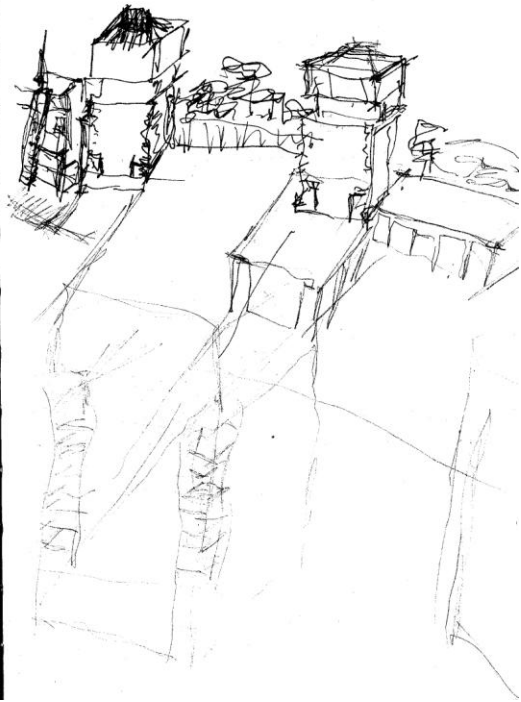


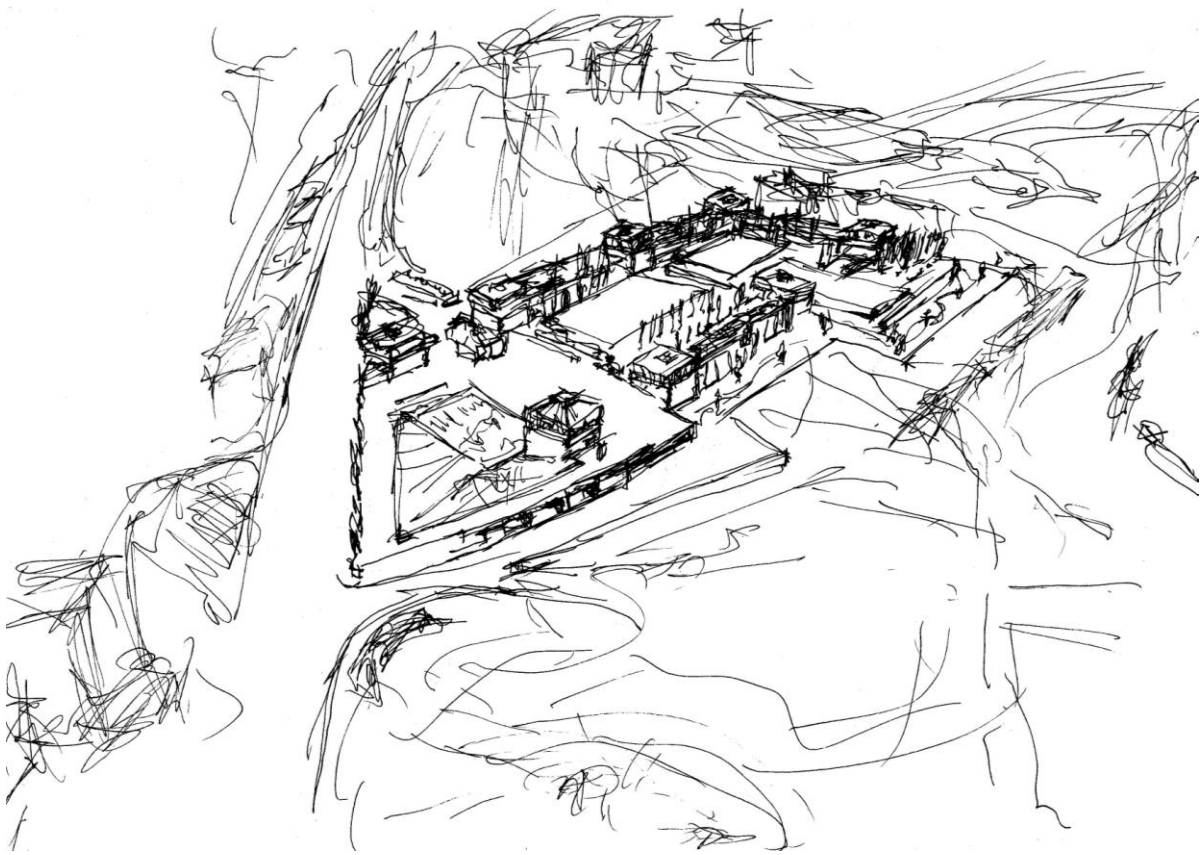
Anexo 1 - 6





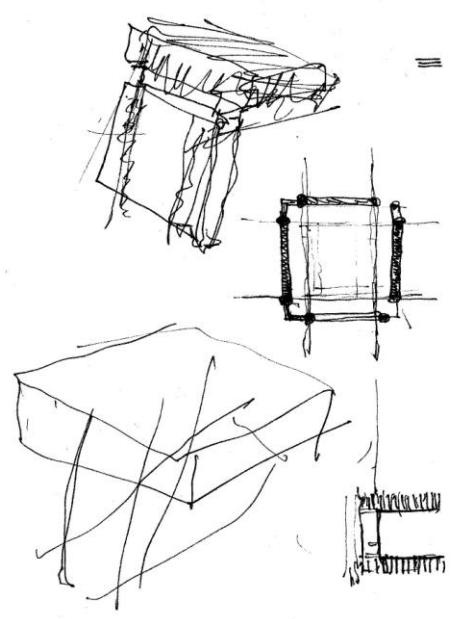
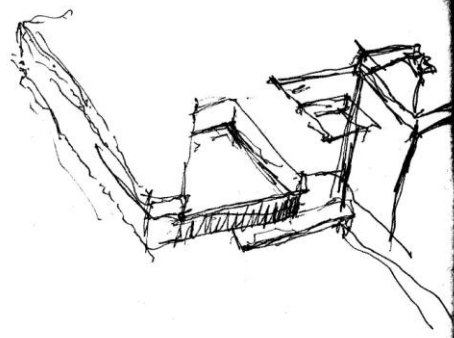
A morte é de natureza doméstica
 por todo o sentido transportar os
 conceitos de habitar na formalização
 do edifício do cemitério.
 O espaço dos vivos é o espaço de encon-
 tro com nós próprios o local de
 encontro pessoal a cada dos mortos é o
 espaço de encontro simbólico da memória
 dos que permanecer entre os vivos,
 lugar que se deve prestar a lembranças o
 desejo dos vivos memória.

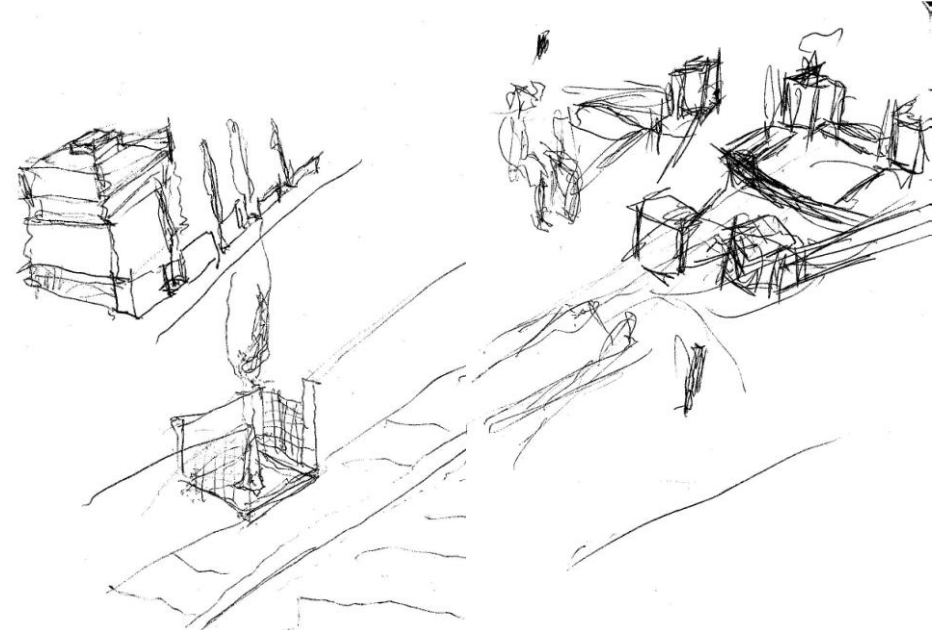
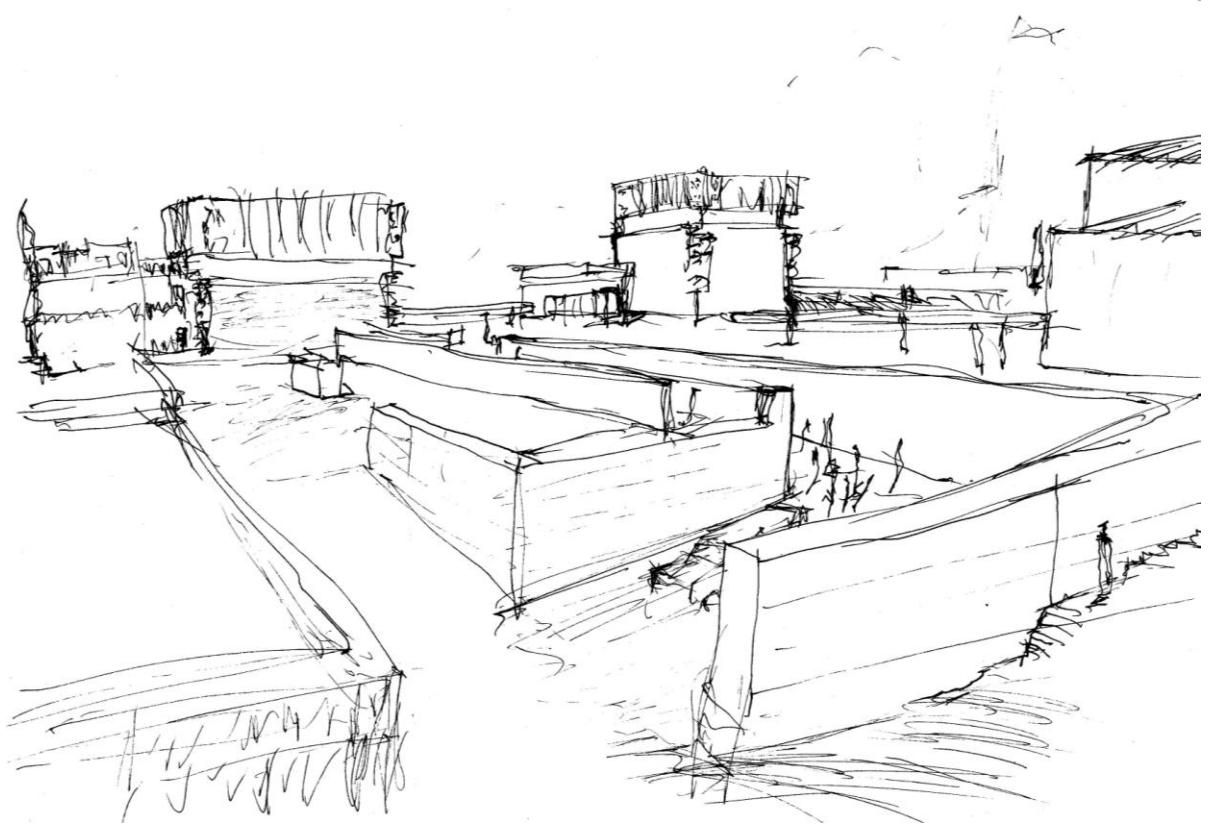


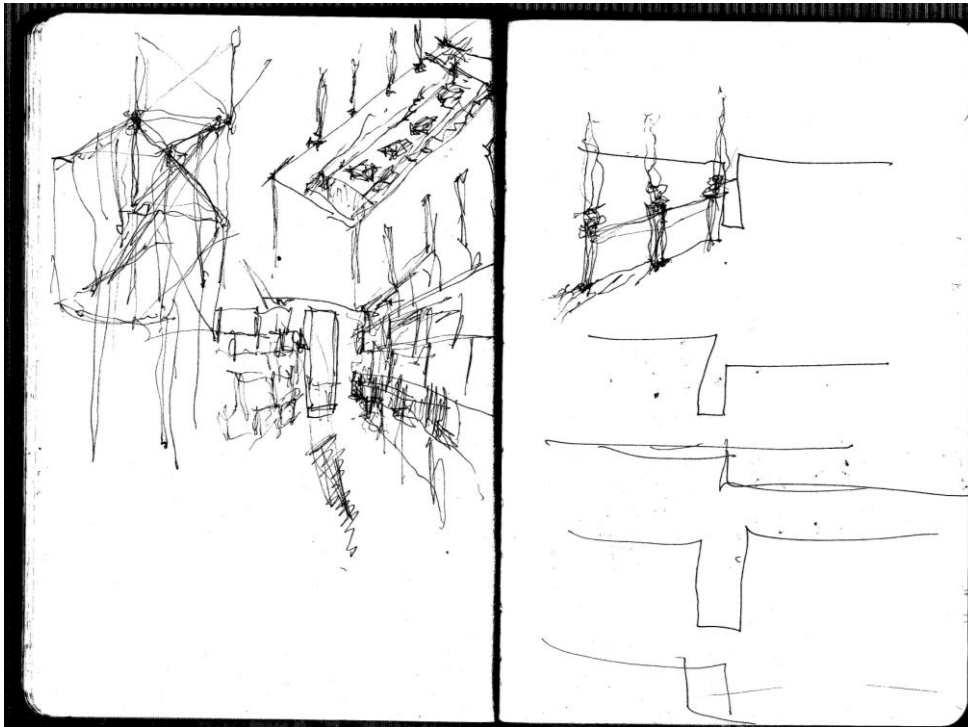


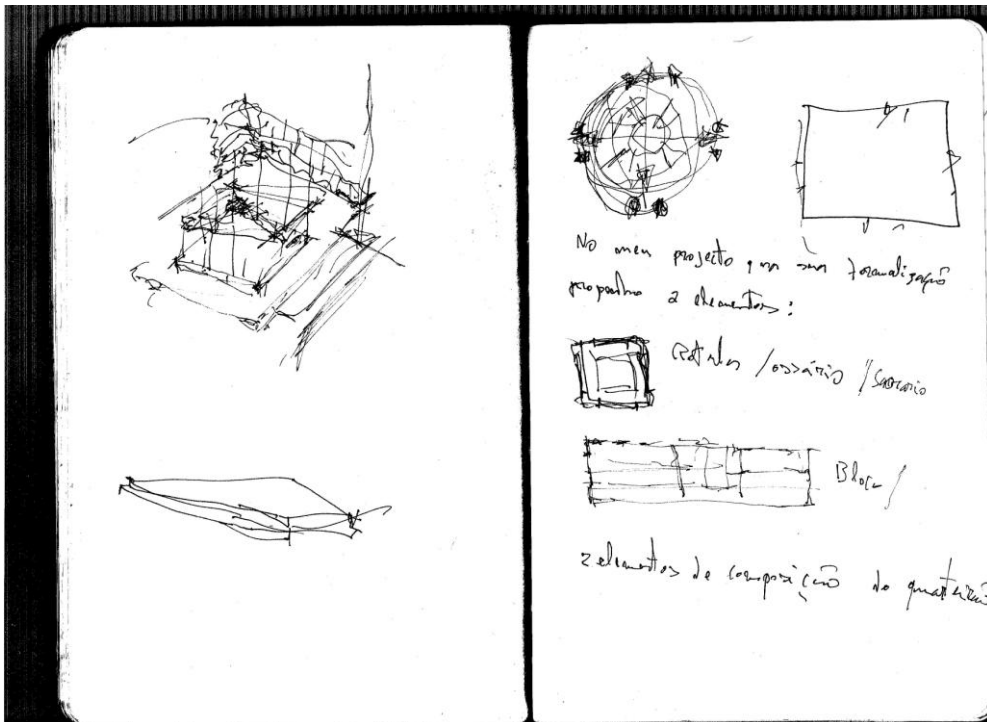
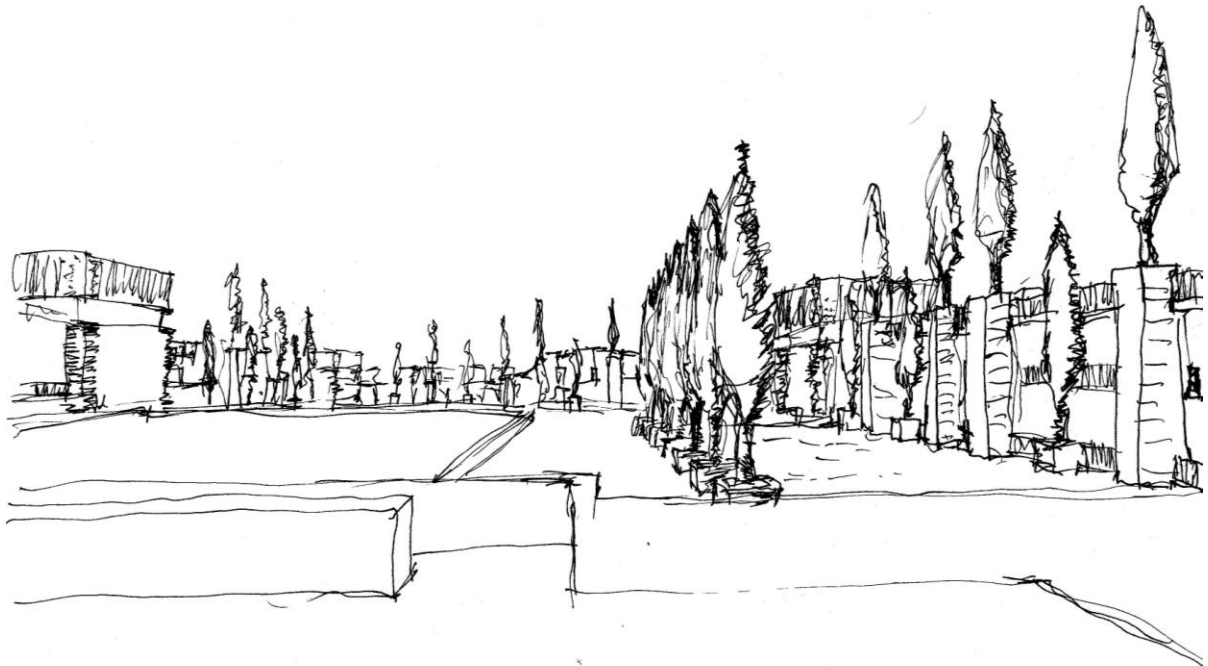
La Forma Proceso

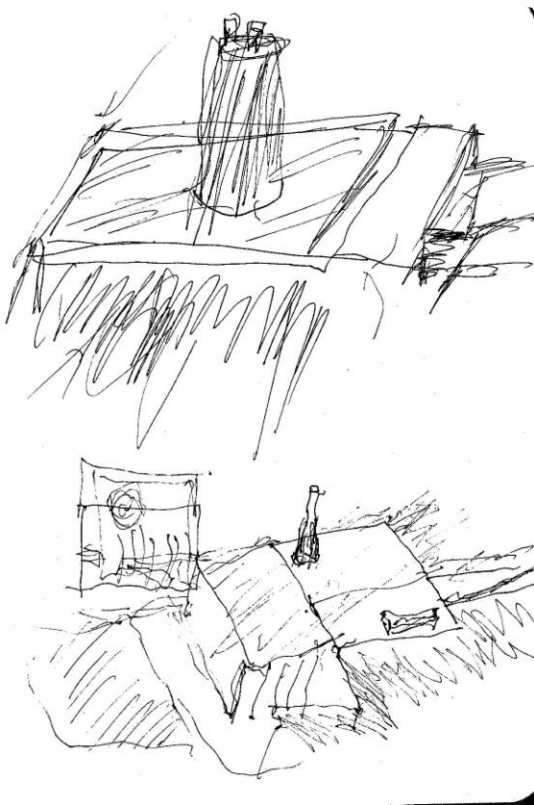
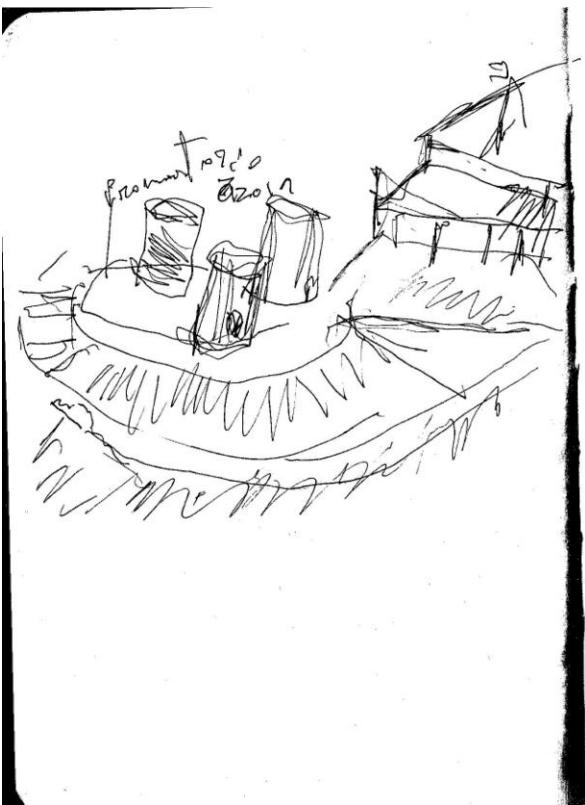
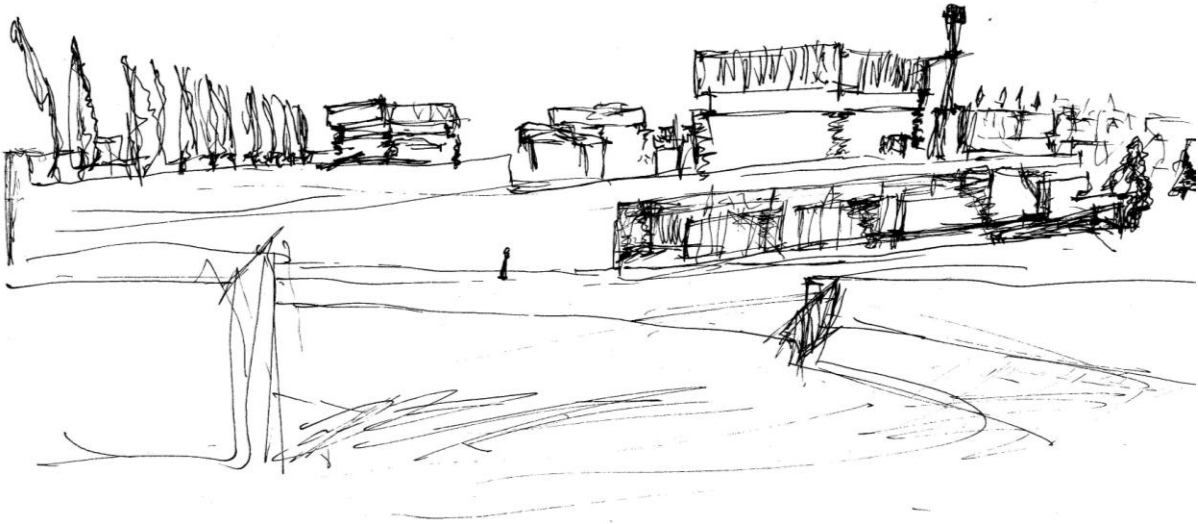
Los cuerpos o espacios i definen a
 forma i transmiten datos no puros
 los elementos matemáticos de materia,
 material o su carácter expresivo,
 textural i cromático.





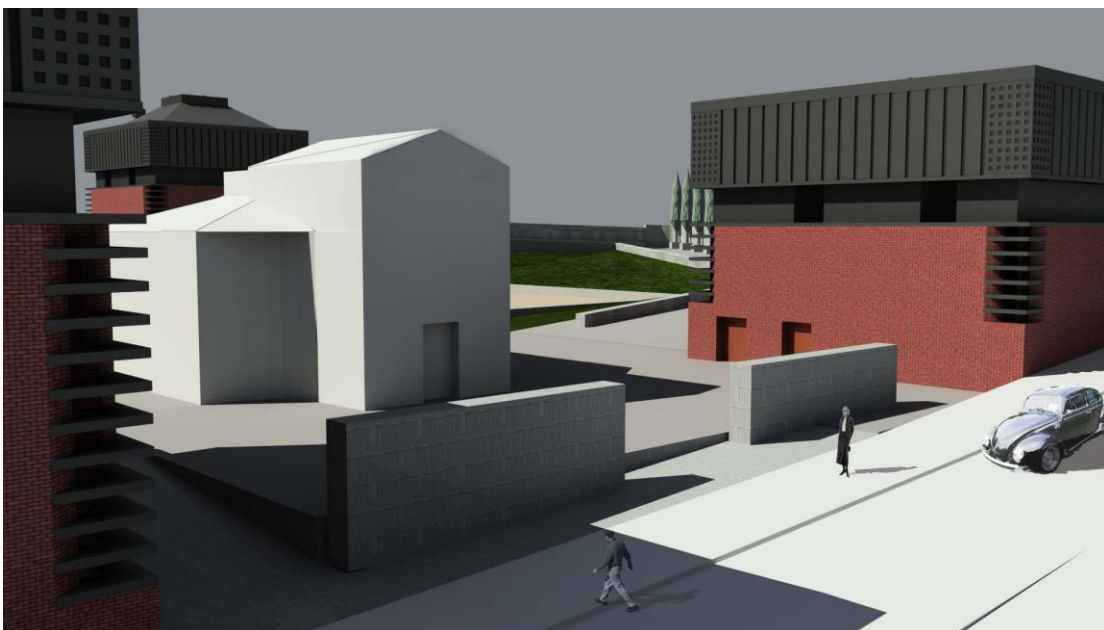






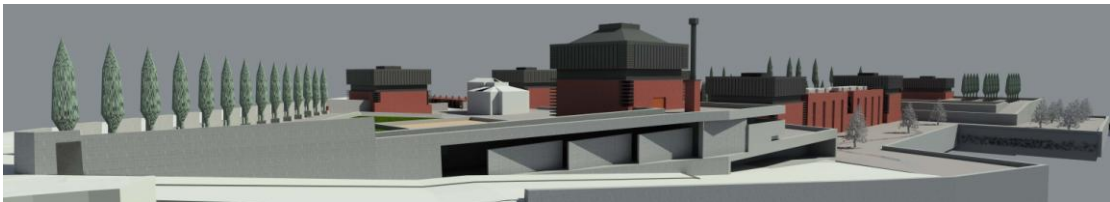
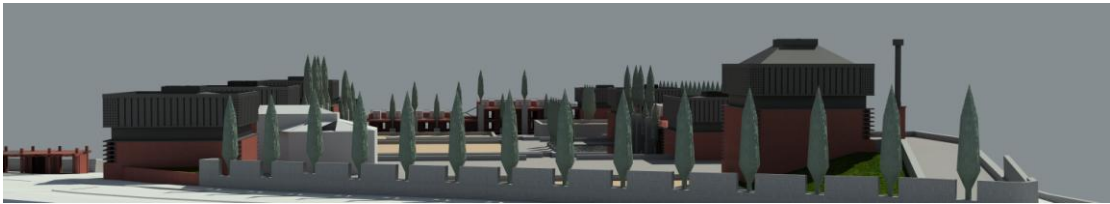
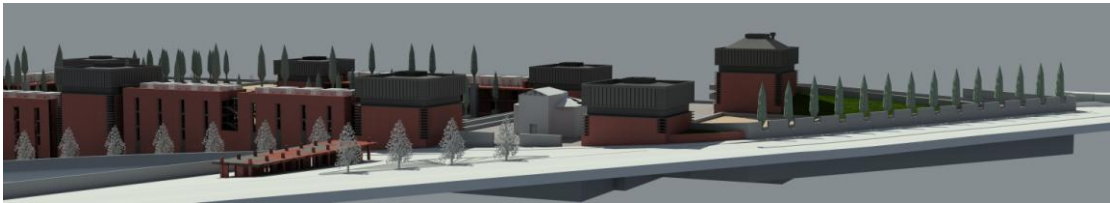
Anexo 3

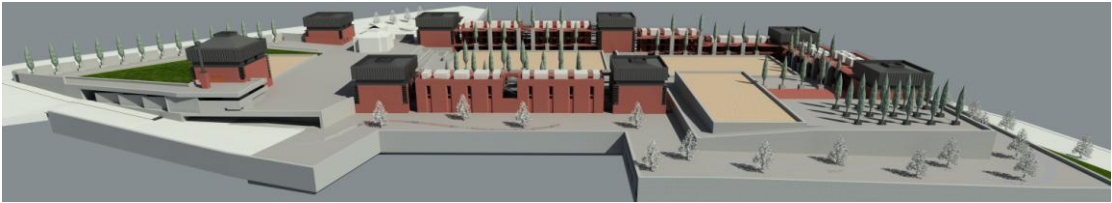
Maqueta Digital:



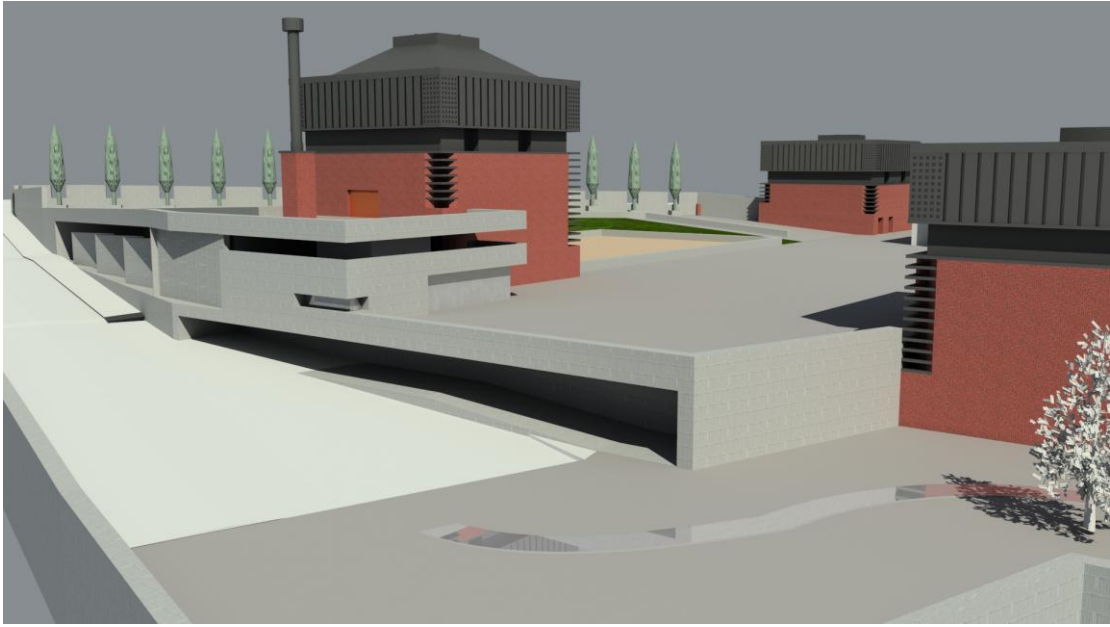


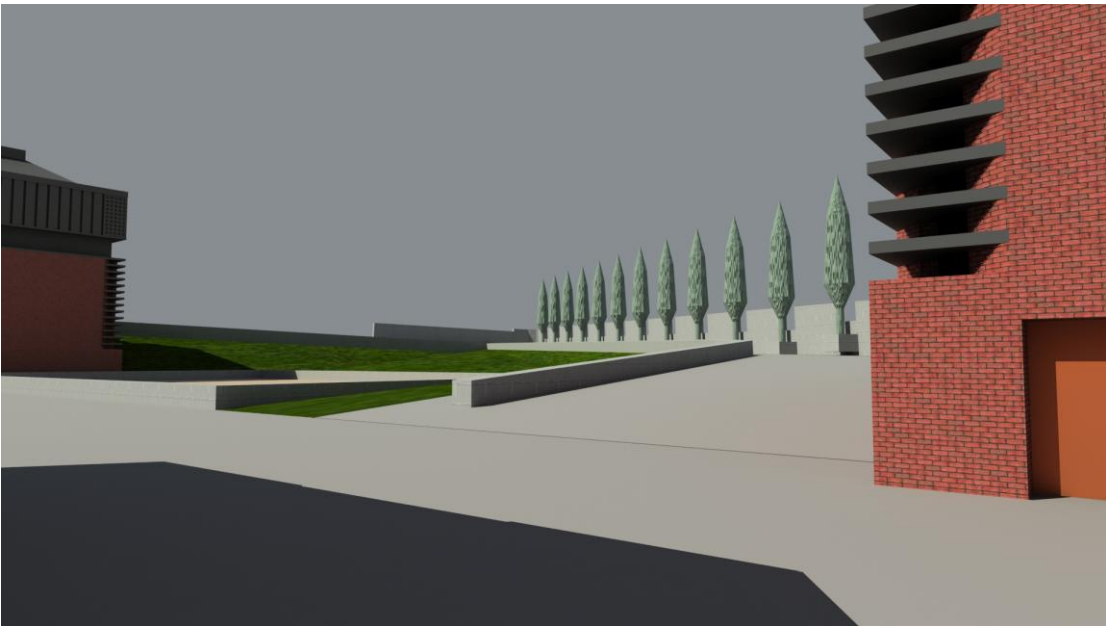
Anexo 3 - 2



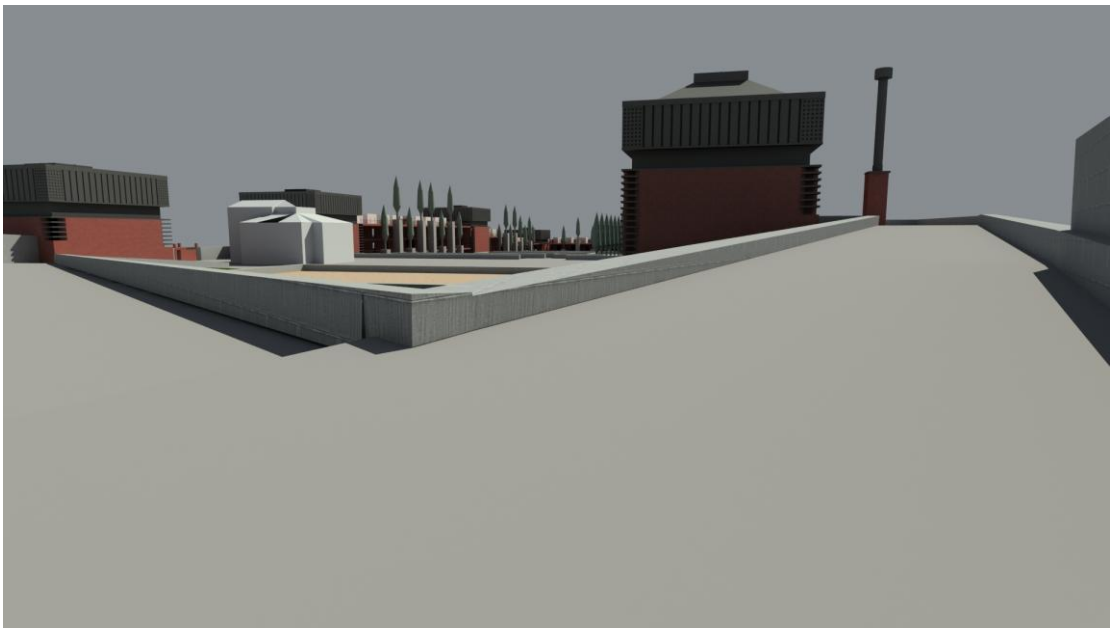
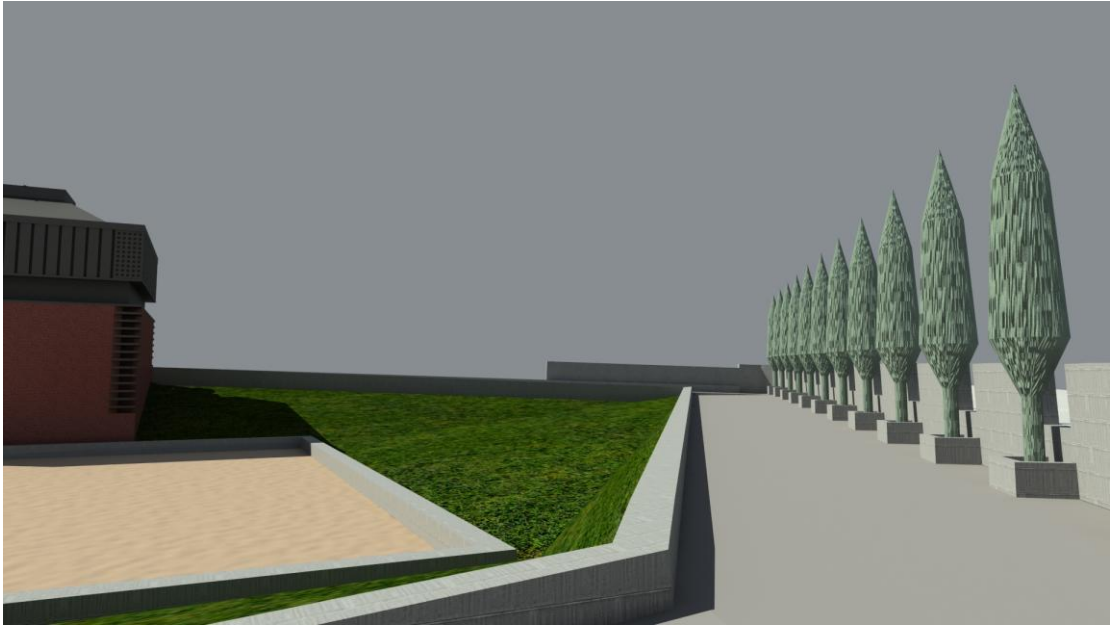


Anexo 3 - 4



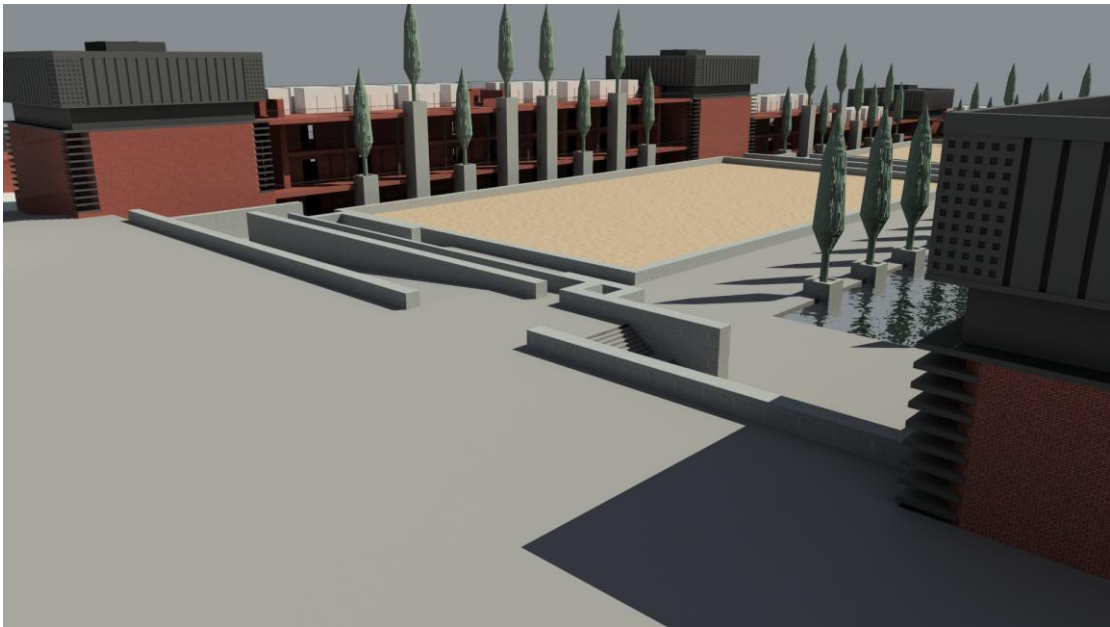


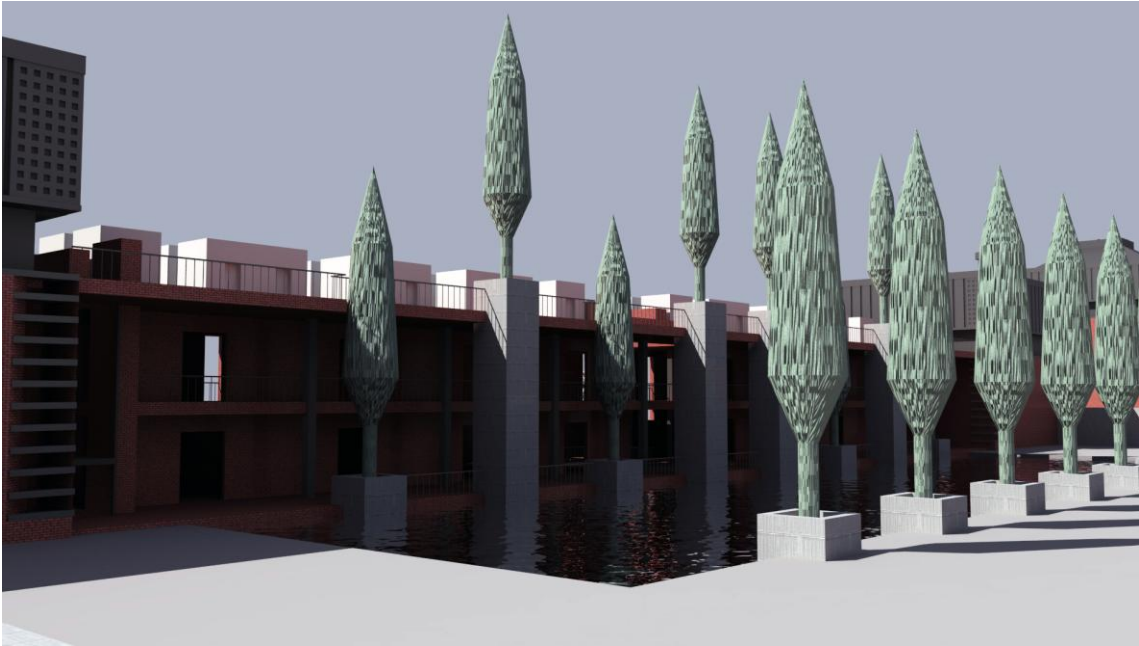
Anexo 3 - 6



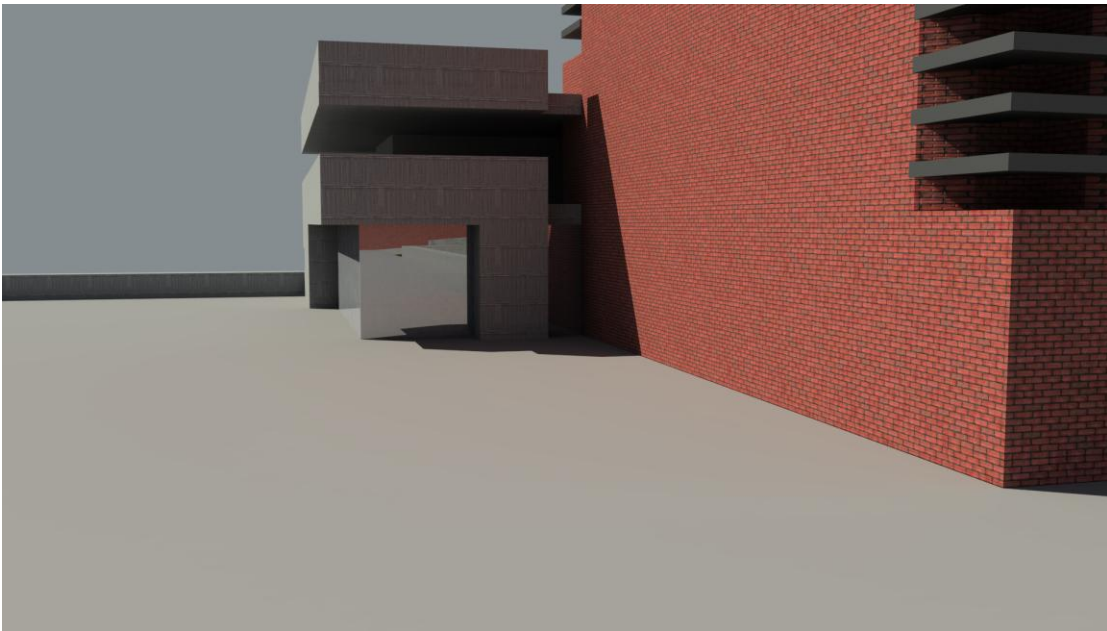
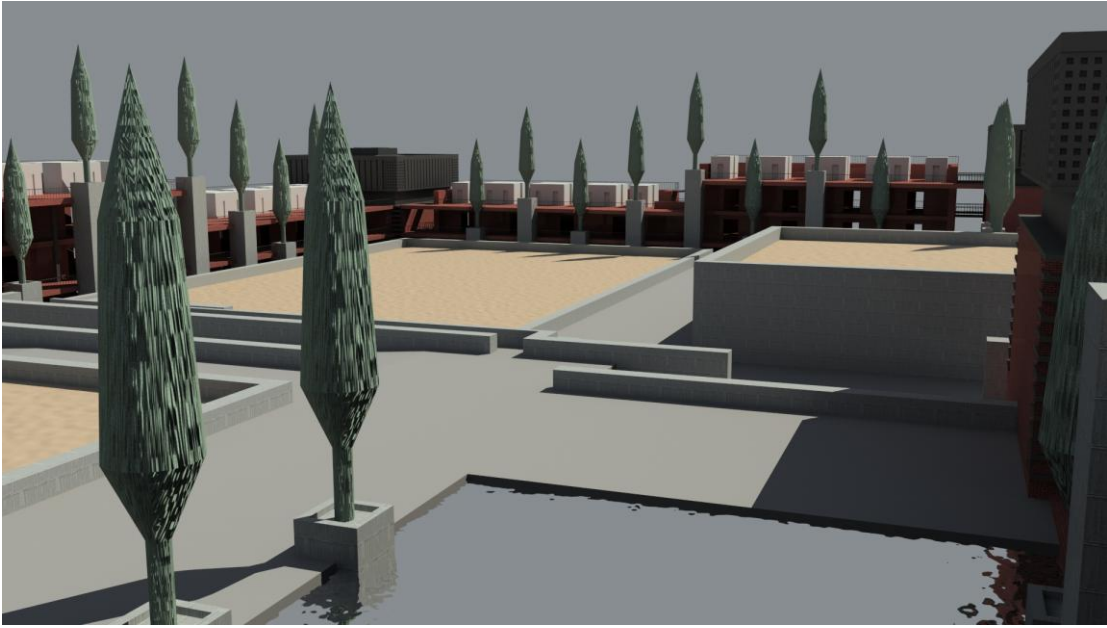


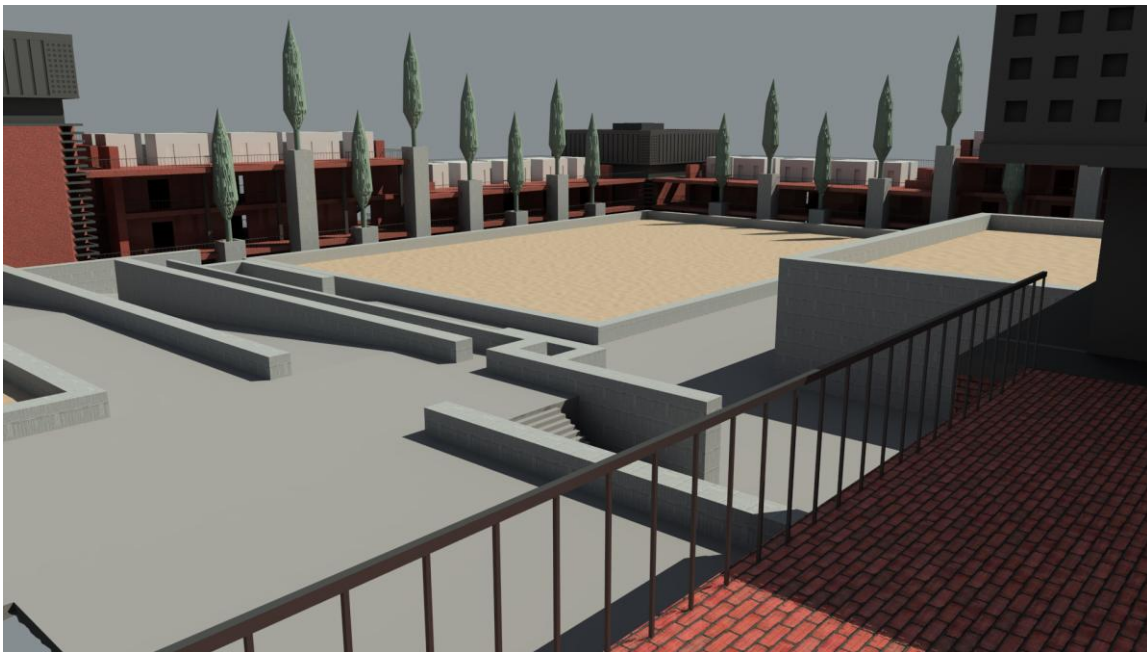
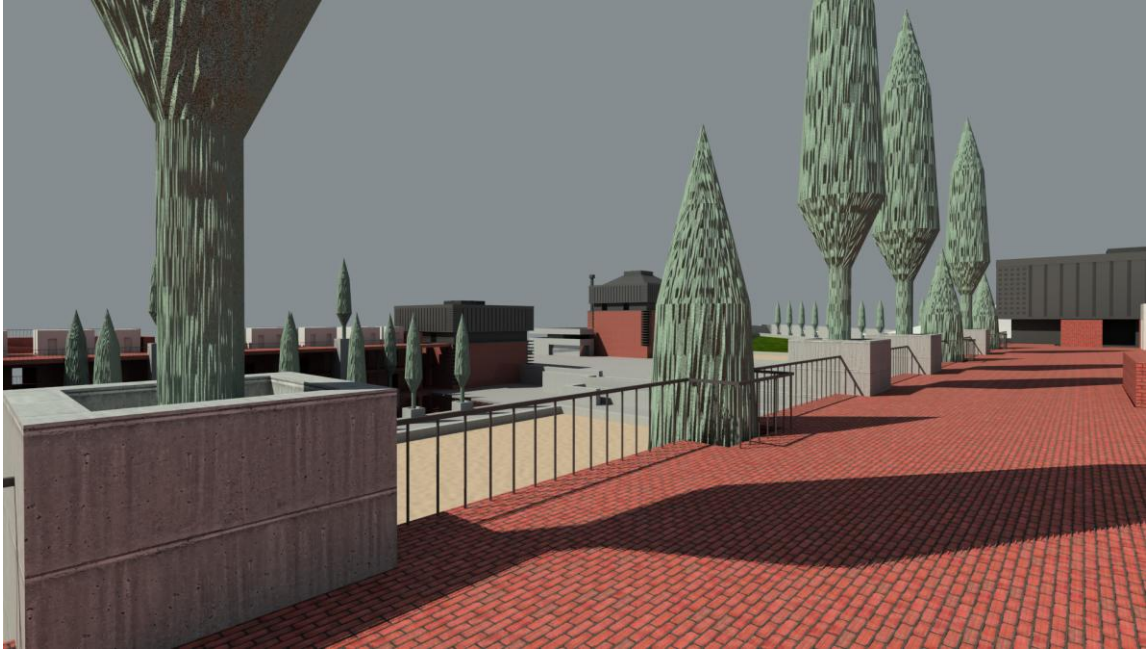
Anexo 3 - 8

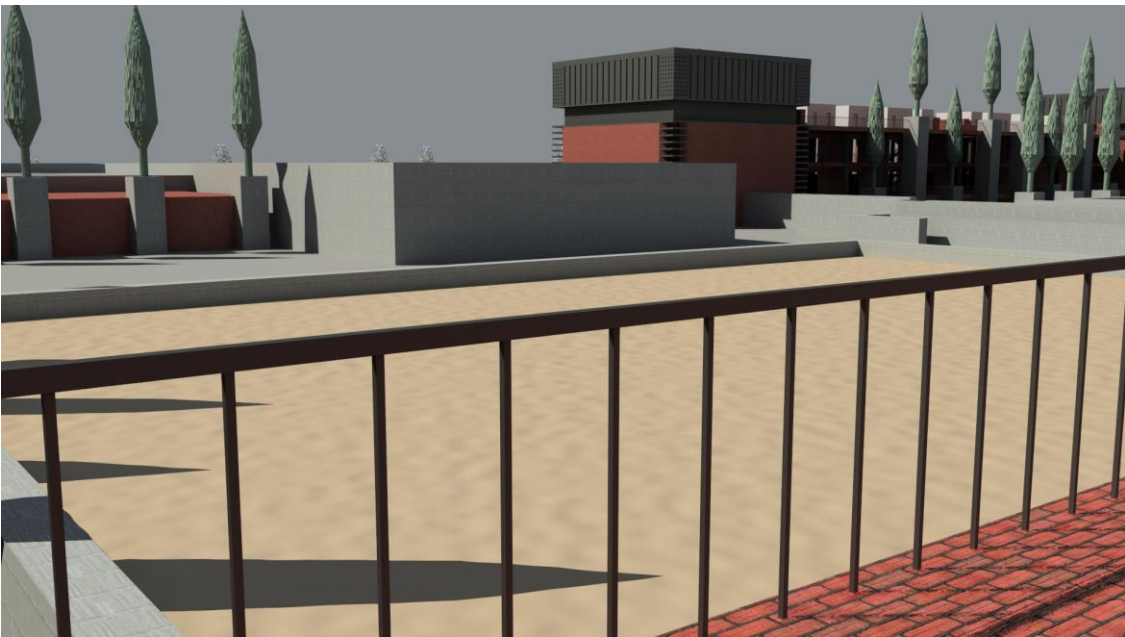
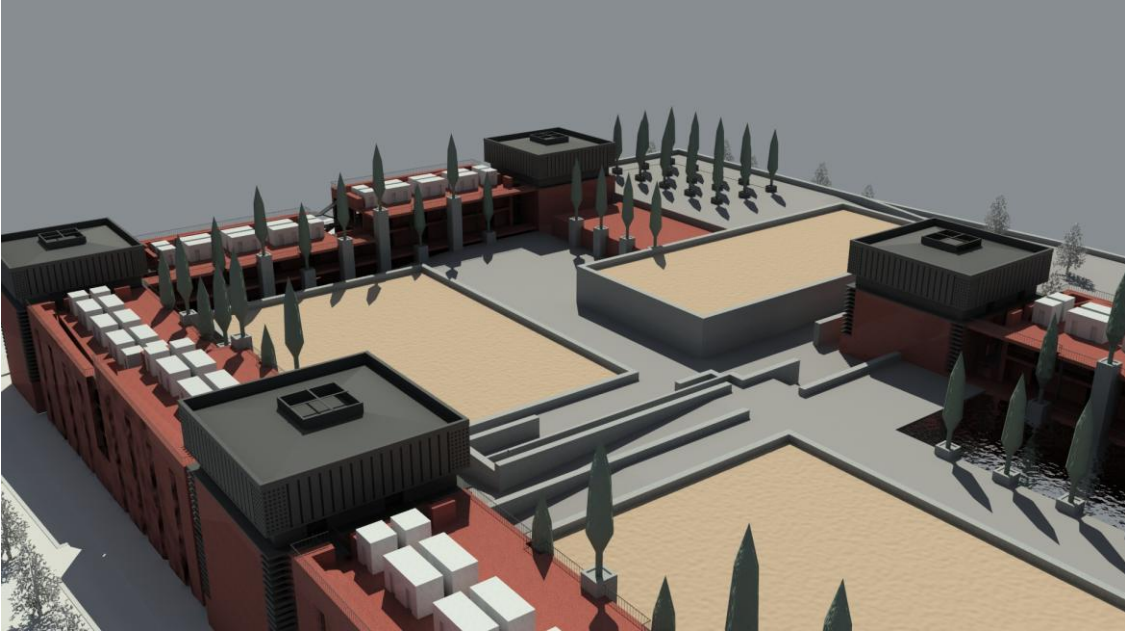


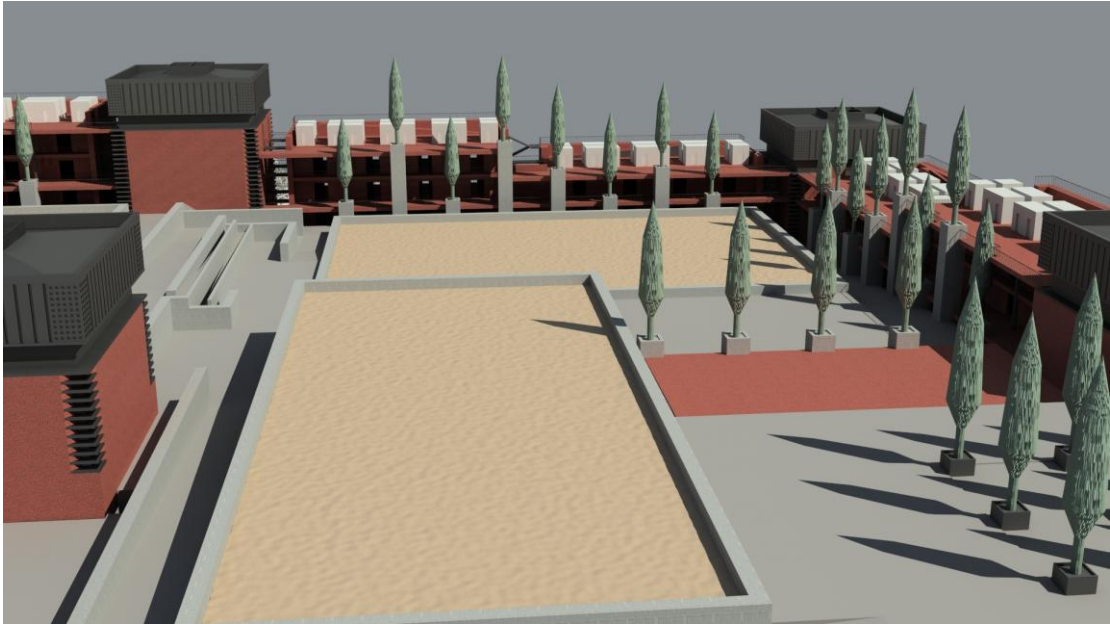


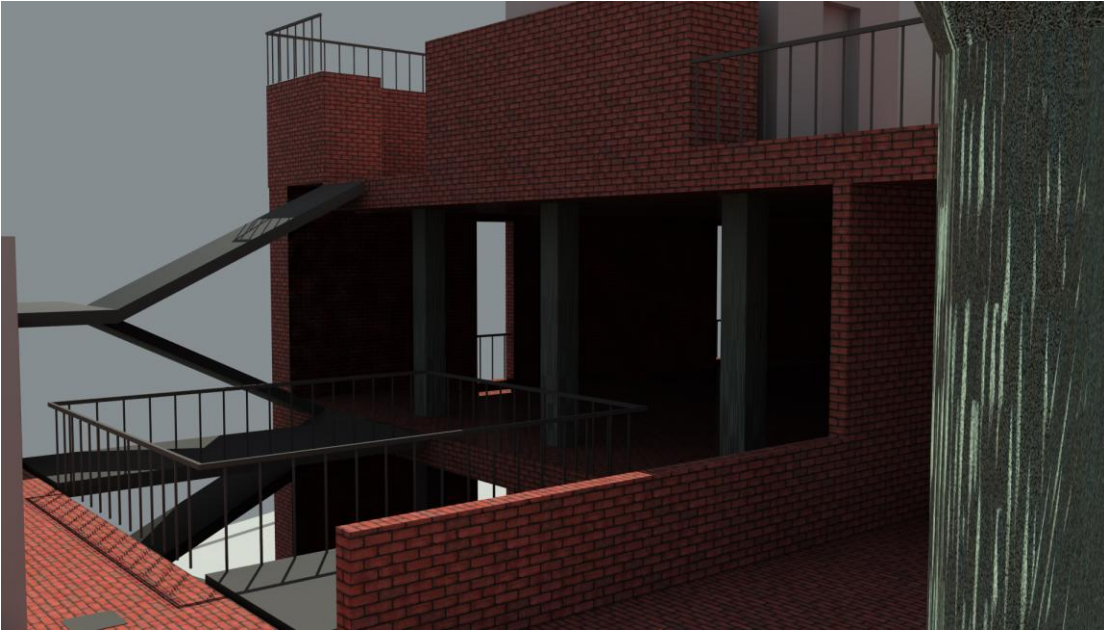












Anexo 4

Desenhos Técnicos: